



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

EDSON JOSÉ DO NASCIMENTO

**CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA DE
IBIPORÃ/PR**

Londrina
2019

EDSON JOSÉ DO NASCIMENTO

**CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA DE
IBIPORÃ/PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Adriana Castreghini de Freitas Pereira.

Londrina
2019

EDSON JOSÉ DO NASCIMENTO

**CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA DE
IBIPORÃ/PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof.^a Dr.^a. Adriana Castreghini de
Freitas Pereira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dr.^a. Jeani Delgado Paschoal Moura
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dr.^a. Mafalda Nesi Francischett
Universidade Estadual de Francisco Beltrão - UEL

Londrina, 15 de abril de 2019.

Dedico essa Dissertação à minha esposa Angélica Faversoni, maior incentivadora e responsável por eu estar neste programa de Pós Graduação, pois sem as possibilidades criadas por Ela, não me arriscaria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pela vida e a vontade de estar sempre buscando novos desafios, as minhas filhas Flavia e Isabele, pois houve momentos em que o pai precisou estudar e as deixou de lado, mesmo que fosse apenas por alguns momentos.

A minha esposa Angélica Faversoni, que sempre esteve ao meu lado, me incentivando, mostrando que vale a pena o esforço, mesmo que seja apenas uma realização pessoal.

Aos professores da Pós Graduação, Maria Del Carmen, André Celligoi, José Paulo Pinesi, Antonio Aledo (Espanha), Tânia Maria Fresca, Raquel Kritsch (Ciências Sociais), Jeani Delgado Paschoal Moura, Eduardo Marandola, Werther Holzer, meus agradecimentos pela dedicação que demonstraram a todo momento.

A minha Orientadora, Adriana Castreghini de Freitas Pereira, que sempre teve paciência e força de vontade para demonstrar que a perseverança acaba por dar resultados.

Aos amigos, que sempre estiveram presentes, nas aulas, no *whatsapp*, tirando dúvidas nas horas difíceis.

Aos amigos da Embrapa, especialmente Dr. Fábio Álvares, Laércio Fadeli, Geraldo Lonien e Antonio Ferreira Mendes (Tonhão), e aos demais motoristas que não mediram esforços para trocar horários, quando as aulas aconteciam em dias de trabalho. A todos, meu muito obrigado, que Deus os recompense e dê em dobro tudo que fizeram por mim.

Maquete uma representação cartográfica em três dimensões, de uma parte ou do todo da realidade que ofereça um interesse especial, ou seja, a representação da realidade que utiliza símbolos e signos para expressar informações. FRANCISCHETT, 2004.

NASCIMENTO, Edson José. **Contribuições para o ensino da Geografia de Ibiporã/PR**. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Universidade Estadual Londrina, Londrina 2019.

RESUMO

Novas práticas de ensino são bem-vindas, uma vez que a educação deve caminhar sob olhar atento às transformações que ocorrem na sociedade atual, onde a informação circula rapidamente. Portanto, tornar as aulas mais atraentes e envolver os estudantes na tarefa de aprender e compreender os conteúdos em sua realidade é fundamental para uma boa aprendizagem. Nesse sentido, esta pesquisa procurou analisar o material didático utilizado no ensino de Geografia, nas escolas públicas e privadas de Ibiporã/PR; o Caderno de Expectativas do Paraná, para a disciplina de Geografia: Os conteúdos a nível nacional, para o 7º ano, sobre as pequenas cidades, com o propósito de verificar se as temáticas são tratadas de modo que os estudantes se reconheçam e reconheça seu espaço de vivência nesses conteúdos, como referência para as temáticas geográficas. As temáticas trabalhadas foram: campo e cidade (no Paraná e no Brasil); tecnologia e agropecuária; o Brasil urbano; a urbanização; cartografia na aplicação prática e aulas de campo. Como proposta em colaboração com o Ensino Fundamental, buscou-se apresentar possíveis conteúdos para se trabalhar a pequena cidade, considerando o espaço de vivência do aluno nas aulas teóricas e como práticas de campo, com uso de mapas, maquetes, GPS, websites, Datashow, em aulas teóricas e práticas, onde se busca trabalhar a Paisagem, com imagens que mostram desde o início de Ibiporã até os dias atuais, comparando como foi e como é hoje a cidade de Ibiporã, ainda considerando a Conurbação, Ibiporã/Londrina/Cambé, como ela surgiu, e o porquê das conurbações em certas regiões. Realizou-se também um trabalho de campo, considerando o espaço da fazenda Santa Terezinha, campo experimental da Embrapa Soja em Londrina/PR, o Território como forma de poder e em diferentes níveis, federal, estadual, municipal e paralelo e ainda o controle das Fronteiras. Ainda buscou-se trabalhar os imigrantes e migrantes que colonizaram o Estado do Paraná, influenciando sua cultura, e a pequena cidade de Ibiporã, que será demonstrada através de uma maquete, além da possibilidade de se trabalhar na pequena cidade, com seus possíveis planos de aulas.

Palavras Chave: Ensino de Geografia. Ensino de Cartografia. Pequenas cidades.

NASCIMENTO, Edson José. **Contributions to geography teaching of Ibiporã/Pr.** 2019. 120 pp. Dissertation (Master in Geography) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

ABSTRACT

New teaching practices are welcome, since education must move under close watch on the transformations that occur in the nowadays society, where information circulates rapidly. Therefore, making classes more attractive, and involving students in the task of learning, and understanding the contents in their reality, are fundamental to good learning. In this sense, this research sought to analyze the didactic material used in Geography teaching, at the public and private schools of Ibiporã / PR; the Expectations Book of Paraná (Caderno de Expectativas do Paraná), for the discipline of Geography: The contents at the national level about the small cities for the 7th year, with the purpose of verifying if the themes, are treated so that the students recognize themselves and recognize their space of living in these contents as a reference for the geographical themes. The themes studied were the following: countryside and city (in Paraná and Brazil); technology and agriculture; urban Brazil; urbanization; cartography in the practical application, and field lessons. As a proposal in collaboration with the Elementary School, we tried to present possible contents to work in the small city, considering the environment of the student in the theoretical classes and as field practices, using maps, models, GPS, websites, slideshows, in theoretical and practical classes, where the Landscape is sought to work, with images that show from the beginning of Ibiporã to the present day, comparing how the city of Ibiporã was and still is today, and yet considering the conurbation between Ibiporã, Londrina, and Cambé, how it came to be, and why conurbations exist in certain regions. A field work was also carried out, considering the space of the Farm of Santa Terezinha and the experimental field of Embrapa Soja in Londrina / PR, the Territory as a form of power at different levels, federal, state, municipal and parallel and also the control of the Borders. It also sought to work the immigrants and migrants who colonized the State of Paraná, influencing their culture, and the small town of Ibiporã, which will be demonstrated through a model, and the possibility of working in the small town, with possible plans for classrooms.

Keywords: Teaching of Geography. Teaching of Cartography. Small cities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Megalópole São Paulo/Vale do Paraíba/Rio de Janeiro.....	32
Figura 02 - Praça Pio XII.....	43
Figura 03 - Área limite cidade de Ibiporã/PR	44
Figura 04 - Ibiporã/PR.....	45
Figura 05 - Construções das primeiras casas de Ibiporã/PR (1938).....	46
Figura 06 - O agronegócio.....	48
Tabela 07 - Agricultura primitiva.....	48
Figura 08 - Grande área verde do Brasil.....	52
Figura 09 - Mapas pictóricos.....	53
Figura 10 - Brasil digital.....	54
Figura 11 - Estrada de ferro Sorocabana.....	55
Figura 12 - Imagem digital de Ibiporã/PR.....	62
Figura 13 - Regiões geográficas do Paraná.....	64
Figura 14 - Cia de Terras Melhoramentos.....	65
Figura 15 - Desigualdades sociais.....	66
Figura 16 - Cidades grandes.....	71
Figura 17 - Ibiporã/PR década de 1930/40.....	72
Figura 18 - Início de Ibiporã/PR (1938).....	77
Figura 19 - Construção da ponte sobre o Rio Tibagi (1935).....	78
Figura 20 - Primeira igreja católica de Ibiporã/PR (1939).....	78
Figura 21 – Construção da estação ferroviária de Ibiporã/PR (1936).....	79
Figura 22 – Calçamentos da Rua Mario de Menezes com paralelepípedos em 1958.....	80
Figura 23 – Hospital Cristo Rei (1958).....	80
Figura 24 – Festa do trabalhador (década de 1940)	81
Figura 25 – Ibiporã/PR ontem e hoje.....	82
Figura 26 – Praça Pio XII (1957)	83
Figura 27 – Praça Pio XII (2015).	84
Figura 28 – Conurbação Ibiporã/Londrina/Cambé.....	86
Figura 29 – Ibiporã/PR.....	87
Figura 30 – Cambé/PR.....	87
Figura 31 – Londrina/PR.....	88
Figura 32 – América do Sul.....	91

Figura 33 – Estado do Paraná.....	92
Figura 34 – Município de Ibiporã/PR.....	92
Figura 35 – Rota Ibiporã/EMBRAPA Soja.....	96
Figura 36 – Fazenda Santa Terezinha/EMBRAPA Soja.....	96
Figura 37 – Áreas construídas e áreas de plantio.....	97
Figura 38 – Mapa campo experimental.....	98
Tabela 39 – Tabela de subdivisão de área de plantio da EMBRAPA.....	98
Figura 40 – Áreas de parcelas/campo experimental.....	99
Figura 41 – Espaço de Educação Ambiental.....	99
Figura 42 – Carta topográfica do município de Ibiporã/PR.....	106
Figura 43 - Recorte da Carta Topográfica do plano urbano de Ibiporã/PR	107
Figura 44 – Construção da maquete, preparando para cortar o EVA.....	107
Figura 45 – Montagem da maquete com EVA	108
Figura 46 – Legenda construída a partir das curvas de nível da Carta Topográfica.....	108
Figura 47 - Maquete da área urbana de Ibiporã/PR.....	109

TABELA

Tabela 01 - Escolas públicas.....	28
Tabela 02 - Escolas privadas.....	28
Tabela 03 - Conteúdos de Geografia escolas públicas 7º ano.....	29
Tabela 04 - Conteúdos de Geografia escolas privadas 7º ano.....	38
Tabela 05 - Plano de aula: Paisagem.....	84
Tabela 06 - Plano de aula: Conurbação.....	89
Tabela 07 - Plano de aula: Território.....	93
Tabela 08 - Plano de aula: Prática de Campo.....	100
Tabela 09 - Plano de aula: Os imigrantes e migrantes que colonizaram o Estado do PR.	104
Tabela 10 - Plano de aula: Pequenas Cidades.....	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AM	Amazonas (Estado)
APP	Área de Proteção Permanente
CMNP	Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná
CTNP	Companhia de Terras do Norte do Paraná
DCE	Diretrizes Curriculares Estaduais
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EUA	Estados Unidos da América
IAPAR	Instituto Agrônômico do Paraná
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MG	Minas Gerais (Estado)
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
NBR	Normas Brasileiras
ONU	Organização das Nações Unidas
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
PR	Paraná (Estado)
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
01 A FORMAÇÃO DAS PEQUENAS CIDADES DO NORTE PARANAENSE.....	14
02 A CARTOGRAFIA DAS PEQUENAS CIDADES.....	21
03 ANÁLISES E CRÍTICAS DOS LIVROS DIDÁTICOS E CADERNOS EM USO NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	28
3.1 O material didático dos colégios privados de Ibiporã/PR.....	38
3.2 A crítica à forma do uso do livro didático	41
3.3 O uso da Cartografia nos livros didáticos de Geografia.....	49
3.4 O caderno de Expectativas de Aprendizagem e os conteúdos básicos de Geografia e Cartografia aplicados no local de vivência dos alunos.....	57
3.5 A pequena cidade no ensino de Geografia e Cartografia, de acordo com o Caderno de Expectativas de Aprendizagem do Estado do Paraná.....	69
04 PROPOSTA DE ATIVIDADES: POSSÍVEIS CONTEÚDOS APLICÁVEIS NO ENSINO DA CIDADE POR MEIO DA CARTOGRAFIA PARA 7º ANO DE IBIPORÃ/PR.....	74
4.1 Possibilidade de aplicar o conceito de Paisagem na pequena cidade.....	76
4.2 Possibilidade de aplicar o conceito Conurbação.....	85
4.3 Possibilidade de aplicar o conceito de Território e Fronteiras.....	90
4.4 Possibilidade de aplicar aula como Trabalho de Campo.....	93
4.5 Possibilidade de aplicar aula sobre os imigrantes e migrantes que vieram colonizar o Estado do Paraná.....	101
4.6 Possibilidade de aplicar aula sobre a Pequena Cidade de Ibiporã/PR inserida no ensino.....	105
05 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
06 REFERÊNCIAS.....	115

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca a possibilidade de inserir uma metodologia de ensino de Geografia e de Cartografia, a partir do local de vivência do aluno. Ou seja, introduzir o espaço da vivência do aluno na sala de aula, incluindo as questões e temáticas geográficas.

Para tanto, pretende-se partir das pequenas cidades no Ensino de Geografia, aliar as atividades de salas de aula com as aulas de campo, para possibilitar a compreensão *in loco*, por exemplo, o que é uma região, como ela se forma; o que é um território e como se dá sua ocupação. Ainda definir o que é lugar e como ele se torna importante para as pessoas. No caso da Cartografia, pode-se mapear e orientar o deslocamento até o local escolhido, bem como fazer uso de mapas para delimitar o espaço que se pretende estudar, identificando ali algumas características como: localização, paisagem e relevo.

Desde a graduação em Geografia este pesquisador fez uma escolha por aprofundar a compreensão pelo tema campo e cidade, agropecuária e urbanização. Por ser morador de uma pequena cidade e, na escola por meio dos livros didáticos e materiais pedagógicos, ter estudado temas que tratavam sobre os conceitos e/ou categorias, e que muitas vezes não faziam sentido algum naquele momento para minha faixa etária. Diante disso, propõe-se nesta pesquisa considerar o Ensino de Geografia e Cartografia a partir do local de vivência do aluno, ou seja, a pequena cidade, que nesse caso é representada por Ibiporã/PR.

A partir de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, buscou-se conhecer os conteúdos apresentados nos livros didáticos dos colégios públicos e privados de Ibiporã/PR, além do Caderno de Expectativas de Aprendizagem do Estado do Paraná, de autores renomados, comprovar a necessidade de fazer uso do local de vivência dos alunos como ponto de partida para o ensino de Geografia com o uso da Cartografia, que possibilita demonstrar de forma prática os assuntos teóricos trabalhados em sala de aula, isto depois de verificar que os livros didáticos e os materiais didáticos das escolas privadas de Ibiporã/PR, também não abordavam tais conteúdos.

O Ensino deve partir do local do aluno, para depois do entendimento de como é o seu lugar, apresentar a esses alunos novos lugares, novas cidades, e até metrópoles e megalópoles, buscando além do conhecimento de seu lugar, aplicar os conceitos geográficos e cartográficos, para que este se torne um cidadão consciente de seu papel na sociedade.

Tem-se o objetivo de apresentar como opção de material didático que faça

uso do local de vivência do aluno para ser usado no ensino de Geografia e Cartografia, principalmente no 7º ano do ensino fundamental, conteúdos que valorizem o local de vivência do aluno, como parte do ensino teórico e prático, para que este se sinta valorizado e adquira mais interesse pelas disciplinas de Geografia e Cartografia, buscando valorizar o aluno e seu local de origem, as pequenas cidades.

Buscou-se atividades possíveis de se trabalhar a partir da pequena cidade, para a disciplina de Geografia com o uso da Cartografia em salas de aula e também em aulas de campo, considerando a pequena cidade de Ibiporã/PR, como parte desses conteúdos. Para tanto, utiliza-se os conceitos base da Geografia, como, Lugar, Região e Território. Como parte dessa metodologia, abordou-se temas como: paisagem, conurbação e pequenas cidades. A idéia é disponibilizar a outros pesquisadores e professores de Geografia um material diferenciado e possível de ser utilizado em sala de aula.

01 A FORMAÇÃO DAS PEQUENAS CIDADES DO NORTE PARANAENSE

Como ponto de partida dessa Dissertação, que busca incluir as pequenas cidades como parte do conteúdo da disciplina de Geografia, ao considerar que a experiência de vida do aluno em seu local de vivência pode ser um diferencial para o ensino, buscou-se definir o que é uma pequena cidade, e Ibiporã/PR, como a maioria das pequenas cidades do Norte do Paraná, foi formada como infra-estrutura aos colonizadores que vieram em busca de um lugar novo e, precisavam de suporte para sua fixação no local, então as pequenas cidades surgem como centros de apoios, tanto que:

A elevada ocorrência de pequenos centros deriva, de um lado, de uma necessária economia de mercado, por mais incipiente que seja geradora de trocas fundamentadas em uma mínima divisão territorial do trabalho. De outro, deriva de elevadas densidades demográficas associadas a uma estrutura agrária calcada no pequeno estabelecimento rural ou em *plantations* caracterizadas pelo trabalho intensivo. (CORRÊA, 1999, p. 45).

As características apresentadas por Corrêa (1999) marcam a formação das pequenas cidades do Norte do Paraná, como Ibiporã, que foram núcleos criados para servir de apoio aos agricultores que vieram colonizar a região no começo do século XX, onde a região foi transformada em pequenas propriedades para abrigar produtores de quase todas as regiões do Brasil, que necessitavam de alguma infraestrutura. O surgimento dessas pequenas cidades veio dar apoio a esses produtores, embora alguns núcleos fossem muitos pequenos.

Algumas características da colonização, como a organização em pequenas e médias propriedades (principalmente no norte novo e novíssimo) cultivadas a partir da produção familiar, a facilitação nas formas de pagamento da terra e o planejamento de uma rede de cidades que atendessem às necessidades da população rural, foram criadas a partir da ação das companhias colonizadoras (CHIES; YOKOO, 2012, p. 28).

Características essas em que se apoiaram a formação de grande parte das pequenas cidades brasileiras, como no caso das pequenas cidades do Norte do Paraná, foram “[...] fundadas a partir de ações planejadas, que tinham como fundamento atender as demandas básicas da população e da produção propriamente dita, atribuídas pela divisão social do trabalho” (FRESCA, 2010, p. 29), e servia como apoio aos colonizadores, pois:

Estas localidades, surgidas no período da economia cafeeira, contavam com uma população urbana relativamente baixa em relação à população total dos seus respectivos municípios, mas tinham claro papel na vida regional, pois eram centros locais de suprimento dos serviços básicos que davam suporte à vida e à economia baseada na cafeicultura, cultivada em pequenos estabelecimentos agrários (ENDLICH, 2011, p. 09)

Normalmente, o espaço determinado como cidade, possui uma organização social, econômica e política que atua neste local, uma vez que, esta precisa de uma ordem e também de um domínio territorial para que possa existir, onde além das atividades agroindustriais, também aconteçam atividades sociais e administrativas, para que essa cidade possa funcionar e atender os interesses daqueles que delas dependem, os moradores.

Mesmo com todas essas características em evidência, ainda existem divergências a respeito da definição do que é uma pequena cidade, e alguns as definem de forma diferente, ora como cidades pólos, centro local, pequenas cidades. Devemos considerar que dependendo da região que está localizada, passa a ter outra classificação, tanto que, [...] uma pequena cidade inserida na rede urbana de Manaus/AM, pode apresentar diferenças consideráveis a uma similar no norte do Paraná” (FRESCA, 2010, p. 78), o que deixa claro mais uma vez que é o meio pelo qual as pequenas cidades são inseridas nas redes ou região, que é o melhor caminho para defini-las como pequena. Desta forma, ter-se-á maior possibilidade de perceber em qual contexto essa cidade está inserida, incorrendo em menor possibilidade de erro. É certo que “[...] em toda parte as pequenas cidades são numerosas” (ANDRADE, 1999, p. 45). O que demonstra que, embora a característica de sua formação possa ser diferente de um lugar para outro, as pequenas cidades, compõem uma parte do urbano brasileiro e são compreendidas por isso. No caso, da formação urbana brasileira percebe-se que a maior parte das cidades é de pequeno porte, até porque em grande parte da sua formação, estas foram criadas para dar apoio aos pequenos agricultores que se espalharam por todo o país, e os grandes centros estavam muito longe de seu local de origem.

Algumas características permitem identificar a cidade em geral, já que [...] “a cidade é, sob o ângulo do uso do solo, ou das atividades econômicas que a caracterizam, um espaço de produção não agrícola (ou seja, manufatureira ou propriamente industrial) e de comércio e oferecimento de serviços” (SOUZA, 2003, p. 27).

A cidade, na maioria das vezes, possui uma grande diversificação de serviços, embora não sejam todas da mesma forma. Segundo Souza (2003), uma cidade do Brasil não oferece o mesmo serviço de uma cidade na Alemanha, mesmo que tenham a

mesma população, destacando as diferenças entre umas e outras. É preciso destacar que, [...] “grande ou pequena, a cidade é um lugar de passagem” (GEORGE, 1983, p. 2006), que seus moradores vêm e vão e que constantemente deve se renovar, atraindo novos habitantes, onde:

A cidade, assim, é uma expressão da complexidade e da diversidade da experiência humana. As cidades, em suas várias configurações, são arranjos produzidos para que seus habitantes - diferentes grupos, diferentes culturas, diferentes condições sociais - possam praticar a vida em comum, compartilhando nesses arranjos, desejos, necessidades, problemas cotidianos (CAVALCANTI, 2010, p.148).

A população da cidade, como os objetivos dos que nela moram, faz com que a cidade seja da forma que ela é, ou seja, complexa, uma vez que as pessoas têm diferentes objetivos, diferentes desejos e se mudam também por diferentes motivos, fazendo com que a cidade pequena ou grande possua suas particularidades. Entretanto uma das definições que melhor representa esse contexto é:

A cidade é um centro de gestão do território não apenas enquanto sede de empresas (privadas e estatais), mas também enquanto sede do poder religioso e político, em uma definição simples, do que é cidade, onde todas, por menor que seja, tem em destaque e independente os poderes da igreja e da política, às vezes até se confrontando, mas possui ambos e ainda uma gestão do território e de tudo o que acontece em seu entorno. (SOUZA, 2003, p. 28).

A cidade, ainda de acordo com Souza (2003), não é só o local onde se produz bens e onde pessoas trabalham, é também um local onde as pessoas interagem e de acordo com os territórios que querem manter e preservar, o que faz com que cada cidade, grande ou pequena tenha suas particularidades, uma vez que as pessoas têm interesses diferentes umas das outras e um grupo de outros grupos, transformando-as em espaços únicos, mesmo que tenham mesma população e até o mesmo tamanho.

As diferenças em relação às cidades são muitas e até mesmo o questionamento se estas são ou não cidades, devido ao quociente populacional e até mesmo por suas características podem ser entendidas:

Assim, além do questionamento se são ou não cidades as pequenas aglomerações, interrogações da mesma natureza podem ser feitas quanto às imensas periferias, em geral parte não formal das grandes cidades; os condomínios fechados e o encerramento que eles representam em relação à diversidade social que deveria caracterizar a vida urbana e os loteamentos

urbanos dispersos nos entornos metropolitanos. Portanto, são várias as manifestações contraditórias do urbano, sendo as pequenas cidades parte do mesmo processo. Esse questionamento pode ser compreendido pela adoção, ainda que involuntária, de um parâmetro ideal de cidade, que não alcança as expressões concretas do processo. A manutenção do pensamento utópico é outra fonte de indagações sobre as formas e condições humanas da urbanização. (ENDLICH, 2006. p. 86).

Portanto, definir cidades é um assunto complexo, uma vez que as definições, mesmo do IBGE (2010), que as avalia pelo contingente populacional, igualando cidades que são totalmente diferentes, uma vez que a importância das mesmas se dá muito mais pela localização, pelo tipo de serviço que oferece ou ainda pela produção que a mesma possui adquirindo assim uma importância econômica e/ou política dependendo inclusive da sua posição geográfica:

Além do mais, uma cidade não é apenas um local em que se produzem bens e, onde esses bens são comercializados e consumidos, e onde as pessoas trabalham: uma cidade é um local onde pessoas se organizam e se interagem com base em interesses e valores os mais diversos, formando grupos de afinidade e de interesse, menos ou mais bem definidos territorialmente com base na identificação entre certos recursos cobiçados e o espaço, ou na base de identidades territoriais que os indivíduos buscam manter e preservar (SOUZA, 2003, p. 28).

De acordo com Souza (2003), o fato das cidades abrigarem pessoas e seus interesses, e ao considerar que as pessoas são diferentes e, portanto têm interesses diferentes, as cidades também não podem ser iguais, pois isto implicaria em ter pessoas iguais com os mesmos interesses, quando Fresca (2009) alerta para o fato de igualar cidades com o mesmo número populacional, não se considera a especificidade delas, desconsiderando suas inserções em cada núcleo. Isto leva a ter uma falsa idéia a respeito de um assunto que é complexo.

Os pequenos centros urbanos não são iguais entre si, pois possuem conteúdos diferentes que em alguns casos geram relações hierárquicas entre eles. Cidades com atividades comerciais e equipamentos de serviços públicos e privados um pouco mais diversificados funcionam como pólos microrregionais. Ainda que estas atividades não estejam diretamente vinculadas ao patamar demográfico, observou-se que, de maneira geral, as pequenas cidades com centralidade maior são aquelas que possuem esse patamar mais ou menos definido entre vinte mil e cinquenta mil habitantes (DAMIANI, 2006, p.52).

As pequenas cidades são aquelas com população inferior a 50 mil habitantes, de acordo com o IBGE (2010), que considera apenas este critério para essa definição, acaba por gerar um conflito, pois estas pequenas cidades adquirem importância maior ou menor de acordo com algumas características, como o fornecimento de bens e serviços (FRESCA 2010).

Dentro das atuais definições, percebe-se que existem algumas diferenças que precisam ser consideradas, pois somente o coeficiente populacional deixa lacunas que não se fecham.

Assim, existem algumas características que fazem de uma cidade um centro local, já que:

Toda cidade é, do ponto de vista geoeconômico, isto é, das atividades econômicas vistas a partir de uma perspectiva espacial, uma localidade central, de nível maior ou menor de acordo com sua centralidade – ou seja, de acordo com a quantidade de bens e serviços que ela oferta, e que fazem com que ela atraia compradores apenas das redondezas, de uma região inteira ou, mesmo, de acordo com o nível de sofisticação do bem e serviço do país inteiro e até de outros países (SOUZA, 2003, p.25)

Algumas cidades, ainda que sejam pequenas, passam a ter uma importância maior para determinada região, ao se tornar referência quando se pretende encontrar determinados produtos e/ou serviços e em alguns casos, até mesmo na oferta de mão de obra. Tanto que, “[...] na estruturação dos espaços urbanos, portanto, determinadas áreas tornam-se centralidades, pelas suas condições técnicas e de deslocamento e acessibilidade, possibilitando a circulação e aumento de fluxo” (CAVALCANTI, 2011, p.02).

O que foi alcançado pelas cidades do Norte do Paraná quando, “[...] no período da economia cafeeira, as pequenas cidades da região correspondiam a localidades centrais, ou cidades locais, com níveis diferenciados de conteúdo e, portanto, de centralidade” (ENDLICH, 2006, p. 89), a autora destaca um período em que a cultura do café absorvia muita mão de obra e abrigava grande contingente populacional, além da importância econômica para a região, por ser o café um produto de exportação, e essas cidades locais se mantinham quase que exclusivamente voltadas à atividade cafeeira que exigia muita mão de obra.

A denominação centro local refere-se ao menor escalão das cidades no Brasil – termo este difundido a partir dos estudos sobre redes urbanas tendo na teoria das localidades centrais seu referencial analítico – considera o papel

dos centros urbanos de uma rede na distribuição de bens e serviços. A centralidade dos núcleos deriva de seus papéis na distribuição de bens e oferta de serviços, sendo este considerado como o elemento para a análise e o estabelecimento de sua hierarquia. (FRESCA, 2010, p.77).

Ao se tratar de pequenas cidades, temos muitas diferenças entre uma cidade e outra, mesmo que estas possuam a mesma ou uma população próxima, a considerar desde sua importância política, econômica e até mesmo sua localização geográfica que podem influenciar em algumas situações, como a proximidade de uma grande rodovia, ou uma região de grande produção agrícola, o que pode gerar interesse de grupos ligados ao agronegócio, ao comércio de máquinas e a industrialização de produtos produzidos na região, que podem abastecer outros mercados, difundindo ainda mais o centro local onde exista essa produção.

Alguns municípios do Paraná representam bem essa centralidade que foi adquirida a partir da produção do café, que gerou riquezas e muita mão de obra nesses municípios, e a partir do fim da cultura do café, nem todos os municípios conseguiram manter essa centralidade. Fresca, (2009), relata a situação de alguns municípios entre eles, Loanda e Jaguapitã, que conseguiram manter sua centralidade se adaptando a um novo modelo de produção, que faz com que a cidade mantenha sua importância política e econômica. Isso é o que define as cidades locais, que são as responsáveis pela produção de bens e a oferta de serviços para a população e também para as cidades vizinhas; enquanto as cidades pequenas são aquelas que oferecem o mínimo de serviços necessários para que se tenha um centro urbano, ou seja, uma cidade que normalmente têm alguns comércios e os serviços públicos funcionando.

Embora sejam pequenas, devido o processo de urbanização que ocorreu no Brasil, essas cidades sentem os problemas decorrentes da falta de planejamento, tanto que ao falar-se do sistema urbano:

Da mesma forma, é frequente a mídia responsável por notícias locais e regionais mostrar precariedades nos centros urbanos menores, onde faltam hospitais, delegacias, articulações rodoviárias adequadas, etc. Não é novidade que o Brasil urbano compõe-se de realidades bastante díspares. As cidades brasileiras, de maneira geral, expressam as contradições presentes no processo de urbanização do país, que produziu uma espacialidade adequada ao desenvolvimento econômico, mas descompassada de um ritmo e de uma condição humana e social apropriada de vida. (DAMIANI, 2006, p. 29).

A autora vem demonstrar uma realidade do desenvolvimento ocorrido no país, onde existem muitas cidades, mas a maioria sem um planejamento urbano adequado que acaba por acumular problemas não atendendo sua função social.

Em relação às cidades:

A cidade era o lugar da esperança... ou do desespero. Diante do que sabemos de suas estruturas sociais, é preciso afirmar que a cidade dos países subdesenvolvidos é, antes de tudo, o lugar de transformações sociais nada comparáveis às do campo, o que em última análise, explicaria a atração urbana e o individualismo triunfante na cidade; ou então que a cidade é um lugar de tensões sociais, de lutas de classes, pelo fato de que as disparidades de rendas e de nível de vida aí seriam ainda mais extremas que no campo. A questão é vital (SANTOS, 2012, p. 73).

Viver em uma cidade é uma situação complexa, haja vista, tudo o que se vê ou ouve sobre as cidades, a violência, o transporte, a saúde etc., tudo faz com que a vida fique mais complicada e mais difícil. “[...] o olhar para as pequenas cidades não está isolado do restante da rede urbana” (ENDLICH, 2006, p. 29), e isto, nos faz lembrar que mesmo ao voltar o ensino de Geografia para as pequenas cidades, devemos ter o cuidado de olhar o que é importante para o ensino, aplicando a prática no lugar de vivência do aluno.

Ao considerar o que existe nas cidades, e nos dias atuais, muito dos problemas das grandes cidades, também são problemas encontrados em cidades médias e pequenas é importante que o ensino de Geografia, que é uma ciência social, voltar seus olhares a essas pequenas cidades, e busque entender quais mudanças tem ocorrido, como elas ocorrem. Procurar as lacunas do livro didático, inserir no estudo sobre as cidades, essas pequenas cidades, seu desenvolvimento, suas organizações e seu modo de vida, além de buscar entender a dinâmica das cidades, a partir das pequenas cidades. A partir da definição do que é uma pequena cidade, é o momento de buscar uma forma de conciliar com os conteúdos de nível nacional dos livros didáticos, os assuntos locais, que mostram como é a realidade de nossos alunos e seu local de origem, como parte do ensino de Geografia.

02 A CARTOGRAFIA DAS PEQUENAS CIDADES

Ao planejar as aulas, o Professor de Geografia, deve ter cuidado com o livro didático que vai usar, pois, “[...] o Brasil é um país de grande extensão territorial, constituído por realidades e culturas muito diferentes, que os conteúdos do livro didático não tem condições de abarcar” (PONTUSCHKA, 2009, p. 343), por isso o professor precisa relacionar as linguagens e imagens do livro com a realidade do aluno, de forma que a aula se torne mais atraente. Buscar sempre inovar, trabalhar a realidade do aluno para que este possa participar de forma mais interessado no conteúdo ora trabalhado. E “[...] outro aspecto a ser considerado, não menos importante, diz respeito ao livro didático ser um recurso mais atraente para o aluno, contextualizado com a modernidade e coerente com a faixa etária do público a que se destina” (STEFANELLO, 2009, p. 84). Ao considerar que o livro didático deve ser mais atraente, entendemos que o professor deve buscar inovações que torne as aulas mais atrativas e coerentes, pois as Diretrizes Curriculares Estaduais orientam que:

A articulação entre a Base Nacional Comum e a parte diversificada do currículo do Ensino Fundamental possibilita a sintonia dos interesses mais amplos de formação básica do cidadão com a realidade local, as necessidades dos alunos, as características regionais da sociedade, da cultura e da economia e perpassa todo o currículo. (BRASIL, 2013, p.113).

Ao considerar a Base Nacional Curricular Comum, o professor de Geografia, ao escolher o livro didático precisa considerar que o mesmo, de acordo com Pontuschka (2009), além de ser uma produção cultural também é uma mercadoria, e que o professor deve estar atento a:

Na Geografia, as representações gráficas e cartográficas são extremamente importantes na ampliação de conhecimentos espaciais tanto do cotidiano dos estudantes como de lugares distantes, sobretudo na atualidade com o processo de globalização em curso. (PONTUSCHKA, 2009, p. 340).

Portanto, além de uma linguagem adequada, o livro deve representar o espaço geográfico de forma que tanto os professores quanto os alunos possam ter entendimento do que está sendo trabalhado, e ainda de acordo com a autora citada, o mesmo pode ainda conter linguagens não totalmente didáticas para que possam ampliar a capacidade de leituras dos alunos, e Stefanello (2009), alerta que o livro didático deve ter metodologia diversificada. O livro didático, portanto não precisa ser um livro engessado com conteúdos

massantes, pois o mesmo pode apresentar conteúdos de forma que possibilite ao professor aproveitar a realidade local do aluno e da região em que vive, de forma que esta possa ser aproveitada no dia a dia da escola, permitindo que o aluno se sinta mais próximo dos conteúdos trabalhados.

Quanto ao uso do livro didático, “[...] cabe salientar que um livro didático perfeito, em que todos os aspectos mencionados estejam de acordo com as maiores exigências, não existe” (CASTROGIOVANNI; GOULART, 2003, p. 134). De acordo com os autores, e considerando que não existe um livro didático perfeito, o professor terá que fazer uso do seu conhecimento e de sua metodologia para utilizar tudo que possa enriquecer a sua aula e preencher as lacunas deixadas pelo livro. Como trabalhar o contexto local, de forma que faça o ensino estar mais próximo do aluno. Com isso o professor pode fazer uso da Cartografia e a realidade local como instrumento de ensino na sala de aula, tanto que:

A escola, face às exigências da Educação Básica, precisa ser reinventada: priorizar processos capazes de gerar sujeitos inventivos, participativos, cooperativos, preparados para diversificadas inserções sociais, políticas, culturais, laborais e, ao mesmo tempo, capazes de intervir e problematizar as formas de produção e de vida (BRASIL, 2013, p. 16).

No sentido de tornar a escola mais participativa, “[...] outro uso que precisa ser ultrapassado é o do mapa como ilustração, seja nos livros didáticos seja no material que é produzido na própria escola para aproveitamento para os alunos” (FILIZOLA 2009, p. 80), ao considerar que quando trabalha com mapas, normalmente o aluno recebe o mapa pronto. O autor ainda ressalta que é muito raro o aluno estar envolvido na construção de mapas e os conteúdos não são trabalhados como representações cartográficas.

Diante de tanta evolução e disseminação, seria de se esperar que todas as pessoas usuárias de mapas e imagens de satélite, hoje em dia, dominassem sua leitura e sua correta interpretação. Infelizmente isso não é realidade; a maioria das pessoas, estudantes, professores e usuários em geral, têm dificuldades em ler e interpretar as informações contidas em um mapa, pois não tiveram a alfabetização cartográfica necessária a seu entendimento. (PEREIRA, 2014, p. 02).

Portanto, diante dessa dificuldade, que inclusive também é de professores, é necessário ter um cuidado ao fazer uso da Cartografia, para que não faça uso somente das figuras, sem considerar seu uso adequado. Ao inserir a Cartografia no currículo, o professor

de Geografia precisa estar atento ao que isto significa, pois se apenas trabalhar o mapa como imagem, este não estará completo, sendo que:

A Cartografia é um sistema de análise de representação codificada de signos, que tem no mapa seu instrumento representativo com alto poder de sintetização. Daí provém à importância da Cartografia no ensino de Geografia, uma vez que esta é uma ciência que se preocupa com a organização do espaço. No seu âmbito, o mapa é utilizado tanto na investigação quanto na constatação de seus dados. (FRANCISCHETT, 2002, p. 22).

Ao fazer uso da cartografia e não só do mapa como figura, o professor cria a possibilidade para que o aluno possa ter várias informações decorrentes das imagens que o mapa lhe propicia, pois, o “[...] estudo da geografia dá-se também pela cartografia, por meio das representações”. (FRANCISCHETT, 2002, p. 16).

O livro didático, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013), e o Caderno de Expectativas de Aprendizagem do Paraná (PARANÁ, 2012) este último no caso são orientações para o Estado do Paraná, mas segue as Diretrizes Nacionais, e tem seus livros didáticos fornecidos como todas as escolas públicas do país, pelo MEC. Portanto os livros abrangem conteúdos com uma visão geral, de interesse para o ensino como um todo, mas:

O livro deve oportunizar a reformulação de idéias e conceitos anteriormente empregados, inclusive do próprio texto. Isto significa a leitura do mesmo a luz da realidade, interpretando cada colocação, a partir do seu cotidiano, permitindo que professor e aluno utilizem vivências e experiências no sentido de contribuir para o entendimento da Geografia transformadora, assim possibilitando uma imediata utilização e valorização deste campo do conhecimento.(CASTROGIOVANNI; GOULART, 2003, p. 134).

A realidade vivida pelo aluno, suas experiências e o conhecimento do local de origem o torna parte do ensino, assim, em vez de trabalhar o relevo de regiões distantes, busca-se no próprio local do aluno esta realidade e exemplificação.

Nessas condições, o livro didático muitas vezes trazendo um conteúdo padronizado, define o que vai se ensinar, e os professores tratam os temas em si mesmos, sem permitir que sua abordagem sirva para transmitir na escala global-local, tendo como foco o local. Assim, continua a ser um desafio trabalhar com situações-problema, buscando a formação de um pensamento conceitual para servir de instrumento da vida cotidiana, tendo em mente ao mesmo tempo a complexidade do mundo contemporâneo e o

contexto local em que se encontra. (CAVALCANTI, 2010, p. 37).

A partir do local de vivência do aluno, é possível trabalhar os conceitos geográficos, de forma que o aluno se sinta inserido nesse contexto, pois ao trabalhar a realidade local, prepara-se o aluno para inserí-lo nos próximos conteúdos, uma abordagem que complementa a vida fora de seus domínios, preparando-o para entender como ocorrem algumas transformações, até que se chegue ao ponto de apresentar a ele uma megalópole.

Considerando a similaridade que existe entre o global e o local, a partir das próprias experiências vividas pelo aluno.

Para se definir o conceito de lugar, é preciso buscar a origem do indivíduo. Nesse caso, já estamos tratando desse lugar, assim a integração é maior, uma vez que esse já está fazendo parte do ensino em si, e distinguir a Região do Território, e como ambos estão presentes no mesmo espaço geográfico, torna mais fácil o aprendizado. Até porque existe a possibilidade de visualizar estes espaços, “[...] na contemporaneidade, a visualização é uma importante característica. A cultura visual é um campo de estudo necessário para compreender a vida como condição de entender o lugar, onde se criam e se discutem significados registrados e representados” (FRANCISCHETT, 2010, p. 179).

As paisagens encontradas nas pequenas cidades, formam conceito, pois é mais fácil de entender quando se está próximo do que está estudando, ou seja, mesmo que sejam jovens, os alunos, se elucidados sobre a questão, costumam se lembrar de locais onde não haviam prédios, ou de uma casa de moradia que se transformou em comércio, de um sítio que foi transformado em condomínio, relacionando as modificações que surgiram com o que se quer buscar na paisagem, paisagem modificada, paisagem natural.

As relações sociais, diferenças sociais, segregações, periferias, serviços públicos distribuídos de forma desigual, o poder público a serviço do capital (ruas que passam transporte coletivo são sempre recapiadas), atendimento deficitário na saúde, problemas com tráfico de drogas nas escolas, enfim todo tipo de problemas que se encontram em grandes cidades, também são encontrados nas pequenas cidades,

No entanto, apesar das diferenças, há certos consensos sobre a noção de que a prática pedagógica na disciplina escolar Geografia deva começar pelo lugar de vivência do aluno, explorando todo o potencial de seu conhecimento prévio e, com base nele, introduzir os conceitos científicos dominados pelo professor. (PONTUSCHKA, 2009, p. 136).

Portanto, cabe ao professor, montar seus planos de aulas para que possa fazer uso de uma metodologia que inclua o espaço local, o lugar de origem do aluno como parte do conteúdo a ser trabalhado na sala de aula e em aulas de campo.

A partir do entendimento de que a Geografia é uma ciência social, as relações ocorridas em qualquer lugar passam a ser de interesse, até porque, quando se fala de problemas das grandes cidades, a impressão que se tem é que são problemas dos outros, que estes não chegam até nós. Porém hoje, é preciso entender que os problemas que ocorrem em grandes cidades, também ocorrem nas pequenas, inclusive com grupos fazendo uso de territórios, dentro da cidade que é pública, um uso particular dos mesmos, onde passam a controlar o comércio do bairro, o vaivém das pessoas, ou seja, passam a dominar um espaço que deveria ser de uso público. O transporte, a saúde e os serviços públicos ineficientes, a falta de trabalho aos moradores. A questão dos investimentos públicos que não atendem os objetivos, ficando a margem da sociedade.

Neste sentido, o ensino pode/deve trabalhar o local de origem dos alunos para que estes possam entender/compreender como funciona sua cidade, seu bairro. Conhecer os problemas de cada local para comparar com o que acontece em outros locais. A Cartografia é de extrema importância, uma vez que delimita os espaços nas cidades, os bairros, as zonas de influência nas atividades comerciais, de lazer, entre outras. Propor o ensino de geografia baseado na cartografia na pequena cidade é fundamental para um bom aprendizado dos alunos sobre a temática.

Entre as várias formas de uso da Cartografia, a maquete é uma das mais eficientes, onde permite ao aluno uma visão tridimensional do objeto apresentado. A maquete apresenta a forma real do que quer apresentar, já que permite, em tamanhos menores, recriar parte do espaço que se pretende conhecer, onde:

A construção de maquetes geográficas, em classe, possibilita reconhecer, através da representação, a compreensão do espaço em que o aluno está inserido; permite integração entre professor x aluno, entre prática x teoria; exige conhecimento do que (conteúdo) e como (forma) devemos representar; possibilita levantar hipóteses, correlacionar fatos, entre tantas alternativas do processo pedagógico (NACKE; MARTINS, 2007, p. 10).

O uso da maquete, de acordo com os autores, permite relacionar prática e teoria, ou seja, a partir do que se estuda em sala de aula, se pratica por meio da maquete, que permite ainda a inserção do aluno em sua construção, como parte prática da atividade, o que

vai inserindo o aluno como parte do ensino, onde se permite adquirir/melhorar o conhecimento.

Neste caso, a maquete geográfica foi aplicada pela Professora Nacke como parte de seu projeto PDE (2007), em uma escola pública do Paraná (não deixa claro qual a escola o projeto foi implantado), mas que para isto foi escolhido uma turma do segundo ano do ensino médio, onde:

Aplicou-se uma seqüência didática / teórica para solucionar as questões mais elementares da Cartografia básica: orientação, coordenadas geográficas (latitude e longitude), escala e legenda e, posteriormente, apresentou-se a proposta de construção de maquetes para a classe, bem como os objetivos como atividade pedagógica, recursos envolvidos, tempo a ser gasto, entre outras curiosidades momentâneas (NACKE; MARTINS, 2007, p.11).

Além dessas questões, a Professora deixa claro que de forma democrática, para ter maior participação e interesse dos alunos, foram escolhidos o tema, a forma como seria confeccionada, e ainda de acordo com o Professor de Artes, as aulas dessa disciplina foram utilizadas para a primeira parte da confecção da maquete, como uma forma de interdisciplinaridade, além do tempo, já que esta atividade demanda um tempo.

A metodologia propõe que os conteúdos específicos sejam trabalhados de forma crítica e dinâmica, integrando teoria e prática, utilizando a cartografia como ferramenta essencial, possibilitando, assim, transitar por diferentes escalas espaciais, ou seja, do local para o global e vice-versa (NACKE; MARTINS, 2007, p.12).

A partir dessas definições, foram utilizados os mapas Físicos da América do Sul e do Brasil e o mapa Altimétrico do Estado do Paraná, e os alunos, divididos em grupos, para facilitar o trabalho, além, é claro da definição dos materiais que iam ser utilizados, e a Professora Nacke; Martins (2007) reforça que como a maquete é tridimensional, faz-se uso de duas escalas – horizontal e vertical – para que se possa calcular a razão entre o tamanho real e o representado na maquete. Terminada esta parte, define-se o título da maquete e a legenda, para que se possam apresentar quais informações o leitor encontrará na maquete, de acordo com a Professora. Na obtenção dos resultados, tem-se:

O processo de construção das maquetes exigiu durante três meses, o equivalente a 12 horas/aulas de Geografia, 6 horas/aula em Artes e aproximadamente 12 horas extra-classe, num total de 30 (trinta) horas aula.

Foi planejado para que a fase de construção fosse realizada totalmente em classe, dessa forma, o apoio do professor de Artes foi imprescindível; nas quartas-feiras as aulas de Geografia e Artes - 4 horas/aulas – foram seqüenciadas para a construção das maquetes e, a pesquisa foi realizada extra-classe, com monitoria pedagógica para os grupos (NACKE; MARTINS, 2007, p. 21).

A avaliação, de acordo com a Professora, foi feita de forma para perceber se os alunos conseguiam identificar algum conceito geográfico e a importância dos elementos cartográficos, e as respostas dos alunos foram muito positivas, onde afirmam ter aprendido o nome dos rios e por onde passam, sobre o relevo, os planaltos, a altura de certos lugares.

“Devido à prática entendi o que é latitude e longitude, além de calcular as escalas, vertical e horizontal, e a facilidade no entendimento pela prática” já no caso dos professores:

O trabalho em equipe foi um exercício de solidariedade; a apresentação, como momento de superação da timidez, e as amizades conquistadas durante todo o processo de construção das maquetes são destacadas pelos alunos como os pontos importantes desta atividade. Considerando a série envolvida, houve um entrosamento significativo entre eles. Foi impressionante vê-los confiantes, solidários, controlando a situação e respondendo aos questionamentos das crianças, demonstrando mais conhecimento do que o esperado (NACKE; MARTINS, 2007, p. 24).

O que vem demonstrar que a Cartografia pode e deve muito ajudar no entendimento dos conceitos geográficos, já que permite aos professores trabalharem de forma prática a teoria que é aplicada em sala de aula, onde ainda se consegue uma maior interação entre professor/alunos, permitindo que ambos ganhem com essa atividade, afirma Nacke; Martins (2007).

Quando se busca alternativas para melhorar o ensino, uma ou outra acaba aparecendo, como no caso da Cartografia, como opção de uso para a Geografia, que em muito pode colaborar, uma vez que os mapas enriquecem os assuntos tratados, dentro do entendimento de que pode trazer para o real, o que foi trabalhado como teoria em sala de aula. O livro didático, mesmo tendo o entendimento que este é nacional, e que não abrange os conteúdos locais, pode e deve ser utilizado, desde que o professor aproveite as lacunas do livro didático para inserir nestes espaços os assuntos que achar pertinente.

03 ANÁLISES E CRÍTICAS DOS LIVROS DIDÁTICOS E CADERNOS EM USO NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

A partir do interesse em inserir conteúdos que considere o local de vivência dos alunos na sala de aula, fez-se uma análise dos livros didáticos de Geografia para o sétimo (7º) ano do Ensino Fundamental e cadernos, descritos a seguir nas tabelas 01, 02, 03, para entender como são trabalhados os conteúdos nos livros e, caso seja necessário buscar uma forma de inserir esses conteúdos em aulas teóricas e de prática de campo.

A tabela 01, apresenta os livros didáticos em uso nas escolas públicas de Ibiporã/PR, que faz parte do Núcleo Regional de Londrina/PR (NRE- Londrina), onde descreve as escolas públicas e os livros em didáticos em usos.

Tabela 01: Escolas públicas

Livros didáticos nas escolas Públicas de Ibiporã/PR	I Expedições Geográficas 2017/18/19	II Geografia Espaço e Vivência 2017/18/19
Col. Est. J. San Rafael	X	
Col. Est. Olavo Bilac	X	
Col. Est. Basilio de Lucca	X	
Col. Est. Unidade Pólo	X	
Col. Est. Antonio Iglesias	X	
Ceebja Francisco Beltrão	X	
Col. Est. Teotonio B Vilela		X

Fonte: Edson José do Nascimento, 2019

A tabela 02, apresenta os colégios de ensino privado de Ibiporã/PR, e o material didático em uso nesses colégios, onde existem dois colégios e cada um faz uso de uma material diferente, porém de uso em colégio privados em todo o Brasil.

Tabela 02: Escolas privadas

Material didático em uso nas Escolas privadas de Ibiporã/PR	Sistema Positivo de Ensino	Sistema Maxi de Ensino
Col. Int. Sônia Marcondes	X	
Colégio Santa Marta		X

Fonte: Edson José do Nascimento, 2019

Ao considerar as sete (07) escolas de ensino público de Ibiporã/PR, e que seis (06) escolas fazem uso do livro didático Expedições Geográficas e uma (01) escola faz uso de um livro Geografia Espaço e Vivência, onde os conteúdos da Unidade III são distribuídos com certa similaridade entre os livros didáticos e apresentado na tabela 03.

Tabela 03: Conteúdos de Geografia escolas públicas 7º

Livros Didáticos de Geografia	I Expedições Geográficas	II Geo. Espaço e Vivência
Unidade III: O Campo e as Cidades no Brasil		X
Os Problemas no Campo Brasileiro		X
As cidades no Brasil		X
Unidade III Brasil: da sociedade agrária para a urbano-industrial	X	
A urbanização brasileira	X	
Rede hierarquia e problemas urbanos	X	
A industrialização brasileira	X	
O espaço agrário e a questão da terra	X	

Fonte: Edson José do Nascimento, 2019.

Ao analisar o livro didático para o sétimo (7º) ano do Ensino Fundamental, para os conteúdos de Geografia nas escolas públicas de Ibiporã/PR, em relação ao Tema: Cidades e Campo, observa-se que no livro didático I, Expedições Geográficas (2017/18/19) da Editora Moderna, a Unidade 3, apresenta o tema Brasil: Da Sociedade Agrária para o Urbano Industrial.

Portanto a Unidade III do livro didático I Expedições Geográficas (2017/18/19, p.76), traz um questionando sobre o que é urbanização? Onde busca definir a urbanização como a aglomeração de pessoas na cidade, e que as taxas de urbanização são diferentes, uma vez que o espaço geográfico é ocupado de forma diferente, e que isto pode ser percebido de acordo com as regiões do Brasil, e ainda as cidades também apresentam um ritmo de crescimento diferente (p. 76), o professor precisa entender que:

O estudo das cidades está atrelado à posição do professor em relação à sua disciplina, o que inclui seus conhecimentos e seus compromissos frente ao trabalho. Ao assumir a regência de uma classe, e para dar conta daquela pergunta, acredita-se que, no mínimo o professor possua domínio da área de estudos, o que lhe permitirá transitar pelos conteúdos sobre a cidade,

presente em diversas publicações, trabalhando-os a partir de objetivos anteriormente definidos. (SCHÄFFER, 2003, p.114).

O livro didático I destaca: “Brasil: urbanização tardia, mas acelerada” (EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS 2017/18/19, p. 77), onde trata das principais causas da urbanização brasileira, fazendo um relato desde a época do Brasil Colônia, como foi o início da urbanização com a criação de algumas cidades, principalmente no litoral. A partir do período Imperial com o início da agricultura, algumas regiões, como o Vale do Paraíba fluminense, onde a cultura do café exigia muita mão de obra, teve um processo mais acelerado de urbanização para o período. No início do período Republicano, a população urbana não passava de 10%, de acordo com o livro didático e a partir desse período, o livro trata do início das cidades. (p. 77/80).

De início, ao tratar do tema cidade, o livro didático I Expedições Geográficas destaca as cidades brasileiras que são patrimônios da humanidade, apresenta os critérios que faz uma cidade ser considerada patrimônio e o que representa isto para a sociedade, pois quando se diz que uma cidade faz parte do patrimônio da humanidade, esta será preservada para que outras gerações possam conhecer como eram os costumes e a cultura da época que se preservou esta cidade/monumento, que tipo de arquitetura era utilizado em períodos diferentes da atualidade (p.81).

O livro didático I Expedições Geográficas traz: Rede, Hierarquia e Problemas Urbanos, destacam a rede urbana, as cidades como de vital importância para a sociedade, uma vez que a partir da aglomeração de pessoas por meio de um núcleo, passou a ter um grande desenvolvimento. A cidade se tornou ponto de apoio para todos, como um centro de serviço para os que nela moram ou dependem, o espaço onde o produtor rural compra o que precisa para manter sua produção, faz financiamentos em bancos públicos ou privados, além disso, a cidade se tornou um lugar de lazer, de compras, e de desenvolvimento social. E que as cidades são diferentes umas das outras, onde algumas tem função definidas como as portuárias, turísticas, etc...enquanto outras possuem rede de serviços complexas, como as grandes cidades (p. 80). Porém “[...] a cidade é um lugar privilegiado do consumo – consumo de massa, consumo coletivo, individual, de elite. É um lugar em que se concentram todas essas praticas” (CAVALCANTI, 2005, p. 97). Quanto à hierarquia, o livro didático I Expedições Geográficas (2017/18/19, p. 86), apresenta as formas como as cidades são reconhecidas, considerando desde sua população, como influencia uma região ou, até mesmo outras regiões dependendo do tamanho da cidade, um país inteiro (p. 86).

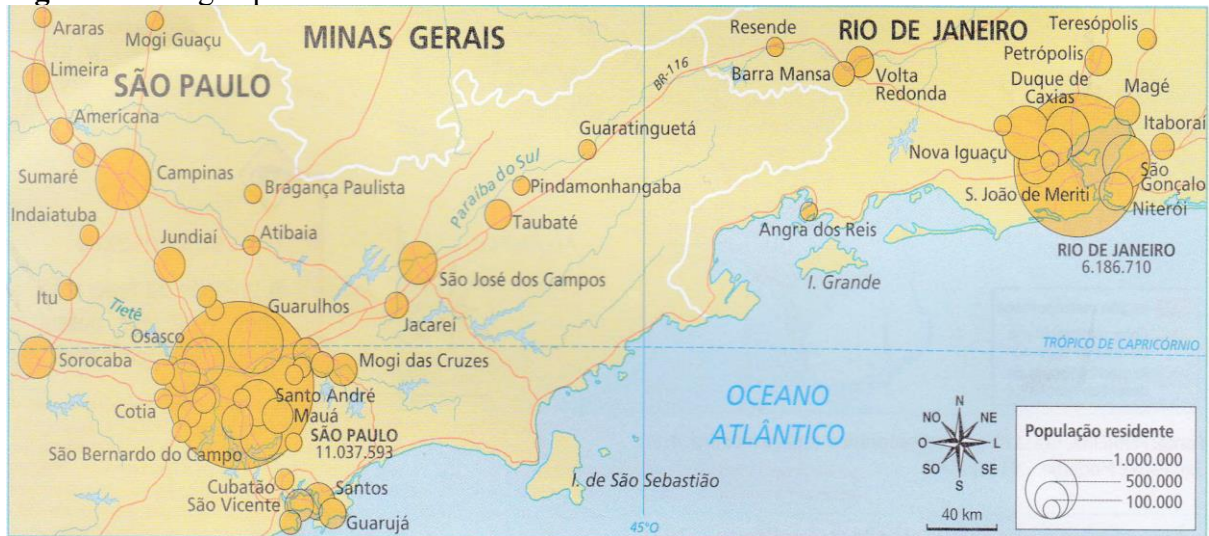
Em numerosos casos os organismos urbanos são indiferenciados uns em direção aos outros, e cidades cuja população varia do simples ao duplo, ou ainda mais, podem desempenhar exatamente as mesmas funções: existira nesse caso, rede hierárquica ou, simplesmente, dispersão urbana. (SANTOS, 2012, p. 169).

A partir do desenvolvimento e da transferência de parte da população rural para as cidades, essas aumentaram seus contingentes, o que ocasionou um processo chamado de conurbação. Ou seja, a união de cidades que se juntam em função do crescimento de ambas, o que não as tornam metrópole, embora dependendo do tamanho dessa conurbação, estas podem se tornar uma região metropolitana, como a chamada Grande São Paulo, que juntas possuem mais ou menos 10% (dez por cento) da população brasileira, e se tornou uma referência em região metropolitana mundial. As regiões metropolitanas, hoje, são criadas para que certas regiões consigam vantagem política e até mesmo social, uma vez que estas podem atrair investimentos de empresas e até dos governos federais ou estaduais, mas no estudo das cidades, (p.84/85):

Há, assim, diferenças sensíveis no estudo da cidade, conforme a proposta que se disponha. Essas diferenças estão centradas tanto na concepção de cidade e de urbano, como no enfoque dado aos conteúdos selecionados para desenvolver a unidade temática em sala de aula e os procedimentos adotados. (SCHÄFFER, 2003, p. 118).

Já a união de várias cidades que compõem a mesma região ou, regiões diferentes, entre elas metrópoles, forma a megalópole, como exemplo, a ligação das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro passando pelo Vale do Paraíba, que possui uma grande rede urbana. (p. 86).

Figura 01: Megalópole São Paulo/Vale do Paraíba/Rio de Janeiro



Fonte: livro didático Expedições Geográficas (2017/18/19, p. 87).

A união da Região Metropolitana de São Paulo, com o Vale do Paraíba e a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, de acordo com a figura 01, formam o que se entende por uma Megalópole, ou seja, a união de duas grandes cidades e o espaço entre essas duas, formado por cidades com uma grande população, totalmente urbanizada, com uma região muito industrializada, que surgem a partir da conurbação de duas ou mais cidades.

Ainda, sobre as cidades, o livro didático I Expedições Geográficas (2017/18/19), apresenta os movimentos sociais que surgem a todo tempo, principalmente nas grandes cidades, onde até pouco tempo, o que se viam eram protestos de sem tetos ou até mesmo de sem terras, reclamando de dignidade humana para suas famílias. Hoje, os protestos são diferenciados, inclusive por pessoas e associações de alto nível social e econômico, quando reclamam por maus tratos a animais, e as crianças abandonadas, por problemas ambientais, problemas sonoros e mais recentes, exigindo o fim da corrupção e a punição dos políticos corruptos, além de serviços públicos de qualidade, como transporte, saúde e educação. (p.87).

O livro didático I Expedições Geográficas (2017/18/19), apresenta ainda as transformações ocorridas no Brasil com a crescente industrialização, que ocasionou um grande desenvolvimento urbano, como um grande desenvolvimento social, também criou problemas como a poluição, uma crescente onda de violência, falta de moradia digna, transportes públicos insuficientes ou até a falta dos mesmos, desigualdade social que gera uma segregação, uma vez que nem todos têm acesso aos mesmos serviços públicos. (88/9).

Quanto à industrialização no Brasil, o livro didático I Expedições Geográficas (2017/18/19), relata o surgimento das indústrias no país, desde seu início, onde as primeiras fabricavam produtos manufaturados e com o tempo foi se desenvolvendo, embora de forma tardia de acordo com o livro didático em questão, já que países como França e Inglaterra que já tinham uma industrialização desenvolvida. O livro didático apresenta uma cronologia do desenvolvimento industrial brasileiro, relatando por períodos de governos e formas de desenvolvimentos sejam por investimentos estatais, como no governo de Getúlio Vargas (1940-1945), que investiu em produção de energia, criando condições para a instalação de indústrias no Brasil. (p. 92/93).

Problemas relatados no livro didático I Expedições Geográficas (2017/18/19), como a Primeira Guerra Mundial, a Crise de 1929 e a Segunda Grande Guerra, causaram a falta de muitos produtos, o que fez com que o país não tivesse acesso a muitos produtos, obrigando-o a desenvolver-se e produzir esses produtos, iniciando assim o processo de desenvolvimento de suas indústrias. Também nos governos militares houve um forte investimento em infraestrutura, criando condições para o surgimento e o desenvolvimento das indústrias que já haviam se instalado no país. Essa industrialização surgida no Brasil, além de tardia, ocorreu com maior intensidade nas regiões Sul e Sudeste, com exceção de algumas que optaram pelo Norte e Nordeste, mas não com a mesma intensidade da região Centro Sul do país, de acordo com o livro didático Expedições Geográficas.

O livro didático I destaca no “espaço agrário e a questão da terra” (p.98), (EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS, 2017/18/19, p. 98), apresentam a importância da agropecuária no país, desde a geração de riquezas como a geração de emprego, e devido à geografia do Brasil são produzidas plantas de clima tropical: cana de açúcar, café, cacau e amendoim, e clima temperado: aveia, trigo, centeio, maçã, pêra etc. Também as culturas especializadas, como o guaraná, fruto nativo e de grande interesse para as indústrias; relata ainda o desenvolvimento do agronegócio, uma agricultura que se desenvolveu a partir de grandes áreas e alto investimento em mecanização e tecnologia, desenvolvendo assim alto rendimento por área e produtos de qualidade, embora este desenvolvimento tenha causado desemprego e a diminuição da pequena propriedade, pois estes não interessam aos grandes latifúndios. Os problemas causados no campo e as desigualdades criaram um movimento que é chamado de movimento dos trabalhadores sem terra (MST), que tem lutado pelos direitos dos trabalhadores do campo, já que no Brasil historicamente a terra tem sido concentrada nas mãos de poucos, conhecidos como latifundiários. (p. 98 a 102).

O livro didático I, *Expedições Geográficas* destaca ainda na questão do espaço agrário e a questão da terra, as desigualdades ocorridas no campo, que desde que Portugal tomou posse do Brasil, dava grandes porções de terra a quem interessava a Coroa, em um processo chamado Sesmarias para o desenvolvimento da criação de gado e cultivo da terra. Segundo o livro didático I, esta seria a origem dos grandes latifundiários brasileiros que se dividem em dois grupos: os improdutivos, normalmente no Norte e Nordeste e os produtivos integrados ao agronegócio. Situação essa que originou um movimento chamado de Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), que lutam para que se faça a reforma agrária no Brasil. (p. 102/03).

O livro didático II *Geografia Espaço e Vivência* (2017/18/19) apresenta o conteúdo: “O campo e a cidade no Brasil”. (*GEOGRÁFIA ESPAÇO E VIVÊNCIA*, 2017/18/19, p.64).

A agropecuária no Brasil, tema desse capítulo do livro didático II, *Geografia, Espaço e Vivência* (2017/18/19), o livro didático II, questiona as diferenças entre o campo e a cidade e as atividades exercidas em cada uma delas, como é o dia a dia das pessoas que moram no campo e na cidade e se existem mais pessoas vivendo no campo ou na cidade. (p. 63). Quanto às atividades no campo brasileiro, destaca a importância da pecuária e da agricultura desde a colonização do país. Com a introdução da cana de açúcar e do café, houve uma concentração no campo, já que estas atividades exigiam muita mão de obra. A agropecuária no Brasil continua sendo muito importante para a economia, pois o Brasil se tornou um dos maiores criadores de gado, com um grande mercado consumidor dentro e fora do país. Também a agricultura, se desenvolveu e, hoje ocupa lugar de destaque no cenário econômico, principalmente por ter encontrado na mecanização e na tecnologia, uma maneira de aumentar a produção e melhorar a qualidade dos produtos que ora tem produzido. A grande produção agropecuária no país tem desenvolvido uma indústria de base nas cidades, principalmente nas pequenas cidades, com fábricas de rações, gêneros alimentícios e ainda de máquinas e equipamentos de uso local. Também como apoio a produção agropecuária, muitos produtores se uniram criando cooperativas, que muito tem colaborado no desenvolvimento dessa produção (p. 64/65).

Uma das formas de acordo com o livro didático II, que os pequenos e médios produtores encontraram para suprir a falta de apoio financeiro do governo foi à criação de cooperativas, que são sociedades formadas por produtores rurais, que conseguem melhores preços para venderem/comprarem produtos agropecuários, já que compram e

vendem em grande quantidade. As cooperativas têm-se desenvolvidas e hoje, estão presentes nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. (p.67).

Como o Brasil é um país grandioso, muitas atividades têm sido praticadas ao longo dos anos, principalmente por que as regiões permitem atividades diferenciadas umas das outras, como as áreas de florestas na região Norte, onde são praticadas atividades extrativistas de origem vegetal, animal ou mineral. No caso da extração vegetal ou animal, quase não se emprega tecnologia e é de baixa produção, limitadas a subsistência.

No caso da extração mineral moderna, se emprega muita tecnologia e alto investimento, uma vez que são produtos com alto valor agregado e de grande consumo no mercado mundial, devido à grande demanda do mercado. (68/9).

O livro didático II Geografia Espaço e Vivência, (2017/18/19), traz ainda, uma página dedicada à EMBRAPA, (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), que vem desenvolvendo a agricultura no país, e mostra que no passado, se aumentava a produção com o aumento da área, enquanto hoje, com a aplicação de biotecnologia, a Embrapa tem aumentado muito a produtividade no Brasil, e abriu novas fronteiras agrícolas, como no desenvolvimento da agricultura no cerrado. Porém alguns problemas têm surgido no campo, como a baixa produção para aqueles que não têm acesso às tecnologias, má distribuição e concentração de terras em mãos de poucos, o que tem gerado conflito no campo, e que pode ser corrigido com uma ampla reforma agrária. Com isso, pode haver uma reorganização do campo, diminuindo a concentração de terras, e até limitando os grandes latifundiários. As formas de utilização dos solos no Brasil têm gerado alguns problemas, uma vez que muitas áreas por falta de planejamento, sofrem com erosões, embora muitos agricultores e até mesmo pecuaristas têm feito uso de tecnologia para corrigir esses problemas. (p.71).

O livro didático II, Geografia Espaço e Vivência (2017/18/19), destaca os problemas no campo brasileiro, onde relata a questão da baixa produtividade agrícola brasileira, já que só a soja alcança os padrões mundiais de produção. Também no caso da pecuária, a produção de leite fica bem abaixo de outros países, como a Argentina, por exemplo, de acordo com o livro didático II.

Na questão da distribuição de terras, existe uma dualidade, onde poucos, os latifundiários têm muita terra e muitos, os mini fundiários, tem pouca terra, o que gera um conflito no campo, onde ocorre a expropriação, onde o produtor perde suas terras em caso de dívidas com bancos. Isto tem gerado um processo migratório para as cidades, principalmente a partir de 1960, devido à mecanização das terras e o Estatuto do Trabalhador Rural, que

passou a dar direitos trabalhistas iguais aos trabalhadores urbanos, não aceitos pelos fazendeiros que preferiram demitir seus trabalhadores.

O livro didático II destaca que, uma das soluções para resolver os problemas do campo seria a reforma agrária, que não basta dar terra aos trabalhadores, pois, é necessário que dê garantias de preço mínimo aos produtos agrícolas, financiamentos com juros baixos para comprar máquinas e insumos e infraestruturas nas propriedades.

A utilização do solo inadequada também é tratada no livro didático II, questionando a forma como os produtores fazem uso do solo causando desgastes. (72/75).

Ao tratar das cidades no Brasil, o livro didático II, Geografia, Espaço e Vivência (2017/18/19), relata como ocorreu o processo de urbanização no Brasil a partir do fim do século XIX, o país que era totalmente agrário começa a se tornar urbano praticamente a partir de 1930, com a industrialização. Porém a industrialização ocorreu de forma mais intensa no Sudeste do Brasil, o que fez com que muitos moradores do campo mudassem para as cidades em busca de uma melhor condição de vida. Dessa maneira intensificou-se o processo de urbanização no Brasil, e como o país sempre teve uma forte agricultura, fez com que a dependência da agricultura continuasse. Como o Brasil é um país urbano, industrial e agrícola, onde tudo o que é produzido no país também é consumido no campo, e tudo o que se produz no campo, abastece as indústrias e alimenta as pessoas da cidade, criando uma relação campo/cidade muito intensa, inclusive muitas indústrias tem se instalado em cidades pequenas, produzindo praticamente para o mercado local, como as agroindústrias. (p.78/79).

Quanto às cidades:

A cidade é um pólo indispensável ao comando técnico da produção, a cuja natureza se adapta, e é um lugar de residências de funcionários da administração pública e das empresas, mas também de pessoas que trabalham no campo e que, sendo agrícolas são também urbanas, isto é, urbanos residentes (SANTOS, 2005, p.91).

As cidades passam a fazer a integração com o campo, com isso embora o homem produza no campo, utiliza a cidade como moradia, já que o campo hoje é praticamente área de produção.

Quando o processo de urbanização se intensificou, foram surgindo mais cidades, o que gerou um sistema de hierarquia, onde algumas cidades, pequenas, médias ou grandes passam a ter maior influência sobre outras, onde uma tem influência apenas regional, enquanto outras como as capitais passam a ter influência em todo o estado, já no caso de

metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro influenciam até mesmo no exterior, porque “[...] hoje cada cidade é diferente da outra, não importa o seu tamanho, pois entre as metrópoles também há diferenças” (SANTOS, 2013, p. 142). Existe ainda a união de algumas cidades em uma mesma região, geralmente vinculadas a uma grande cidade, o que se convencionou chamá-las de região metropolitana. As regiões metropolitanas são formadas a partir de cidades que são próximas, ou se aproximam a partir de uma expansão urbana, com isso um grupo de cidades recebem influência de um núcleo maior, e pelo seu processo de industrialização ou como crescimento urbano, fornecendo mão de obra para as outras cidades, acabam por sofrer um processo de crescimento urbano muito rápido.

Contudo a partir de um grande desenvolvimento no número de cidades, foi-se criando uma série de problemas, como falta de transporte público de qualidade, onde as periferias acabam por ser mal servidas por serviços públicos, onde normalmente se vê ônibus lotado e a passagem muito cara. Também a água encanada e o saneamento básico criam muitos problemas, como doenças oriundas desse descaso e que acabam por assolar os moradores desses locais. A violência, talvez seja o pior desses problemas, uma vez que além de prejudicar a vida dos moradores das periferias, também afeta a cidade como um todo, onde com o intuito de se proteger, os moradores de maior poder aquisitivo, optam por morar em condomínio, fazer compras em *shopping centers*, aumentando a segregação, pois somente quem tem maior poder de compra tem acesso a esses meios, embora a “[...] a segregação urbana é um processo que tende a se tornar mais complexo nas grandes cidades, já que é resultante da maior amplitude da divisão sócio espacial do trabalho no capitalismo” (CAVALCANTI, 2010, p. 78). A falta de políticas públicas eficiente nas cidades permite que grupos ou mesmo pessoas, acabem por ocupar certas áreas e fazendo inclusive uso particular de áreas públicas, já que não se sentem ameaçadas ou não vêem o estado ocupando esses lugares, portanto cabe ao Professor transpor isso para a realidade do aluno. (p. 80/83).

De acordo com os conteúdos apresentados nos livros didáticos: Expedições Geográficas e Geografia Espaço e Vivência (2017/18/19), em questão, existe uma ausência de temas locais, ligados ao cotidiano do aluno. A orientação de que a “[...] geografia é uma ciência social e ao estudá-la, é preciso considerar o aluno e a sociedade em que vive. Não pode ser uma coisa alheia, desligada da realidade” (CALLAI, 2003, p. 58). Que os exemplos práticos devem ser considerados e o local de origem do aluno, por meio de mapas que mostrem a realidade local e também aulas práticas, para que o aluno possa sentir/entender como é a realidade de seu local de origem em relação às teorias tratadas em sala de aula.

Ao reconhecer essa ausência, e concordando com Callai (2003), espera-se que ao tratar de temas como relevo, trabalhe a realidade do seu município, que este tenha um relevo com pouca inclinação comparando-o com outras realidades, como no caso com pouca inclinação comparando-o com outras realidades, como no caso das pequenas cidades do Norte do Paraná, destacando as diferenças entre uma e outra região.

No caso das paisagens, o Professor ao trabalhar o local de vivência do aluno, buscar nos centros comerciais, nos moradores antigos e na internet, imagens, fotos para que possa compará-las com a atualidade de sua cidade e demonstrar aos alunos como é possível relacionar conteúdos de seu local de origem e compará-los com outros locais, buscando trabalhar primeiro a realidade local do aluno para depois apresentar realidades distantes, uma vez que o entendimento se torna mais fácil quando estamos lidando com algo próximo de nossa realidade, e que pode ainda ser demonstrado com o uso de mapas, já que a Cartografia permite trabalhar de forma prática as teorias das salas de aulas. Ainda espera-se que o professor utilize em suas aulas, além do livro didático com os conteúdos locais, gerais e globais, atividades por ele mesmo desenvolvidas, com uso de tecnologias como GPS, Web Quest.

3.1 O material didático dos colégios privados de Ibiporã/PR

Na continuidade das análises do material didático, procurou também os conteúdos dos colégios privados de Ibiporã/PR, como descrito na tabela 04.

Tabela 04: Conteúdos de Geografia escolas privados 7º ano

Colégio Santa Marta/Sistema Maxi	Colégio Int. Sonia Marcondes/Sistema Positivo
O Brasil no cenário mundial	O Brasil urbano
O espaço urbano brasileiro	O Brasil rural
O comércio e os meios de transporte e de comunicação	Infraestrutura

Fonte: Edson José do Nascimento, 2019.

O Colégio Santa Marta, que faz uso do Sistema Maxi, para o 7º ano, como conteúdo que engloba cidades, urbanos e agricultura, se inicia com O Brasil no cenário mundial, onde mesmo sendo um país jovem, conquistou lugar de destaque no mundo, pois além de ser um grande centro consumidor, também é um grande produtor, haja vista que hoje vem se tornando um dos maiores produtores de alimentos do mundo. E sobre a agricultura,

“[...] desde o princípio dos tempos, a agricultura comparece como uma atividade reveladora das relações profundas entre as sociedades humanas e o seu entorno” (SANTOS, 2005, p. 88). O que demonstra que com a evolução social e econômica, o país se tornou um dos maiores produtores de frango, carne, de soja e de milho entre outros, as grandes jazidas minerais e o grande mercado importador, coloca o Brasil em destaque no cenário mundial, isto no contexto do material didático Maxi do Colégio Santa Marta.

As atividades culturais considerando ainda o material pedagógico Maxi do colégio Santa Marta, como o carnaval e o futebol, além de grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, este com suas praias, acabam também por chamar a atenção do mundo, inclusive pela questão da violência, do caos urbano e é claro pela beleza natural que possuem, já que ambas começam a ser reconhecidas como megalópoles, destaquem a importância de São Paulo:

Agora São Paulo passa a ser a área polar do Brasil, não mais propriamente pela importância de sua indústria, mas pelo fato de ser capaz de produzir, coletar, classificar informações, próprias e dos outros, e distribuí-las e administrá-las de acordo com seu próprio interesse. (SANTOS, 2013, p. 143).

Na questão urbana, a distribuição das cidades, sua forma de organização, a influência que uma exerce sobre a outra, devido sua posição geográfica ou até mesmo pelo tamanho que estas possuem, ou por seu potencial econômico, uma vez que possua um comércio de melhor qualidade, vai atrair mais compradores e criar uma rede. A industrialização faz a cidade adquirir uma importância muito grande, onde ao gerar emprego, atrai mais pessoas, aumentando o contingente populacional, gerando um círculo onde “[...] a população chegada à cidade faz crescer o volume de rendas e o nível da produtividade urbana” (SANTOS, 2012, p. 52), gerando um processo de urbanização que só tende a crescer, pois a geração de empregos atrai pessoas, com isso melhora o comércio, aumenta os impostos para a cidade, o que se entende que este faz com que melhore a infraestrutura e assim torna-se um círculo, que tende a aumentar e melhorar cada vez mais. Os meios de transportes e a comunicação têm facilitado a vida nas cidades, aproximando os centros urbanos, diminuindo o espaço entre as cidades, dessa forma, permite que as cidades tenham uma integração maior entre os moradores, de acordo com o programa do Colégio Santa Marta, onde:

No fim do século XX e graças aos avanços da ciência, produziu-se um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária. (SANTOS 2005, p. 23).

Esta situação faz com que o modo de vida, não seja muito diferente entre os moradores das cidades, onde ocorre uma unificação, inclusive mudando o modo de vida de todos, cria-se uma massificação da cultura, uma globalização, que “[...] grande parte das pessoas atualmente vive em cidades, que são locais complexos com modos de vida que se padronizou, sobretudo no mundo ocidental” (CAVALCANTI, 2011, p. 02). Mesmo assim, a cidade ainda é o lugar preferido para se viver.

O Colégio Sonia Marcondes que faz uso do Sistema Positivo, conhecido em Ibiporã/PR como “Tia Sônia”, apresenta em seus conteúdos o Brasil urbano e o Brasil rural, no caso do Brasil urbano, apresenta a cidade e seus problemas, desde a falta de segurança, a ocupação urbana que prioriza quem tem dinheiro, os investimentos públicos direcionados a um público que acabam sendo privilegiados, já que os bairros de classe alta acabam por receber mais investimentos, enquanto deveriam melhorar a condição da periferia, que sofre com a insegurança e a falta de transportes, entre outros.

No caso do Brasil rural, destaca a importância da agricultura, presente desde a colonização, os períodos formados por monoculturas, como o café e a cana de açúcar, que dominaram a produção no país, até os dias de hoje, onde o país já não é mais um rural, considerando que a maior parte da população mora nas cidades, mas o campo continua sendo importante, considerando a produção, o investimento que se faz nele e ainda a quantia de empregos gerados pelo agronegócio e pelas indústrias que produzem máquinas e equipamentos para o campo. Na infraestrutura, o Colégio Sonia Marcondes, relata a forma como é investido em infraestrutura e a necessidade de mais investimentos, onde os valores investidos são deficitários, não atendendo a demanda necessária a produção.

No caso dos colégios de ensino privado, nota-se também nos conteúdos voltados a cidade, urbanização e agricultura também não haver uma metodologia que contemple a pequena cidade.

Portanto cabe ao Professor de Geografia, dentro de sua organização curricular, inserir conteúdos que contemple o local de origem do aluno em um contexto onde se possa aproveitar a experiência do estudante, e por meio de uma metodologia que inclua os conceitos geográficos, a cartografia, apresentar aos alunos o seu local de vivência, e compará-los com outros locais, a partir de conteúdos que considere do local para o global.

3.2 A crítica à forma de uso do livro didático

Ao analisar o livro didático das escolas públicas e o conteúdo das escolas de ensino privado, tem se observado que os mesmos são trabalhados de uma forma geral, e quando falam em cidades, as tratam como se, as cidades grandes fossem todas iguais e as cidades pequenas também, sem considerar as diferenças ou peculiaridades entre uma e outras. As cidades no Brasil surgiram em épocas diferentes e por motivos diferentes, como São Paulo, Rio de Janeiro e algumas cidades do Nordeste que surgiram praticamente em função dos descobridores, e algumas cidades da Amazônia que surgiram em função da descoberta da borracha, no caso do Nordeste, a maioria surgiu da ocupação portuguesa, tanto que as principais cidades surgiram no litoral e em função da produção da cana de açúcar, enquanto as cidades do sertão ficaram a cargo dos criadores de gado. Temos o Centro Oeste com poucas cidades antigas e a criação de gado extensiva, não muito comum em outras partes do país, e com uma cultura que só se veio a se misturar a pouco tempo.

No sul, no caso do Rio Grande e Santa Catarina com a ocupação européia, acabaram criando cidades com suas particularidades, inclusive vivendo no estilo de seu país de origem.

No caso do Norte do Paraná, é diferente, temos um plano de colonização, incentivado pelos governos estadual e federal para que ocupassem uma região inabitada, e surge ali uma oportunidade de abrir uma nova página na colonização das regiões do Brasil.

A partir do momento em que surge a Paraná *Plantations* e depois a Cia de Terras Norte do Paraná, vão surgindo as cidades do Norte do Paraná para dar apoio aos colonizadores que vieram de muitas partes do Brasil.

Neste momento, surge uma nova situação, no caso do surgimento das cidades no Brasil, onde pela primeira vez se tem um planejamento, onde as cidades de apoio deveriam ter em média 15 quilômetros uma das outras e no caso das cidades pólos 100 quilômetros de distancia entre elas, como exemplo, estão Londrina e Maringá, importantes cidades da região Norte do Paraná, de acordo com o plano da Companhia de Terras do Norte do Paraná.

Ao verificar quanto ao surgimento das cidades, percebe-se que o regionalismo influenciou de várias formas o aparecimento dessas cidades, sempre prevalecendo situações que favoreciam de uma forma ou outra, as características regionais, que no caso do Brasil, são muito diferentes, considerando que o país é muito grande.

Quanto ao fato de considerar o ensino com um todo, contemplando situações que acabam por generalizar as informações, perde-se o que tem de original, mas como o Brasil é muito grande, e o livro didático, sendo escolhido pela escola que faz uso do mesmo, este é nacional, já que a editora tem um interesse comercial, e não seria interessante fazer um livro para cada região do país. Até mesmo porque no caso do livro didático é o MEC quem dá o direcionamento de como o livro deve ser produzido e distribuído para todas as escolas, a partir da escolha deste pela escola. E ao tentar introduzir o local de vivência do aluno no ensino, busca-se trabalhar esse regionalismo, considerando o local de vivência do aluno, como parte dessa metodologia.

No caso do uso do lugar/região do aluno como conteúdo nas salas de aulas, busca-se uma forma de dar ao aluno a opção de perceber que tudo o que ocorre em regiões distantes também ocorre em sua região, e que isto pode ser aproveitado pelo ensino de Geografia.

Ao tratar das regiões metropolitanas, por exemplo, o livro mostra a Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG, cidade muito bonita, porém fora da realidade de alunos como os nossos que moram longe e não tem noção das cidades que compõe essa região, enquanto isso tem aqui uma região metropolitana que engloba os principais municípios no entorno de Londrina/PR, e que é de conhecimento da maioria dos alunos, pelo menos o nome e o posicionamento geográfico, o que já ajuda. No caso dessa região metropolitana é possível, como é próxima dos alunos até mesmo de organizar um trabalho de campo e conhecer algumas dessas cidades, saber o porquê delas se juntarem em uma mesma região, quem vai ganhar mais com essa união, quem pode perder, quais vantagens podem ser divididas sendo benéficas a todos. Se aqui existe uma região metropolitana, será que todos os lugares têm?

Quanto ao aproveitamento da cidade/local de origem do aluno, este tem a possibilidade de aprender/entender o que é o lugar e a região, já que para isto além da limitação teórica em sala de aula, pode-se fazer uso da Cartografia, uma vez que a partir dos mapas tem-se a possibilidade de delimitar esses espaços/conceitos o que facilita o entendimento do aluno, como base para o entendimento da disciplina que tem nesses conceitos sua base de atuação.

Figura 02: Praça Pio XII (Ibiporã/PR, década de 1940)



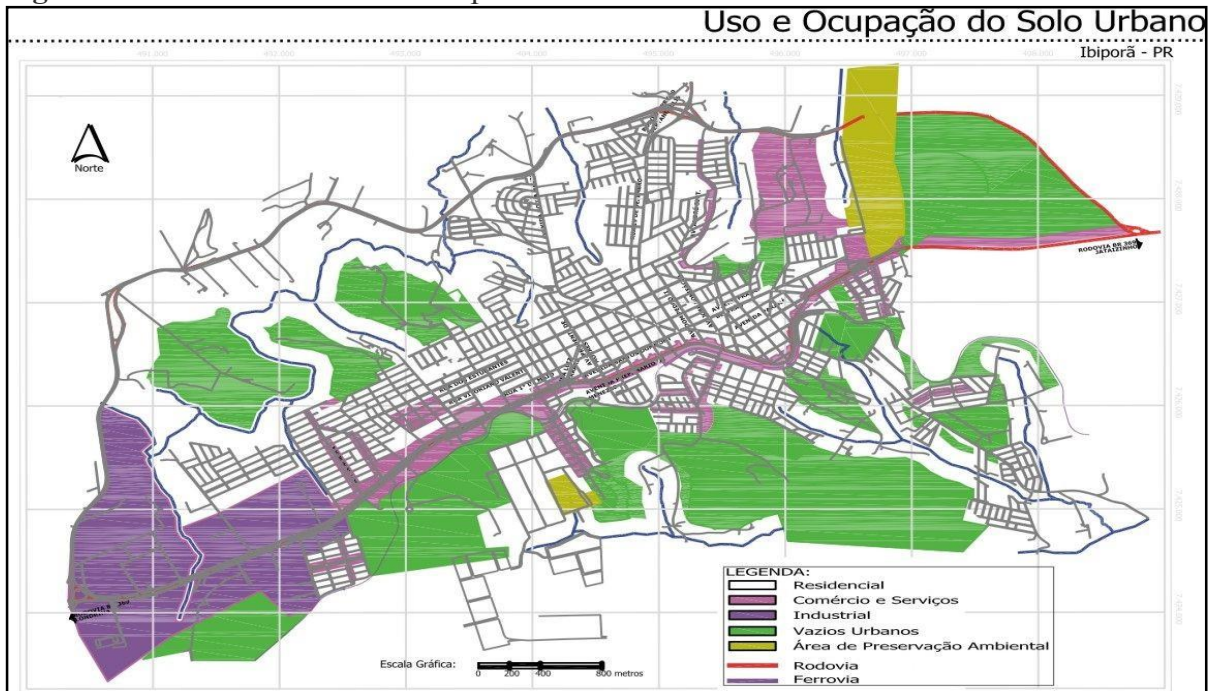
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/ibiporafotos/> João Carlos Murgi, 2018.

A figura 02 apresenta a praça principal de Ibiporã, que se firma como um Lugar, ponto de encontro das pessoas que buscam um espaço ao ar livre para conversar, tomar um sorvete. Lugar que se torna ponto de encontro. Mas ao mesmo tempo, este lugar se torna um centro religioso, lugar de encontro de católicos, que buscam na igreja, ao fundo da praça, manter sua religiosidade. A igreja, além de dar ao Lugar, uma definição, também se torna um espaço reconhecido a partir da procura que existe em seu entorno, inclusive, sendo referência para quem chegar à Ibiporã, já que se torna um ponto de apoio para quem vem a cidade, e também ponto de encontro para jovens e namorados que buscam na praça um lugar para se encontrar. E ao trabalhar com imagens, antigas e atuais, mais os mapas, demonstrando/definindo este espaço ou parte desse espaço como Lugar. Lugar que se firma como referência para as pessoas que precisam de um espaço, lugar que cria uma identidade para aqueles que buscam ter um espaço/identidade, quanto ao lugar que os define.

Também o Território, outro conceito chave, é possível de estudar mesmo partindo do local de vivência do aluno, isto considerando que Territórios existem em todos os espaços, e que o espaço, seja o de uso e de conhecimento do aluno, ou seja, sua rua, seu bairro, sua cidade, ele existe em todos os lugares, e ocupados por uns ou por outros, uma vez que nenhum Território fica desocupado. No caso do Território, (figura 03), sua delimitação também por meio de mapas, facilita o entendimento do aluno no tocante que este representa poder, seja no caso do traficante que exerce domínio sobre certa área, seja no caso da polícia,

que dependendo do bairro é mais presente ou até mesmo de gangues que fazem uso de certos espaços fazendo uso desse Território e tendo domínio sobre o mesmo.

Figura 03: Área limite cidade de Ibiporã/PR



Fonte: Ibiporã, 2006, p. 128.

Também no caso dos prefeitos, cada cidade/município é um território, e precisa ser apresentado ao aluno, este no caso, seu uso ocorre através de um poder político, que também ocorre nos Estado e na nação, considerando que o presidente exerce o poder sobre o maior território, no caso todo o Brasil. No caso das cidades, como no mapa acima, tem-se um espaço geográfico limitado por linhas/área, que delimita um Território, que neste caso, o poder é exercido pelo prefeito, embora dentro desse território, existem outros territórios menores que são ocupados por pessoas comuns, embora, cada um exerça um poder paralelo, e que algumas vezes, pode ser modificado, tanto no uso do território quanto na forma de uso desse território, como no caso do território de Ibiporã/PR, figura 04.

Figura 04: Ibiporã/PR



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/ibiporafotos/>

Ao ser criado o município de Ibiporã, nos ano de 1947, tem-se a criação de um Território, que representa o poder sobre um determinado espaço geográfico que é delimitado, pois este vai até a divisa de Londrina, Assai, Sertanópolis e Jataizinho sendo este último limitado pelo Rio Tibagi, que divide o espaço entre os dois municípios.

Ainda no caso do ensino regionalizado ou até mesmo localizado, tem-se o fato da escola que se localiza na região onde mora o aluno, seu local de convivência desde a infância, e como no caso das pequenas cidades do Norte do Paraná onde a maioria das famílias é de agricultor ou de pessoas que trabalham na agricultura tem-se o fator do agronegócio, do desenvolvimento que este tem alcançado e do valor agregado que existe na produção hoje, onde tanto os equipamentos de uso na agricultura quanto o salário pago aos operadores dessas máquinas tem melhorado em função do aprendizado que precisa ter o trabalhador rural, motivo esse que tem que ser usado para que os alunos entendam que no futuro, que já chegou, é preciso ser desenvolvido para estar ao alcance desse mercado.

No caso da formação das cidades, seja em qualquer região do país, é preciso levar em conta os motivos que levaram as pessoas a se agrupar em um determinado local e escolher ali para viver, pois isto não acontece de forma involuntária, a considerar que como o próprio texto diz, as pessoas são diferentes e tem interesses diferentes, no entanto, por uma razão ou outra começam a dividir o mesmo espaço.

Figura 05: Construções das primeiras casas de Ibioporã/PR. (1938)



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/ibiporafotos/>Carlos Alberto Fante, 2018.

Quanto ao surgimento das novas cidades, como Ibioporã/PR (figura 05), particularmente, no caso do Norte do Paraná, onde houve um ordenamento, já que as cidades foram planejadas, embora não houvesse infraestrutura suficiente para aqueles que ousaram serem os primeiros a chegar. Porém, é necessário que imagens, mapas e detalhes desse período sejam apresentados para que todos conheçam a história, sua própria história, que pode ser uma fonte de inspiração/conhecimento para quem estuda, e precisa agregar conhecimento. Este conhecimento é buscar uma história, resgatar uma forma de fazer/tornar o ensino mais atrativo, mais interessante.

Como no caso do Norte do Paraná, de início as cidades vieram para criar uma infra-estrutura aos produtores que compraram terras da companhia, e hoje é o local de moradia das famílias desses agricultores que usam o campo apenas para trabalhar, já que os problemas das cidades grandes também assolam as pequenas, pois os que ainda moram no campo sofrem com a falta de segurança, o que não se via na região em tempos atrás.

Também a tecnologia, disponível para quem mora na cidade, como o transporte, seja de alunos para as faculdades, seja para entretenimento, já que os jovens acabam se deslocando muito, e esses transportes públicos, mesmo não sendo de qualidade acabam por facilitar a vida de todos.

E na questão dos serviços públicos, é preciso apresentar a cidade para que os

alunos de forma que possam questionar certos costumes, onde, os ricos moram próximo do centro, em bairros mais bem cuidados, inclusive pela polícia, as ruas quase não tem buraco, as casas são grandes, mesmo que as famílias sejam pequenas. No caso da periferia, as famílias são grandes, as casas pequenas, as ruas esburacadas, o transporte público é ruim e a polícia praticamente não aparece à noite.

Em nossa região temos água encanada, mas não temos o esgoto tratado, ou seja, quando funciona é só parte.

Hoje mais do que nunca, é preciso mostrar aos alunos diferenças sociais que se mantêm há muito tempo, e que devem mudar quando o jovem aprender a ocupar seus espaços na sociedade, ou seja, ser um cidadão consciente. É preciso ter conhecimento para ser crítico, é preciso participar de reuniões políticas, seja no bairro, seja nas câmaras municipais para entender a dinâmica da política e de repente começar a fazer parte desse meio. Aprender que algumas coisas como serviços públicos só melhoram quando se critica, se demonstra insatisfeito com o funcionamento inadequado.

Essas mudanças vão ocorrer quando o jovem entender que precisa conhecer a cidade em que mora, identificar o que esta acontecendo de errado, e infelizmente a forma que o livro didático apresenta os conteúdos, nossos alunos não estarão preparados para serem cidadãos conscientes.

O livro didático, por ser um produto comercial, distribuído em todo o país, traz conteúdos distantes da realidade de maior parte dos alunos, mesmo que apresente uma linguagem adequada para cada turma/ano, se faz necessário que o Professor busque informações que possa auxiliar esse aprendizado, e faça o aluno adquirir maior interesse nos conteúdos trabalhados em sala de aulas para torná-los alunos realmente críticos o suficiente para reclamar seus direitos.

O livro didático Geografia Espaço e Vivência (2016/17/18) ao falar da agricultura generaliza um país que tem na produção de grãos seu ponto forte, onde apresenta duas figuras, onde a figura (06) mostra uma colheitadeira em serviço no campo, e um trator puxando uma carreta tipo “bazuca” onde é feita a descarga da colheitadeira.

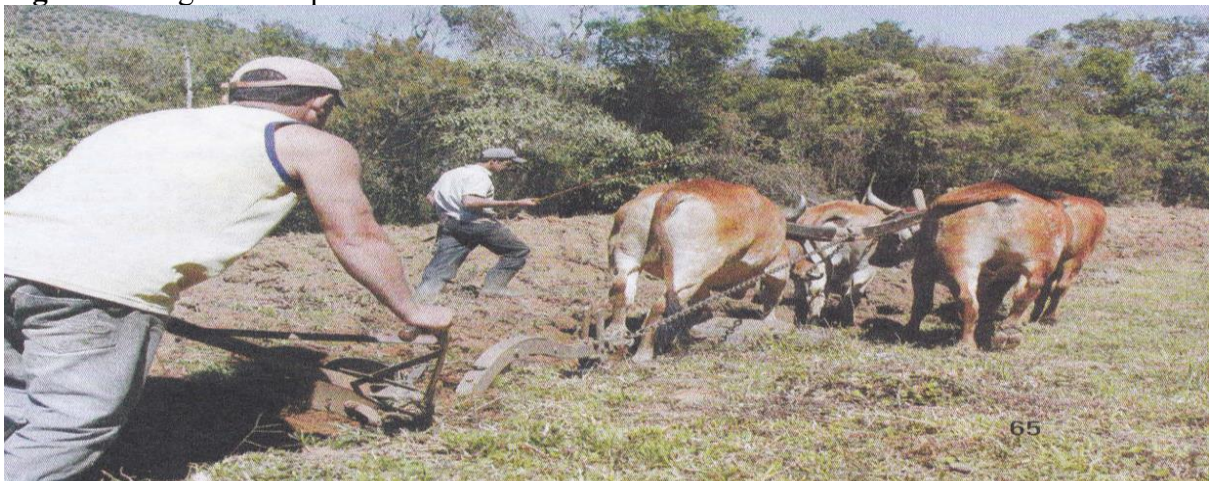
Figura 06: O agronegócio



Fonte: livro didático Geografia Espaço e Vivência (p. 64).

Neste caso, a tecnologia apresenta não é nada comparada com a agricultura de precisão, onde, pulverizadores, semeadeiras e adubadeiras são todas controladas por GPS, e na figura seguinte (07), apresenta um produtor que faz uso de tração animal, relatando que o atraso causa perda na produção.

Figura 07: Agricultura primitiva



Fonte: livro didático Geografia Espaço e Vivência (p. 65).

Neste caso, é preciso separar as situações, no caso do Centro Sul, principalmente, a tração animal virou peça de museu, os mais jovens nunca ouviram falar, e neste caso deve-se apresentar, mas como algo do início da produção agrícola no Estado do

Paraná e não como algo que atrapalha a produção. E como algumas áreas do Brasil, a influência do agronegócio é muito forte, é preciso dar destaque a tecnologia embarcada e apenas, em alguns casos regionais, trabalhar essa agricultura primitiva como forma de produção agrícola, onde ela ainda é praticada.

3.3 O uso da Cartografia nos livros didáticos de Geografia

É significativo dizer que o:

Livro Didático é uma expressão composta por um substantivo e um adjetivo, relacionado ao campo da educação acadêmica formal. Enquanto o substantivo livro contém a essência do vocabulário “livro didático”, definindo os próprios fazeres pedagógicos necessários a essa prática educativa, o adjetivo didático anuncia o contexto dessa prática como educativa, ou seja, o enquadramento motivador dessa ação pedagógica. (FRANCISCHETT, 2010, p. 03).

Neste caso, o livro didático, mesmo sendo o motivador da ação pedagógica, e de uso do professor, deve ser utilizado em aulas, mas não deve ser a única fonte de conhecimento:

Portanto, espera-se que o livro didático viabilize o acesso de professores, alunos e famílias a informações, conceitos, saberes, práticas, valores e possibilidades de compreender, transformar e ampliar o modo de ver e fazer a ciência, a sociedade, a educação e a cultura. Assim, materiais didáticos que associem correção conceitual, adequação de atividades e procedimentos, atualização pedagógica e reflexão sobre as interações entre conhecimentos dos diversos componentes curriculares podem se constituir nos contextos escolares em importantes instrumentos de apoio e qualificação do ensino. (BRASIL, 2018, p. 09).

A partir do uso do livro didático, o professor pode planejar suas aulas, buscar materiais de apoio para enriquecê-las, e ainda buscar informações necessárias ao seu dia a dia, para complementar as atividades apresentadas pelo livro didático, apesar de ser atualizado a cada três anos, sabe-se que fatos novos surgem a todo tempo, então passa a existir a necessidade do Professor de Geografia se atualizar sobre os novos fatos e acontecimentos. Ao buscar informações seja no livro didático, na internet ou mesmo de outros autores que se encaixe na metodologia, o professor precisa estar atento, pois:

Os sistemas de ensino e as escolas adotarão como norteadores das políticas educativas e das ações pedagógicas os seguintes princípios:

Éticos: de justiça, solidariedade, liberdade e autonomia; de respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de todos, contribuindo para combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito e discriminação.

Políticos: de reconhecimento dos direitos e deveres de cidadania, de respeito ao bem comum e à preservação do regime democrático e dos recursos ambientais; de busca da equidade no acesso à educação, à saúde, ao trabalho, aos bens culturais e outros benefícios; de exigência de diversidade de tratamento para assegurar a igualdade de direitos entre os alunos que apresentam diferentes necessidades; de redução da pobreza e das desigualdades sociais e regionais. (BRASIL, 2013, p. 107/08).

Portanto, além de ensinar os alunos a ler e escrever, também é necessário que estes se tornem cidadãos, e que tenham conhecimentos de seus direitos e deveres, para que possam ocupar seus lugares na sociedade. O livro didático, muitas vezes, será a primeira ferramenta de uso desse pequeno cidadão. Porém, a forma de uso do livro didático depende de cada professor, pois é preciso considerar que:

Ainda que exista pouco estudo sobre a forma de uso e os efeitos do livro didático em sala de aula, muitos são os textos sobre esses livros, sua evolução e suas características, e que apontam para sua indiscutível importância no processo de ensino e aprendizagem no Brasil. Não raro o adulto lembra mais facilmente o nome do autor do livro didático de uma disciplina do que o nome de um professor que o indicou. Por outro lado, a velocidade de lançamentos de novos títulos didáticos pelo mercado editorial indica que estes continuam sendo o grande recurso instrucional nas salas de aulas do país. (SCHÄFFER, 2003, p. 136).

O fato da distribuição do livro ser gratuita facilita o seu uso, pois este traz os conteúdos a ser abordados, uma vez no livro estão os conteúdos do Caderno de Expectativas de Aprendizagens do Paraná (2012), para escolas públicas do Paraná, que é orientado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.

Orientando sobre a escolha do livro didático lembra que o mesmo, “[...] deve atender aos objetivos estabelecidos pelo professor em seu plano de trabalho, e consequentemente as características do grupo de alunos a qual se destina” (SCHÄFFER, 2003, p.144). Portanto a escolha do livro deve ser feita de forma pensada, alinhada a um planejamento que vai permitir ao professor, fazer uso deste material didático e ainda ter possibilidade de uso de outras fontes que lhes seja interessante de acordo com seu conhecimento e uso apropriado.

No caso do uso ou não do livro didático:

Embora haja professores que não façam uso de livros didáticos, as razões para esse procedimento são muito variadas. Há um grupo de professores, com boa formação e grande compromisso com os alunos, capaz de fazer projetos individuais ou interdisciplinares em suas escolas, usando textos de variados livros didáticos ou não, filmes e saídas a campo, não se limitando à apenas uma produção didática. (PONTUSCHKA, 2009, p.340).

Embora o livro didático esteja disponível, cabe ao professor fazer uso dele ou não. O importante é que faça uso do que for melhor para suas aulas e o aprendizado de seus alunos. É preciso ratificar que o livro didático é atualizado a cada três anos e, é escolhido por professores, isto considerando a oferta dos livros didáticos disponibilizados pelo Plano Nacional do Livro Didático para cada núcleo de educação.

No caso do Núcleo Regional de Educação de Londrina/PR, onde está inserida a cidade de Ibiporã/PR, que possui 07 (sete) colégios públicos de ensino fundamental II e médio, são utilizados dois livros didáticos de editoras diferentes.

O livro didático Expedições Geográficas (2017/19), da Editora Moderna, da qual fazem uso os colégios: Colégio Estadual Jardim San Rafael, Colégio Estadual Olavo Bilac, Colégio Estadual Basílio de Lucca, Colégio Estadual Unidade Pólo, Colégio Estadual Antônio Iglesias Ensino de 1º e 2º graus, Francisco G. Beltrão Ceebja Ensino Fundamental e Médio.

Já o livro didático Geografia-Espaço e Vivência, da Editora Saraiva (2017/18/19) é utilizado pelo Colégio Estadual Teothônio Brandão Vilela.

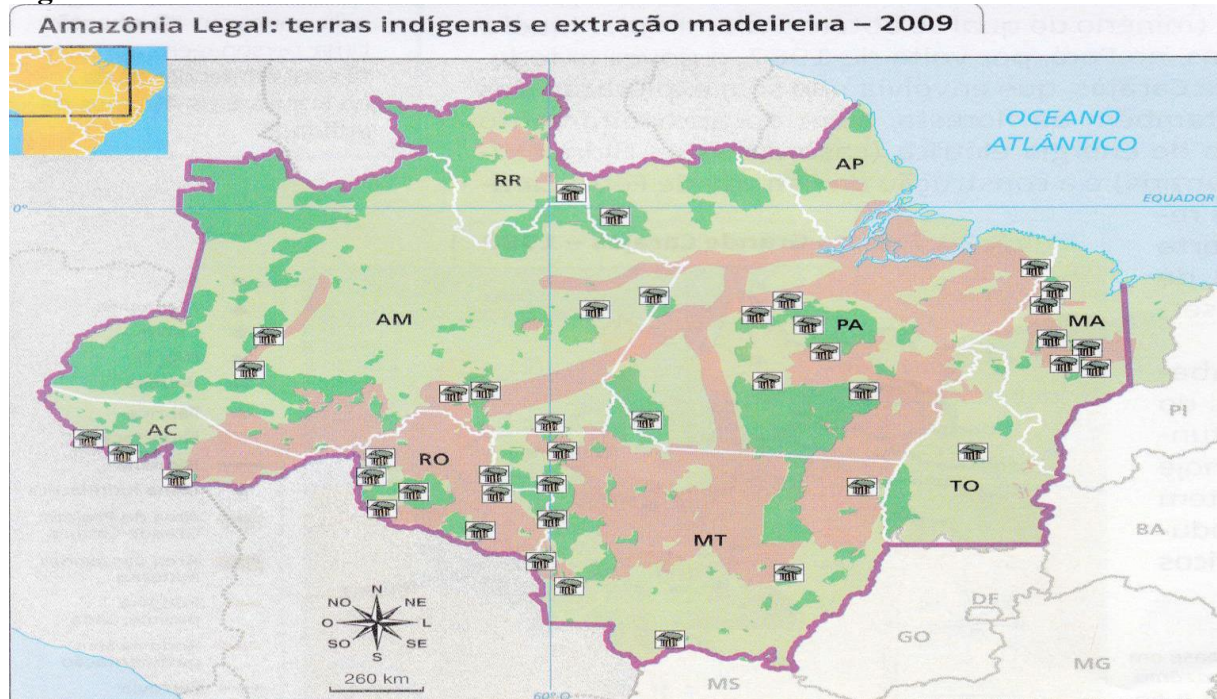
No caso dos colégios de ensino privado, também existe a opção por um material didático, no caso de Ibiporã/PR, o Colégio Integrado Sônia Marcondes (Tia Sônia), de Ibiporã/PR, sistema privado de ensino, faz uso da metodologia de ensino do Sistema Positivo de Ensino, já o Colégio Santa Marta de ensino privado faz uso do Conteúdo Programático Ensino Fundamental Anos Finais - Somos Educação - Sistema Maxi de Ensino.

Ao analisar os conteúdos Cartográficos nos livros didáticos: Expedições Geográficas e Geografia Espaço e Vivência, uma vez que esta temática apresenta-se como muito importante para o desenvolvimento geográfico dos alunos, é também considerada difícil, pois utiliza como base ciências como a matemática, a física e a astronomia, mas, em maior parte por falta de base dos alunos, uma vez que a Cartografia é pouco utilizada nas series iniciais do ensino fundamental I, e distribuídos da seguinte forma nos livros didáticos:

No final de cada capítulo, onde estão às atividades, o livro didático I, Expedições Geográficas (2017/18/19), traz um enunciado com o título: Leituras

Cartográficas, onde apresentam mapas e questionam os alunos sobre a análise dos dados, embora sejam um ou dois assuntos no mesmo mapa. Ainda que o enunciado fale de Cartografias, o assunto é trabalhado por meio de duas ou três perguntas e o mapa já está pronto.

Figura 08: Grande área verde do Brasil



Fonte: Livro didático Expedições Geográficas (2017/18/19, p. 126).

O mapa da figura 08 apresenta a região chamada de Amazônia Legal, que envolve as áreas de floresta e as áreas de transição ao seu redor, como no caso do Mato Grosso onde o Cerrado também tem uma área de transição com a floresta e no Maranhão com as Florestas dos Cocais, áreas de extrativismo que serve de sustento aos caboclos que retiram dos cocais a matéria prima para artesanatos e ainda vendem a castanha do côco.

O mapa em questão vem pronto, apenas os alunos têm que escrever um texto sobre os povos atingidos tanto pela prática legal ou ilegal do tema tratado no mapa, baseado em um texto do livro em questão.

O livro didático I, Expedições Geográficas, apresenta ainda muitos mapas em quase todos os capítulos, embora já esteja pronto, o livro didático apresenta a confecção de mapas, onde faz referência ao mapa pictórico que possa representar fenômenos geográficos, características naturais ou culturais de certas localidades (figura 09), embora não atenda as necessidades técnicas ideais, de acordo com o livro.

Figura 09: Mapas pictóricos

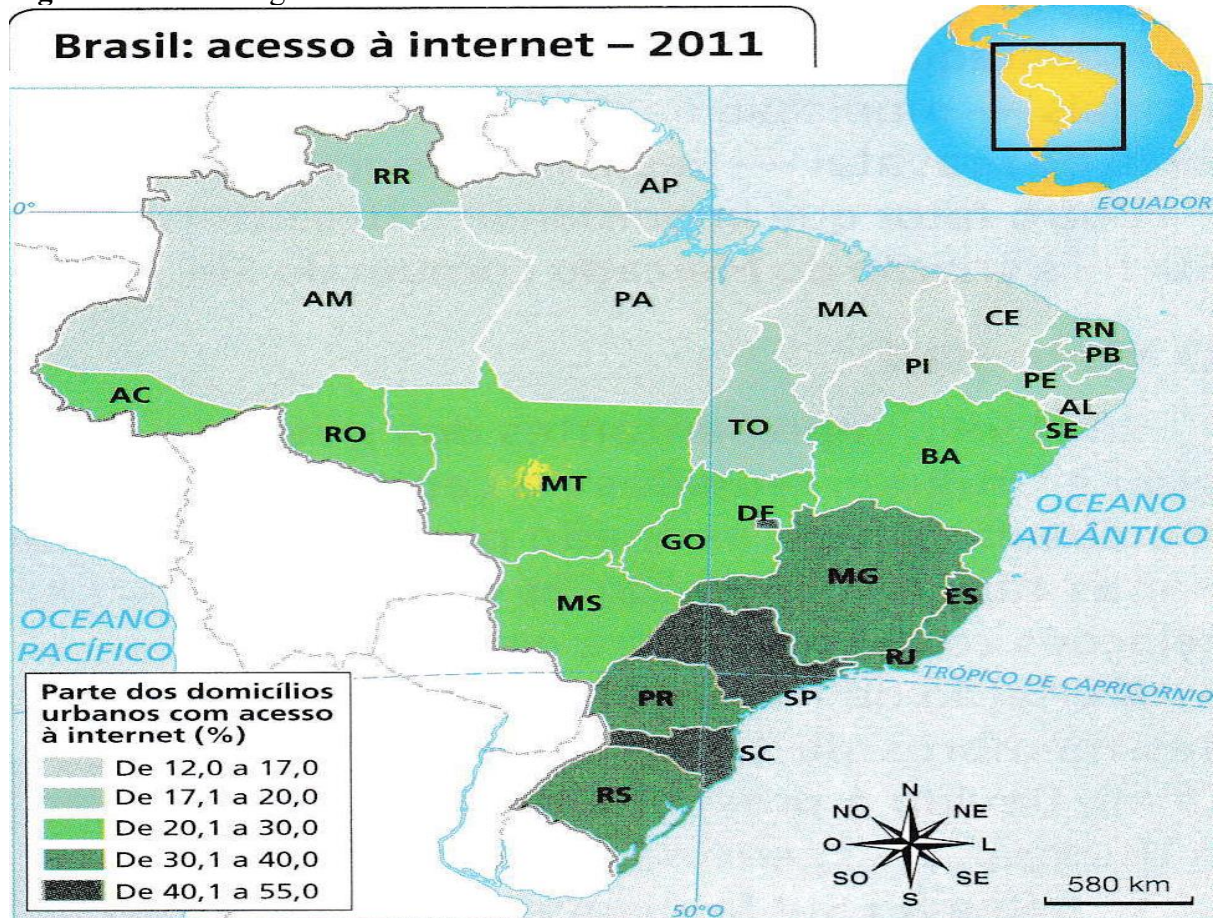


Fonte: Livro didático Expedições Geográficas, (2017/18/19, p. 133).

A construção de mapas pictóricos (pintura) permite que o autor dos mapas, faça uso de seus próprios sistemas de representação, com símbolos criados a partir da sua imaginação, utilizado principalmente para representar paisagens naturais e culturais, como na figura 09, a representação turística de uma parte da cidade de Belém/PR.

O livro didático I Expedições Geográficas (2017/18/19), apresenta um mapa (Figura 10) como este sobre o uso da internet nas residências.

Figura 10: Brasil digital



Fonte: livro didático Expedições Geográficas (2017/18/19, p. 240).

A figura 10 apresenta o Mapa do Brasil, com uma coloração em verde, que fica mais clara ou mais escura, a partir da proporção do uso da internet por estados, onde o verde mais escuro representa os estados que possuem mais domicílios com acesso a rede de internet e verde mais claro, para os estados onde o acesso a rede de internet é menos comum, como no caso da Região Norte, onde o acesso varia de 12 a 17% de domicílios ligados a rede mundial de computadores, isso em 2011, de acordo com o livro didático Expedições Geográficas (2017/18/19).

O livro questiona o aluno para que explique o que o mapa representa, e para que aponte o percentual de domicílios com acesso à internet na unidade da federação onde você mora e para que classifique os estados da região sul quanto ao acesso à internet, neste mapa é possível trabalhar desmatamento, falta de rodovias de acesso e ainda a produção na região, que pode ser agrícola, extrativismo ou pesca, já que a região Norte possui um dos maiores volumes de água do mundo.

que demonstram com clareza os assuntos abordados. É muito comum o uso de mapas com esse intuito na Geografia.

Como proposto nas Diretrizes Curriculares Estaduais de Geografia, a linguagem cartográfica corresponde a um suporte para o entendimento dos conteúdos geográficos, portanto essa linguagem é utilizada à compreensão da espacialização dos fatos e fenômenos em diferentes escalas geográficas, (PARANÁ, 2012, p. 53). No entanto, cabe ao professor, de acordo com seu entendimento, fazer uso da Cartografia, porém, devem-se sempre considerar que o Ensino deve ser repassado todas as informações possíveis, dentro de cada disciplina e de acordo com as possibilidades.

Ao considerar a necessidade das crianças em idade escolar de frequentar a escola, e que a maioria só tem acesso ao ensino público, o (a) professor (a) tem a necessidade de oferecer aos alunos o melhor, pois:

O Ensino Fundamental foi, durante a maior parte do século XX, o único grau de ensino a que teve acesso a grande maioria da população. Em 1989, já na virada da última década, portanto, a proporção de suas matrículas ainda representava mais de $\frac{3}{4}$ do total de alunos atendidos pelos sistemas escolares brasileiros em todas as etapas de ensino. (BRASIL, 2013, p. 106).

O fato de muitos alunos, considerando os dados acima, só ter frequentado o ensino fundamental, aumenta a responsabilidade do professor no sentido que este deve se esforçar ao máximo para que seus alunos recebam o que de melhor o professor possa lhes propiciar, pois embora o professor receba o livro didático e que este é o norteador de seu currículo, existem outras possibilidades:

Art. 11 A Base Nacional Comum e a parte diversificada do currículo do Ensino Fundamental constituem um todo integrado e não podem ser consideradas como dois blocos distintos.

§ 1º A articulação entre a base nacional comum e a parte diversificada do currículo do Ensino Fundamental possibilita a sintonia dos interesses mais amplos de formação básica do cidadão com a realidade local, as necessidades dos alunos, as características regionais da sociedade, da cultura e da economia e perpassa todo o currículo. (BRASIL, 2013, p. 132).

A partir da possibilidade do professor diversificar seu currículo e aplicar parte da realidade local, onde “[...] os mapas temáticos interessam a Geografia na medida em que abordam, conjuntamente, um mesmo território também quando o consideram em diferentes escalas” (FRANCISCHETT, 2010, p. 54), a partir dessa afirmação, nota-se a

necessidade de trabalhar a Cartografia no ensino de Geografia, como diversificação do currículo. Pois:

Ao olhar para o mapa é possível entender que, conforme se caminha do litoral para o interior do estado do Paraná, vai-se passando por altitudes diversas, iniciando nas baixas, até 300m, passando pelas maiores na parte central e chegando novamente às mínimas no interior. Outra questão é a distribuição da hidrografia. Que influência há no relevo em relação à montante ou jusante dos rios? Essas são informações! Não se confunde com “dados”. (FRANCISCHETT, 2010, p. 61).

A autora vem demonstrar a necessidade de uso dos mapas e da Cartografia na disciplina de Geografia, uma vez que os mapas são capazes de mostrar a parte prática do ensino, pois é possível notar por meio de mapas temáticos essas diferenças, sejam em relação à altitude de uma região a outra e, ainda no caso dos rios, onde é possível perceber desde a jusante até a montante, a bacia a que pertence determinado rio, tendo todas as informações possíveis referente à hidrografia de um lugar ou mesmo de uma região ou Estado, e até do país inteiro, dependendo da necessidade.

Com a utilização dos mapas, “[...] pelo ensino das representações cartográficas será possível ao aluno entendimento, compreensão e conhecimento do espaço geográfico transformado ou em transformação” (FRANCISCHETT, 2002, p, 26). Neste sentido, é possível fazer uso de mapas e conceitos cartográficos no ensino de Geografia, para apresentar formas de utilização do espaço geográfico que permita ao aluno uma melhor visualização do que esse está trabalhando.

No caso do espaço geográfico, modificado ou em modificação, o mapa permite uma visualização mais detalhada desse espaço e de como ocorrem essas mudanças, o que facilita o entendimento e o aprendizado por parte do aluno.

É preciso considerar que “[...] partindo da idéia de que o objeto da didática é o ensino, compete a seus estudiosos estudar formas de tornar compreensível ao aluno àquilo que o professor pretende e deve ensinar” (MAIA; SCHEIBEL, 2010 p. 17), o que exige que o professor tenha habilidade e competência para apresentar os conteúdos que pretende trabalhar de uma forma que facilite em muito o aprendizado.

3.4 O Caderno de Expectativas de Aprendizagem e os conteúdos básicos de Geografia e Cartografia aplicados no local de vivência do alunos

O professor de Geografia da rede pública do Paraná, tem suas orientações curriculares de acordo com:

As Diretrizes Curriculares Orientadoras da Educação Básica para a Rede Estadual de Ensino (DCE) deram base ao Caderno de Expectativas de Aprendizagem fortalecendo a Geografia Crítica como linha teórica e o espaço geográfico como objeto de estudo (PARANÁ 2012, p.53).

Portanto, este é o ponto de partida para que o Professor faça seu planejamento e siga suas aulas com as orientações do Caderno de Expectativas de Aprendizagem do Estado do Paraná, onde a partir desses conceitos, cabe a cada professor planejar suas aulas.

Conceitos básicos da Geografia: paisagem, sociedade, território, natureza, lugar e região orientam as discussões dos conteúdos estruturantes, básicos e específicos, para tanto, eles devem nortear a abordagem dos conteúdos, possibilitando aos alunos o seu entendimento. Além dos conceitos básicos, as relações presentes nas categorias de análise Sociedade-Natureza e Espaço-Tempo são necessárias à compreensão dos conteúdos. (PARANÁ, 2012, p. 52).

O Estado do Paraná, que faz uso de uma metodologia estadual, onde as DCEs, deram base ao Caderno de Expectativas (2012), que propõe que a “[...] linguagem cartográfica corresponde a um suporte para o entendimento dos conteúdos geográficos, portanto essa linguagem é utilizada à compreensão da espacialização dos fatos e fenômenos em diferentes escalas geográficas”. (PARANÁ, 2012, p. 52).

A partir desses conteúdos, inicia-se um planejamento com algumas diferenças em relação aos planos de aulas estabelecido nos livros didáticos Geografia Espaço e Vivência e Expedições Geográficas (2017/18/19), onde, na Unidade I ao tratar do Território Brasileiro, há a necessidade de iniciar pela Cartografia, uma vez que o Caderno de Expectativas de Aprendizagem espera que o aluno:

Reconheça a atual configuração do território brasileiro, definida ao longo dos últimos séculos, por meio do processo de ocupação e povoamento.
Identifique o processo de formação do território brasileiro e paranaense, compreendendo o conceito de território.
Estabeleça relações entre o território brasileiro no contexto mundial, compreendendo suas relações econômicas, culturais e políticas com os demais países. (PARANÁ, 2012, p.55).

Ao tratar da configuração do território, há a necessidade de se trabalhar com mapas, inclusive de diferentes épocas, pois nosso território mudou muito desde o descobrimento, onde os Bandeirantes avançaram o Tratado de Tordesilhas, o que causou a primeira modificação, depois com a anexação do território do Acre, mais uma vez esse território avançou suas fronteiras, e com uma aula de Cartografia é possível demonstrar aos alunos como era e como ficou depois dessas mudanças:

Através dos conhecimentos cartográficos será possível entender a representação e a transformação do espaço geográfico, razão pela qual a Geografia age como ciência. Pelo ensino das representações cartográficas será possível ao aluno entendimento, compreensão e conhecimento do espaço geográfico transformado ou em transformação. (FRANCISCHETT, 2002, p. 26).

Ao trabalhar com mapas, o professor deve ter o cuidado de aplicar neles, as técnicas da Cartografia, onde além do mapa, ainda pode usar outro recurso como maquete, e a partir desse ponto demonstrar aos alunos como o Território foi se modificando até chegar ao modelo que temos hoje. O mesmo caso deve se aplicar ao Estado do Paraná, para identificar como o estado era coberto de matas e como a estrada de ferro, as rodovias e as cidades ao longo do tempo foram transformando o Estado.

A partir do uso da Cartografia podem-se definir limites e fronteiras, o uso do conceito de Território, embora nessa situação, deve trabalhar somente o conceito de Território político e físico, para facilitar o entendimento. No entendimento do “[...] conceito de Território pode ser relacionado à soberania de certo poder político sobre um determinado espaço. Visto dessa forma, a concepção dessa categoria estará diretamente relacionada às relações de poder. Território é poder”! (PEREIRA, 2012, p. 29).

Nas relações mundiais, o professor deve considerar que “[...] a globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em “sistema-mundo” de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos” (SANTOS, 2013, p. 45). Milton Santos, ao fazer essa afirmação, vem mostrar que o mundo globalizado é um mundo sem fronteiras, que mesmo os países mantendo suas fronteiras e seus territórios, há uma tendência das culturas se generalizarem, claro dependendo da influência econômica que este país tenha para o capital globalizado, uma vez que a economia é quem cria toda essa influência no mundo, exercendo influências em uma área mais que em outras, normalmente áreas que possuem algum interesse para o capital, e como “[...] a globalização é, de certa

forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (SANTOS, 2005, p. 223).

No caso do Brasil, as áreas de produção agrícolas e de minérios, e o alto contingente populacional, se tornam uma vitrine para os países ricos e capitalistas que precisam de um local rentável para investir seu capital com retorno certo.

No caso do Brasil, por ser um país que possui muitos minérios, alguns raros, possui um agronegócio muito desenvolvido, de alto nível, com uma produção voltada ao mercado internacional, uma vez que os principais produtos agrícolas são negociados em bolsas de valores, pois:

Os espaços destinados a atividades agrícolas modernas estão não só funcionalmente ligados aos demais setores econômicos, como estão integrados à dinâmica do capital industrial e financeiro. Foram os preços atrativos no mercado mundial que provocaram o avanço territorial cada vez maior da soja, produto quase que exclusivamente voltado para exportação, pois a alimentação brasileira incorporou muito pouco do mesmo, após vários anos de cultivo. (ENDLICH, 2006, p. 05)

Ainda na questão agrícola, o Brasil é um dos países com maior potencial de crescimento, mas, quando trabalhar essa questão com alunos deve se ficar atento à questão ambiental que sempre deve ser considerada, pois há a necessidade de trabalhar que o fato do país poder aumentar a produção, não se justifica desmatar áreas de proteção ou reservas ambientais, como querem alguns latifúndios.

No caso do território paranaense, a questão da produção de *commodities*, ou seja, produção em grãos que normalmente são exportados, e tem seu valor negociado em bolsas de valores, em detrimento da agricultura de subsistência, considerando a pequena propriedade, que é a principal produtora de alimentos básicos, como arroz, feijão, frutas e verduras para o mercado local e normalmente são comercializados dentro da própria região. Há também uma preocupação com a produção de cana de açúcar, outro produto que interessa ao mercado mundial devido o Etanol ser um combustível renovável, produto de exportação, porém que exige grandes áreas, e gera uma degradação da vida natural pelo uso de agrotóxicos e as queimadas, embora já exista a Lei nº 11.241/2002, que regulamenta esta prática.

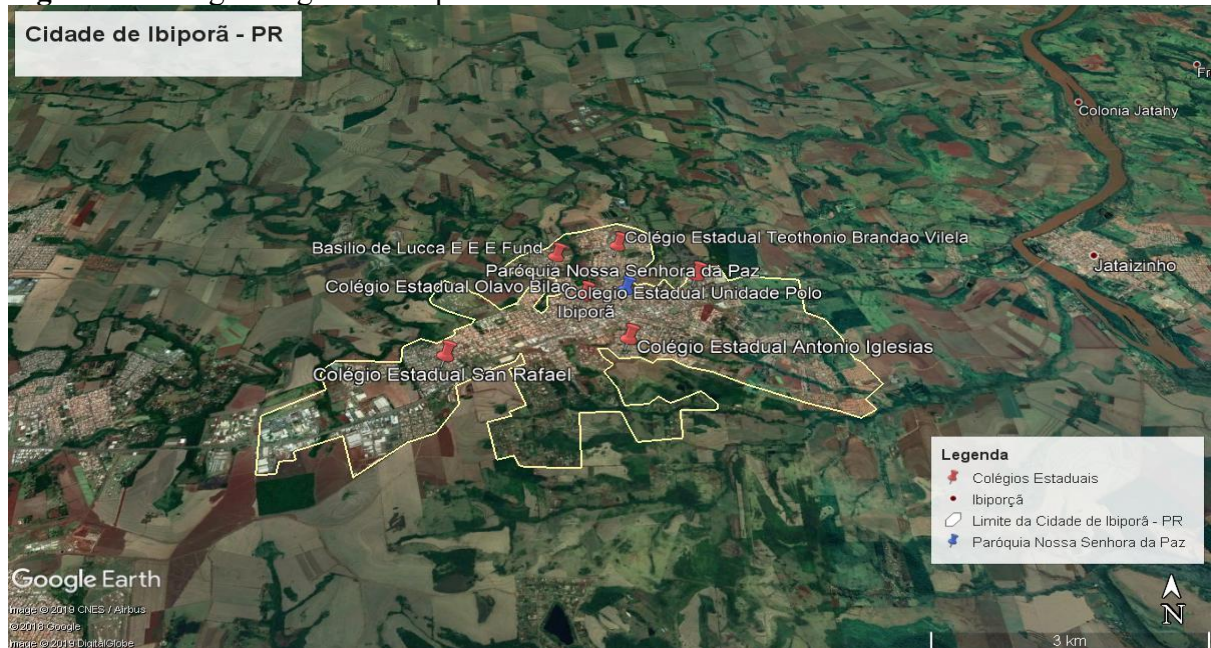
Embora, a cana de açúcar, ainda seja utilizada em larga escala, principalmente em municípios pequenos, “[...] uma das opções do Noroeste do Paraná após as mudanças na agricultura, especialmente na área de solos arenosos, foi à instalação de

destilarias de álcool e o cultivo da matéria-prima para esta atividade, a cana-de-açúcar, que passou a fazer parte da paisagem da região” (ENDLICH, 2006, p. 135), embora tenha surgido no Nordeste Brasileiro, hoje a cana de açúcar é cultivada em quase todo o país.

Quanto à questão cultural, é interessante demonstrar aos alunos como a cultura mundial, a partir da globalização, vem influenciando todos os países. E que “[...] nenhuma fração do planeta escapa a essa influência” (SANTOS, 2005, p. 81), o que vem demonstrar a força que a globalização exerce no mundo. Quanto as questões políticas, culturais e até mesmo comerciais incluindo os países e a globalização, uma das maneiras de atualizar esse conhecimento é através do uso de jornais e revistas em sala de aula, pois, “[...] o enfoque principal dessa sugestão é o de utilizar notícias veiculadas em jornais como instrumentos pedagógicos no ensino de Geografia, motivando o aprofundamento dos temas que serão trabalhados com os alunos” (ARCHELA; CALVENTE, 2008, p. 91). É possível instigar os alunos com assunto que seja do interesse deles e a partir, buscar em jornais e revistas esses assuntos para que possa ser discutido em sala, dar aos alunos uma opção de aprender a ser críticos, questionar o porquê da influência de algumas famílias terem sempre alguns de seus membros eleitos, entender a distribuição social dos habitantes na cidade, porque ricos moram de um lado bem cuidado e os pobres na periferia, compreender um pouco das políticas públicas e sociais.

Quanto à questão ambiental, é necessário considerar as regiões agrícolas, como é o caso da pequena cidade de Ibiporã, Norte do Paraná, uma vez que grandes problemas foram e são gerados, em função do uso do solo nestas regiões, onde os produtores plantam até mesmo no entorno dos rios, desconsiderando as APPs (Áreas de Proteção Permanente), que inclusive é protegida pela Lei 12.651/2012 (UFRGS, 2016), que regulamenta a proteção da vegetação nativa.

No caso, como pretende utilizar a região de Ibiporã/PR (figura 12), pode-se fazer uso de uma imagem de satélite, com algumas marcações, onde:

Figura 12: Imagem digital de Ibioporã/PR

Fonte: Edson José do Nascimento, 2019 (marcações do autor)

Na imagem apresentada na Figura 12, é possível observar a cidade de Ibioporã/PR por completa, os colégios públicos e a praça da Matriz, além da área do perímetro urbano, destacando onde “[...] o município de Ibioporã apresenta relevo predominantemente suave ondulado” (IBIPORÃ, 2011). O Relevo da sede do município é ondulado com declividades acentuadas próximas as nascentes de córregos, chegando as vezes a declividades superiores à vinte por cento (20%)” (IBIPORA, 2011), neste caso além de uma aula teórica, uma das possibilidades seria fazer uma maquete do município, já que “[...] as maquetes geográficas, além de diferente meio de expressão e representação, desenvolvem a percepção e carregam em si novas possibilidades de comunicação” (FRANCISCHETT, 2004, p.35) . Espera-se que ao trabalhar esse tema no local de vivência do aluno, este se torne mais consciente de seu papel de cidadão.

Há certo consenso sobre a noção de que a prática pedagógica na disciplina escolar Geografia deve começar pelo lugar de vivência do aluno, explorando todo o potencial de seu conhecimento prévio e, com base nele, introduzir os conceitos científicos dominados pelo professor.(PONTUSCHKA, 2009, p. 136).

Ao trabalhar a pequena cidade, como foco da transformação da paisagem, a cidade, mesmo pequena, tem sofrido um processo de transformação, em função da ocupação do lugar, do uso do território, seja físico ou político, e uma das maiores

transformações de paisagem ocorre nas áreas agrícolas. Ao considerar o período que era coberta pela mata Atlântica até hoje, esta área vem sofrendo transformações em função da produção agropecuária.

No caso do território paranaense e brasileiro as constantes modificações na sua quase totalidade tem a ver com a questão econômica, ou as vezes, em decorrência de forças naturais, como chuvas, temporais, ventos e pelas intempéries. Embora as maiores mudanças nas paisagens são em função do homem e do uso do meio ambiente, e neste caso ao trabalhar com os alunos, é preciso tomar cuidado, para que em nome do progresso, entenda que tudo é liberado, uma vez que certas mudanças são necessárias, mas algumas acabam causando danos irreversíveis à natureza:

O avanço da civilização atribui ao homem, por meio do aprofundamento das técnicas e de sua difusão, uma capacidade cada vez mais crescente de alterar os dados naturais quando possível, reduzir a importância do seu impacto e, também, por meio da organização social, de modificar a importância de seus resultados. (SANTOS, 2005, p.88).

As diferentes regiões do planeta, e no caso do Brasil, que tem suas peculiaridades no clima, mais a interferência do homem tem trazido modificações que precisam ser consideradas. Por isso, é preciso saber que, “[...] os fatores climáticos são as características do espaço geográfico que controlam ou influenciam a variação desses elementos, tais como altitude, latitude, continentalidade, maritimidade, relevo e, principalmente, formas de uso e ocupação do solo”. (FERRETI, 2012, p.21). O clima influencia todas as regiões, inclusive modelando ou modificando as paisagens, as vegetações e a vida animal do lugar. E considerando a questão do clima, é importante que se estabeleça uma relação com alguns conceitos, como paisagem, onde a vegetação de uma determinada região é determinada pelo clima.

Ainda, ao considerar o Caderno de Expectativas de Aprendizagem do Paraná, identifique e caracterize para que “[...] entenda o conceito de natureza, região e paisagem.” (PARANÁ, 2012, p. 56)

Quanto aos itens citados do Caderno de Expectativas de Aprendizagem do Paraná, o clima e as formações vegetais, onde cada clima apresenta uma formação vegetal correspondente, embora seja necessário que o Professor saiba diferenciar áreas de transição, vale destacar a mata Atlântica (ou o que resta), como ocorreu seu desmatamento e as áreas de preservação ainda existentes.

Quanto ao conceito de Natureza, Região e Paisagem devem ser do conhecimento de todos que trabalham na Geografia, diferenciando apenas na forma de utilizar. “[...] identifique as diferentes formas de regionalização do espaço brasileiro e paranaense, entenda o conceito de região” (PARANÁ, 2012, p. 56).

No caso da Paraná, há de se dar destaque as regiões, as diferenças de culturas devido à proximidade com outros estados e os povos colonizadores, tanto do Norte quanto no Sul do Estado. Em relação ao Norte do Paraná, deve-se planejar uma aula com a ajuda de mapas, devido ao sistema de colonização e as cidades criadas no processo.

Figura 13: Regiões geográficas do Paraná



Fonte: Ipardes.gov.br/pdf/mapas.

A figura 13 apresenta o mapa do Estado do Paraná, dividido em regiões geográficas, contemplando todo o Estado e todas as áreas, de forma que basta olhar para o mapa para identificar onde fica determinada área ou região geográfica, como no caso do município de Ibiporã, que fica na região Norte Central.

Figura 14: Cia de Terras Melhoramentos



Fonte: Secretaria da Cultura, patrimônio cultural, 2019.

A Companhia de Terras Melhoramentos adquiriu uma grande área do Norte do Paraná (figura 14), cedida pelo poder público, para que fosse implantado ali um grande projeto de colonização. Foram trazidos colonizadores de muitas partes do Brasil, onde aos poucos foram surgindo pequenos núcleos de apoio a esses colonizadores, que acabaram por se transformar nas pequenas cidades do Norte do Paraná.

Quanto ao conceito de Região, muito utilizado na Geografia, há de se pensar naqueles que vieram buscando justamente uma região para morar.

Em relação à diversidade regional e cultural do Brasil e do Paraná, há a necessidade de se trabalhar por regiões, onde cada uma tem suas peculiaridades, tanto na cultura quanto na economia, pois até mesmo o clima acaba colaborando na diversificação tanto cultural quanto econômica.

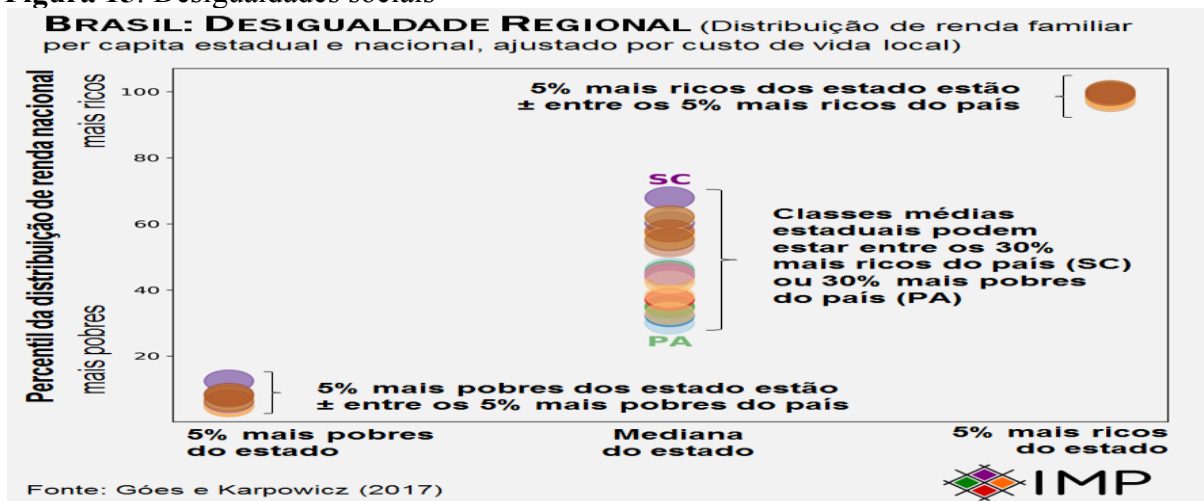
A distribuição espacial no Brasil ocorreu em sua maior parte, em função da agropecuária, razão pela qual, o sertanejo foi ocupando as áreas do território brasileiro, com exceção da Amazônia, que teve na exploração da floresta o seu maior atrativo, onde “[...] algumas habitações, de pobres barracas ou choupanas sobre paliçadas, às ricas propriedades dos coronéis de latifúndios de extração de goma elástica, surgem uma vez ou outra na foz dos igarapés” (ANTONIO FILHO, 2007, p. 225). E, por conseguinte em relação ao espaço:

Essa dinamicidade do processo de construção do espaço tem de ser compreendida pelo aluno. O que vai sendo estudado não pode ser apresentado como pronto e acabado, como se no processo das relações da sociedade com a natureza o homem fosse produzindo o espaço, substituindo, dominando ou devastando a natureza e o espaço, de uma forma linear, sem encontrar obstáculos pela frente, e criando um espaço organizado no lugar do espaço natural, naturalmente (CALLAI, 2003, p. 58).

Na visão da autora, o espaço não é fixo, o que significa que para ensinar, é preciso ter consciência dessa afirmação, e desenvolver um trabalho de forma que as modificações sejam sempre alertadas, com as quais o aluno perceba que a interação do homem com o meio sempre vai causar modificações no espaço, como ocorreu e vem ocorrendo até hoje. Assim “[...] o conceito de espaço é uma abstração da realidade, construído a partir da realidade em si, na compreensão do lugar concreto, de onde se extraem elementos para pensar o mundo (ao construir a nossa história e o nosso espaço)” (CALLAI; CALLAI, 2003, p. 70), ou seja, onde vivemos ou onde estamos é o espaço geográfico.

A desigualdade social, talvez seja um dos maiores problemas no Brasil e ocorrem em todas as Regiões ou Estados, alguns menos, outros mais, porém pode ser sentida com facilidade, afinal é um dos indicadores sociais mais fáceis de perceber.

Figura 15: Desigualdades sociais



Fonte: Góes e Karpowicz 2017.

A figura 15 mostra que as diferenças sociais existentes são de todos os tipos, por isso, essa questão precisa ser trabalhada com cuidado e a partir de análises, pode-se demonstrar aos alunos que essas diferenças não precisam existir, e onde existem precisam ser corrigidas. Isto pode torná-los cidadãos mais críticos, que passem a não aceitar pacificamente

tudo o que lhes é imposto. Que somente uma sociedade bem preparada pode combater certos tipos de injustiças, independente de quais sejam.

Essas desigualdades precisam ser trabalhadas a partir do local de vivência do aluno, pois somente ao perceber as diferenças que existem em seu bairro, em sua escola e sua cidade, que o aluno vai estar preparado para perceber e entender como as diferenças existem e precisam ser combatidas:

Assim, a possibilidade de cidadania plena das pessoas depende de soluções a serem buscadas localmente, desde que, dentro da nação, seja instituída uma federação de lugares, uma nova estruturação político-territorial, com a indispensável redistribuição de recursos, prerrogativas e obrigações (SANTOS, 2005, p. 113).

No entender das palavras de Santos (2005), as desigualdades sociais precisam ser vencidas, e a partir de uma reestruturação do modo de vida, considerando o local como ponto de partida para o aprendizado, e assim, ter cidadãos buscando seus direitos.

Ao trabalhar os conteúdos de Geografia, é importante que o Professor consiga transmitir aos alunos, por exemplo: como se delimita um Território; como se dá sua formação; se existem transições de poderes neste espaço determinado; como a sociedade se comporta dentro desse espaço; como se dá as relações entre as pessoas e como estas se estabelecem estando em um território, mas vivendo em seu lugar; tudo isto, é necessário para que o aluno “[...] entenda o conceito de território, sociedade e lugar” (PARANÁ, 2012, p. 56). Estes conteúdos básicos devem ser de domínio do Professor de Geografia, pois há necessidade de defini-los, fazer uso dos mesmos, para que facilite o entendimento do aluno, e possibilitam ser trabalhado com mapas temáticos, o que irá auxiliar e facilitar a compreensão dos alunos, que “[...] tanto os mapas murais como o atlas, na condição de instrumentos pedagógicos, deveriam ser presença obrigatória nas salas de aula de Geografia” (PONTUSCHKA, 2009, p. 326).

Ainda sobre o uso de mapas e conceitos cartográficos “[...] é importante salientar que as pessoas, em geral, consideram essa geração como a “geração da imagem”, e o mundo das imagens é um mundo sedutor” (STEFANELLO, 2009, p. 116), por isso dentro de uma concepção metodológica planejada o professor deve fazer uso de imagens, sejam mapas temáticos, maquetes, jornais e mídias eletrônicas, inclusive para fazer análises populacionais.

O processo de crescimento da população e o resultado dos indicadores demográficos permitem avaliar como está à divisão da população brasileira, em quais regiões

existem mais pessoas, quem são os mais ricos, enfim, todos os dados possíveis sobre a população para que por meio deles, seja possível planejar políticas públicas que viabilizem uma melhor condição de vida para população, uma vez que:

A miséria é um fenômeno sociológico, econômico e espacial, sem dúvida. A favela, a criança de rua, o rio poluído, as queimadas são elementos da paisagem. Precisamos falar deles em nossas salas de aulas, mas não só no intuito de descrevê-los! Ver suas causas para que possamos construir com nossos alunos “alternativas” a esse projeto que aí está. (KÄERCHER, 2003, p.53).

Quanto à organização espacial, elas são influenciadas pela ação do homem, ou seja, “[...] o espaço geográfico apresenta uma infinidade de elementos, como as florestas, as formações do relevo, as cidades, os campos de cultivo entre outros” (FILIZOLA 2009, p. 66/7). Isto significa que os indicadores demográficos é que irão indicar onde devem ser construídas as hidrelétricas, que um maior contingente de pessoas exige mais energia, ou onde deve ser construída uma estrada, já que ali possui maior movimento de pessoas e veículos, enfim, são estas ações que influenciarão a organização do espaço. Esta situação também pode ser trabalhada dentro de pequenas cidades, como Ibiporã/PR, uma vez que, dentro da cidade é possível perceber uma segregação em relação à população, o comércio obedece a uma lógica, os bairros com melhor infraestrutura são onde moram as pessoas com maior poder aquisitivo, desta forma, o “[...] estudo geográfico da cidade, mais do que propiciar a descrição da mesma, visaria sua compreensão e transformação, na medida em que vê no indivíduo (morador, aluno) o agente de produção e transformação” (SCHAFFER, 2003, p. 113).

“[...] As migrações aparecem, em cada momento, como decorrência inevitável do impulso individual para o deslocamento rumo à melhor condição de vida, entendidas como melhores níveis de remuneração do trabalho” (RUA, 2003, p. 102). Situação essa vivida há muito tempo, pois desde a colonização do Norte do Paraná, pela CTNP, uma das razões da vinda de colonizadores, era em busca da riqueza que tinha ali:

É importante destacar que tais características, aliadas ao solo de terra roxa (nitossolo), muito fértil, propiciando grande produtividade aos cafeeiros, foram fatores decisivos para atrair famílias de outras regiões do país, principalmente mineiros e paulistas, ao Norte do Paraná, a fim de cultivarem o café. (CHIES, YOKOO, 2012, p. 03).

Na maioria das vezes o processo de migração, além de buscar melhoria econômica aos trabalhadores, tem modificado o espaço geográfico, onde a partir do interesse de melhores condições de vida, mudaram o panorama das pequenas cidades do Paraná e do Brasil.

Neste processo de migração, é preciso trabalhar a criação das pequenas cidades, como Ibiporã/PR, que foi uma cidade criada para dar apoio aos colonizadores que vieram plantar café nas terras compradas da CTNP, que foi mais um dos projetos com incentivo do governo federal para ocupar o território, além desses, a ocupação da Amazônia, onde a migração que ocorreu e ocorre no país, tem modificado a ocupação do espaço geográfico, criando cidades e ocupando lugares, mesmo distantes da Floresta Amazônica.

3.5 A pequena cidade no ensino de Geografia e Cartografia, de acordo com o Caderno de Expectativas de Aprendizagem do Estado do Paraná.

O Caderno de Expectativas de Aprendizagem Estado do Paraná (2012, p.56) apresenta como conteúdos básicos, “a formação; o crescimento das cidades; a dinâmica dos espaços urbanos e a urbanização” e orienta para que os professores trabalhem este conteúdo diversificando da seguinte forma:

Entenda o processo de formação e a localização dos micros territórios urbanos. Compreenda como a industrialização e as modernizações da agricultura influenciaram o processo de urbanização no Brasil.
Entenda o processo de crescimento urbano e suas repercussões no meio ambiente. Entenda o conceito de território. (PARANÁ, 2012, p. 56).

No caso dos conteúdos básicos, a indicação da formação das cidades, o seu crescimento, permite que o professor possa trabalhar a pequena cidade dentro desse conteúdo, onde os conceitos geográficos e os mapas possam ajudar o aluno a entender como a Geografia faz uso do espaço geográfico, utilizando o local de vivência do aluno. Onde, “[...] o estudo do espaço e das paisagens pode ser realizado em sala de aula por meio do uso de imagens (fotografias, pinturas, etc....)” (STEFANELLO, 2009, p. 44) esta situação permite ao professor, mostrar ao aluno a diferença entre paisagens, de modo que o aluno possa perceber a paisagem, que tem desde a janela da sua casa ou da sala de aula, comparando-a com a paisagem encontrada em livros didáticos e/ou de imagens de *Internet* e *WhatsApp*, que são divulgadas a todo o momento, e possibilitam ao aluno perceber que todos os tipos de

paisagens demonstradas nos livros também existem ao seu redor, que a escola, ali construída representa uma paisagem modificada e o sentido pelo qual ela foi modificada.

No caso das paisagens, todas as interferências que foram feitas no decorrer do tempo, precisam ser relacionadas. Temos como exemplos o processo de criação e desenvolvimento das cidades, de onde nasceram vilas no meio da floresta e como no caso das cidades do Norte do Paraná, que hoje são espaços urbanizados com certa infraestrutura, permitem aos moradores certo conforto, são exemplos em que as paisagens foram e são modificadas a todo tempo, da mesma forma que ocorrem em outros espaços, permitindo assim uma comparação entre o real vivido pelo aluno e o imaginário ou teórico trabalhado no livro didático. Dessa forma abre-se uma possibilidade para que:

O professor pode tornar o conteúdo interessante para o aluno, criando um elo entre o fenômeno (conteúdo) a ser ensinado e a realidade do educando, fazendo com que tal fenômeno se torne um caso que o aluno precisa ajudar a resolver, chamando-o, dessa forma, à responsabilidade com o que ocorre com e no planeta ou até fora dele. (STEFANELLO, 2009, p. 67).

De acordo com Stefanello (2009), ao trabalhar a realidade do aluno, o professor pode relacionar a realidade vivida e a parte teórica do ensino, pois como no caso das regiões metropolitanas, o livro didático Geografia Espaço e Vivência apresentam a cidade de Belo Horizonte/MG, como referência, enquanto é possível, seguindo o Caderno de Expectativas de Aprendizagem, (2012, p. 56), orienta como conteúdos básicos, a formação e o crescimento das cidades:

Figura 16: Cidades Grandes

Fonte: livro didático Geografia Espaço e Vivência (p. 81).

A imagem 16 apresenta a capital de Minas Gerais, Belo Horizonte com grandes arranha-céus, construções comuns para as grandes cidades, que acabam fazendo uso de construções verticais para abrigar grande contingente populacional, usado como referência para região metropolitana.

A figura 16 apresenta uma paisagem muito distante da realidade do aluno, e dependendo do seu conhecimento, ele não tem noção de onde está localizada a cidade de Belo Horizonte/MG. Sendo assim, como exemplo do local de vivência do aluno, poder-se-ia trocar Belo Horizonte/MG por Londrina/PR, que possui uma região metropolitana e está bem próxima de Ibiporã/PR fazendo parte dessa região metropolitana. Já que como poucos têm noção cartográfica, na maioria das vezes, os alunos não sabem o que uma cidade distante representa, seja para seu estado ou para o país. Nesse sentido, “[...] a educação de qualidade é cada vez mais inacessível” (SANTOS, 2005, p. 20), e que para trabalhar com situações que expressem algo fora da realidade, só é bem aceito se o aluno tem bom conhecimento naquilo que está estudando, afirmada por Milton Santos.

Ao trabalhar as Paisagens (natural ou modificada), o professor poderá fazer uso do espaço da pequena cidade, como no caso Ibiporã/PR, que ainda possui muitos moradores “antigos” que conhecem a cidade de outros tempos, para que os alunos possam fazer pesquisas e descobrir fotos e pessoas que possam descrever como era a cidade no passado: Quais mudanças ocorreram neste espaço com o tempo e o que as pessoas acham de como era e de como é hoje, levando os alunos a buscarem a história do município de uma

forma divertida e interessante. Para trabalhar um pouco mais da memória histórica, pesquisar nos acervos de bibliotecas, na internet e nos comércios que mantêm fotos de como era seu comércio quando se iniciou, e as histórias que se guardam da cidade como na figura 17.

Figura 17: Ibiporã/PR, década de 1930/40.



Fonte: ibipora.pr

A imagem 17 apresenta início de Ibiporã/PR, com parte da floresta comum ao Norte do Paraná, quando da fundação da cidade e a outra imagem da mesma figura mostra a cidade já tomando forma com um comércio se desenvolvendo.

O que permite ao professor trabalhar os relevos da região em comparação com outros lugares, e também por meio de mapas e maquetes é possível demonstrar as diferenças de um lugar para o outro em relação às formas de relevo, inclusive como são as áreas formadas por areias, mais conhecidas como “lençóis” como as que ocorrem no Maranhão, Nordeste do Brasil, as planícies amazônicas e as serras brasileiras como: a Serra do Mar, Serra da Mantiqueira, Monte Roraima – Serra Pacaraíma, e outras, de acordo com o professor, e de fácil acesso na internet.

Hoje, por meio de mapas, maquetes e imagens na internet, é possível comparar formas de relevo, nível de acentuação, principalmente tendo como base o relevo da cidade/município de origem do aluno, em comparação com outros relevos das Regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste do Brasil, para que este possa perceber que seu local de vivência também pode ser comparado com outros locais, uma vez que, todo tipo de solo ou lugar, região ou território possui uma forma de relevo. Neste caso, ainda, é possível demonstrar aos alunos a diferença entre eles, em relação ao tipo de solo, cobertura vegetal, nível de chuva em cada lugar/montanha devido sua posição geográfica, e ainda como sofre influências das intempéries e do sol, e porquê elas ocorrem, nas páginas da internet.

Quanto ao conceito de Território, este precisa ser demonstrado dentro de uma área física, real, para que o aluno possa entender como ocorre essa divisão, que normalmente se dá por meio de poder/domínio, como ocorreu no passado com as grandes guerras, onde o objetivo era tomar posse do Território de outros países, e como ocorre hoje com gangues e traficantes que se apossam de determinadas áreas, onde o Estado não é presente, e acabam dominando esses territórios. Também as Igrejas disputam entre elas certos territórios e tem por objetivo influenciar este espaço para que possa conquistar mais fiéis. Até mesmo nos esportes existe um domínio territorial onde os times de futebol tratam esses espaços como sendo seu território.

Ainda existe o domínio político (abstrato), onde os políticos exercem seu poder para ali ter o máximo de votos para manter seu poder. Há também o domínio físico do espaço, como no caso dos municípios, com uma área determinada, no caso de Ibiporã seus limites se confrontam com Londrina, Assaí, Jataizinho e Sertanópolis, o que permitem ao professor, fazer uso dessas informações e inserí-las como conteúdo em suas aulas.

04 PROPOSTAS DE ATIVIDADES: POSSÍVEIS CONTEÚDOS APLICÁVEIS NO ENSINO DA CIDADE POR MEIO DA CARTOGRAFIA PARA O 7º ANO DE IBIPORÃ/PR

O alvo dessa pesquisa é a cidade de Ibiporã/PR, que conta com população de 48.198 habitantes, segundo dados do IBGE, 2010, o que a caracteriza como pequena cidade, segundo seu coeficiente populacional, sem considerar que possam ter maior, ou menor influência, devido seu posicionamento geográfico ou econômico (IBGE, 2010). E devido Ibiporã/PR ser uma pequena cidade, esta foi escolhida para aplicar uma metodologia de Ensino de Geografia que considere o local de vivência dos alunos, tendo como opção a pequena cidade. Escolheu-se analisar os livros didáticos de Geografia: Expedições Geográficas (2017/18/19), da Editora Moderna e Geografia Espaço e Vivência (2017/18/19), da Editora Saraiva, das sete (07) escolas públicas e o material pedagógico das duas (02) escolas privadas que trata do tema cidade, agricultura, formação das cidades e urbanização.

A presente metodologia considera o 7º ano, por ser o ano letivo que mais engloba os assuntos que se pretende trabalhar, como: campo, cidade, agropecuária e urbanização. Por ser morador de uma pequena cidade, gostar de Geografia e ser licenciado nesta disciplina, e acompanhar os estudos de minhas filhas no ensino fundamental e médio, e percebendo o desinteresse delas pelos temas tratados na disciplina de Geografia, buscou-se uma forma de tornar o ensino mais atrativo, estudando os conceitos geográficos a partir do local de vivência dos alunos, ou seja, as pequenas cidades.

Para atingir esse meio de forma mais completa, optou-se pelo uso da Cartografia e os recursos que ela oferece para, por meio de mapas e maquetes, analisar e comparar algumas características do relevo e da paisagem, rural e urbana, e as modificações que sofreram a partir da criação do município de Ibiporã/PR.

A partir dos conteúdos de Geografia abordados no livro didático, para buscar inserir o local de vivência dos alunos nessa disciplina, ou seja, a pequena cidade, busca-se embasar essa pesquisa bibliográfica em livros e artigos de autores como Francischett (2002, 2004 e 2010), Endlich (2006), Stefanello (2009), Pontuschuka (2009), Filizola (2009), Cavalcanti (2010), e outros, e os conteúdos do Caderno de Expectativas de Aprendizagem (2012), que faz uso de conteúdos exclusivos para o Estado do Paraná em suas abordagens.

A partir dessas definições, escolheu-se analisar os livros didáticos em uso

nas escolas públicas e o material dos colégios privados de Ibiporã/PR, para encontrar nesses materiais didáticos meios e possibilidades, onde se possa aplicar os conteúdos locais para preencher as lacunas que se abrem nos livros didáticos e fazer uso da metodologia ora propostas. Considerando as sete (07) escolas de ensino público de Ibiporã/PR, sendo que seis (06) escolas fazem uso do livro didático Expedições Geográficas.

Os dois colégios de ensino privado de Ibiporã/PR que trabalham com o ensino fundamental II e médio fazem uso de metodologias diferentes, onde o Colégio Santa Marta, sistema privado de ensino, faz uso do Conteúdo Programático Ensino Fundamental Anos Finais – Somos Educação – Sistema Maxi de Ensino, e o Colégio Integrado Sônia Marcondes faz uso do Sistema Positivo de Ensino.

Como os temas locais e regionais não estão inseridos nos livros didáticos, Expedições Geográficas e Geografia Espaço e Vivência (2017/18/19), já que estes consideram os conteúdos para todo o país, abre-se uma lacuna. Somos um país grande, com regiões distintas, onde o Norte e o Sul possuem diferenças consideráveis, desde o clima, a agricultura, a formação das cidades, o desenvolvimento social, as paisagens. No caso do Nordeste, a cultura, distinta, com suas peculiaridades, como: a literatura de cordel retratando a vida do sertanejo, a agricultura de subsistência, o coronelismo, enquanto no Centro Oeste, cidades distantes, o agronegócio e a pecuária extensiva, têm-se uma realidade diferente em cada região/local do Brasil, e isto deve ser trabalhado no ensino de Geografia, e ao apresentar uma pequena cidade é uma forma de trabalhar o regional, mostrar ao aluno que seu local tem importância, uma forma de incentivar o aluno a buscar em seu local de origem coisas que lhe chame a atenção e o faça dedicar mais aos estudos, onde “[...] a educação tem sido um tema amplamente discutido em todos os níveis, inclusive em conjunto com questões políticas, econômicas e sociais atuais. Não há dúvidas de que mudanças são necessárias e, acima de tudo, urgentes”, (ALMEIDA, 2014, p. 126). Quantas as mudanças, é necessário que o Professor seja o agente da mudança. Buscando dentro de suas capacidades, inovar, buscar alinhar os conteúdos apresentados no livro didático, e adaptá-los a realidade do local de vivência do aluno, fazendo uso de imagens de satélite, de mapas físicos, de maquetes, enfim das opções que possa demonstrar ao aluno, que o ensino precisa começar em seu local de origem, onde tem suas primeiras experiências para depois, ir além. O fato de trabalhar a realidade do aluno, buscar adaptar os conteúdos ao seu dia a dia, pode criar nos alunos a expectativa de se interessar mais pelos conteúdos. Também as tecnologias, podem ajudar, desde que haja um controle em seu uso, pois alguns aplicativos voltados a área do ensino

trazem muito benefício aos alunos e professores, tanto *web quest*, como *google maps*, podem ser usados em sala de aula com ferramenta de ensino. Sempre buscando alinhar realidade do aluno com os livros didáticos.

Apresenta-se na sequência de subcapítulos, uma proposta de atividades, com conteúdos possíveis de se aplicar no Ensino da cidade por meio da Cartografia na pequena cidade de Ibiporã/PR.

A partir da necessidade de fazer uso de conteúdos locais para o Ensino de Geografia e Cartografia, considerando a experiência do aluno com seu local de vivência, busca-se aplicar como parte dos conteúdos de Geografia utilizando a Cartografia como base para esse aprendizado. Então estaremos propondo atividades na temática geográfica voltadas ao local de vivência do aluno, considerando à sua realidade, onde é possível aplicar os conteúdos geográficos, sejam em aulas teóricas ou em aulas práticas de campo. Portanto pretende-se aplicar os conceitos geográficos na pequena cidade e a partir delas, compará-las a outros locais/regiões, para que o aluno possa valorizar seu local, percebendo assim que todos os lugares tem sua importância, sendo uma grande cidade ou uma cidadezinha do interior, como é o caso de Ibiporã/PR. Apresentamos aqui um plano de aula referente a este assunto.

4.1 Possibilidade de aplicar o conceito de Paisagem na pequena cidade

Vamos trabalhar com as paisagens que temos da cidade de Ibiporã, destacando como foi o começo da cidade, como era a região onde foram erguidas as primeiras casas e como a cidade veio se desenvolvendo desde então.

Observando a foto/paisagem apresentada na figura 18 pode-se trabalhar considerando algumas possibilidades com os alunos, onde os mesmos serão questionados sobre como deve ser morar em uma cidade que está começando, sem nenhuma infraestrutura, sem internet, sem asfalto e quase sem vizinhos.

Figura 18: Início de Ibiporã/PR (1938).



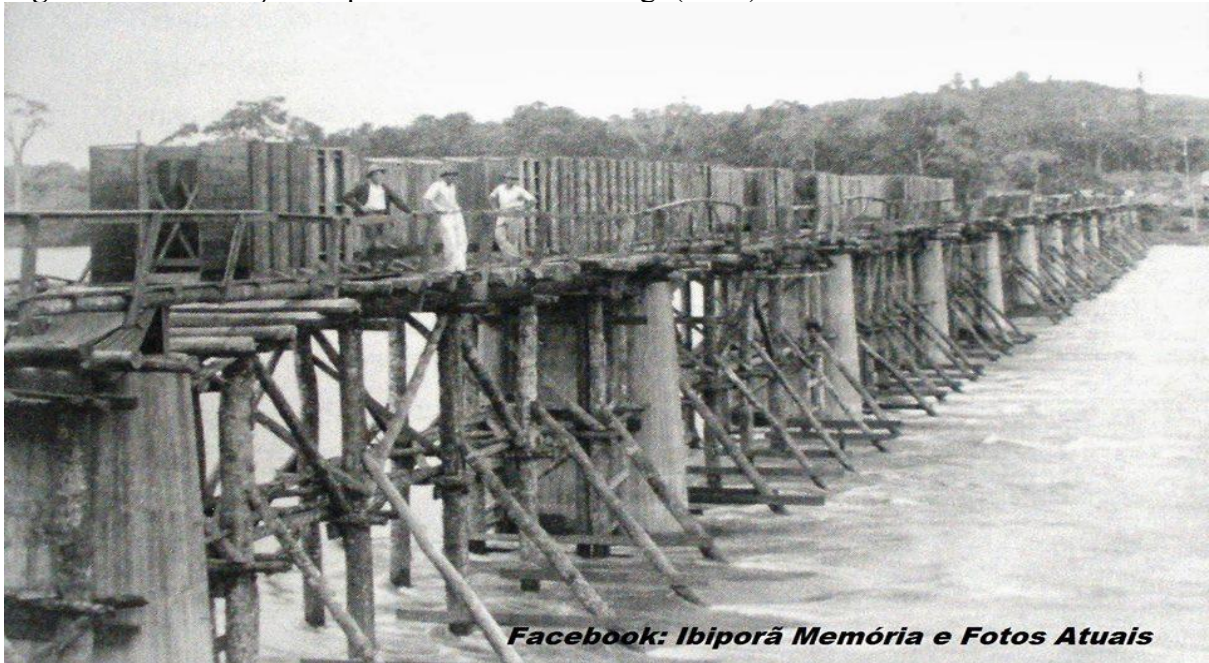
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/ibiporafotos/> Carlos Alberto Fante, 2018.

Essas são as primeiras casas construídas em Ibiporã/PR (figura 18), provavelmente no ano de 1938, demonstrando como foi o início de muitas das cidades do Norte do Paraná, que eram apenas algumas casas, tendo a mata atlântica como quintal, já que esses pioneiros derrubaram a mata e utilizaram das árvores, principalmente a peróba, para usarem como matéria prima de suas casas, que eram todas construídas com madeira. Após apresentar a paisagem, questionar os alunos sobre:

Se eles já ouviram os pais ou avós comentando como eram quando chegaram em Ibiporã, uma vez que muitos moradores de Ibiporã são remanescentes desse período, pois a cidade foi fundada em 11 de junho de 1947, portanto 71 anos, embora os primeiros moradores teriam chegado no ano de 1933, de acordo com o site da prefeitura da cidade.

A foto/paisagem apresentada na figura19, mostra a construção da ponte da estrada de ferro sobre o rio Tibagi, uma vez que as estradas e os carros ainda eram muito poucos na região, e o trem era praticamente o único meio de transporte que ia e voltava de longas distâncias, e como nossa região possui muitos rios, era necessário que se fizesse as pontes para que os trens pudessem ir e voltar.

Figura 19: Construção da ponte sobre o Rio Tibagi (1935)



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/ibiporafotos/> Carlos Alberto Fante, 2018.

Considerando o ângulo da foto, imagina-se que esta foto foi tirada do lado de Ibiporã/PR (figura 19), e mostra a cidade Jataizinho/PR com floresta ainda na margem do rio Tibagi, onde hoje existe alguns comércio, como frigorífico, bares e até um posto de gasolina. Como sustentação, é utilizado muita madeira, e neste caso deve-se alertar os alunos porque se usam tanta madeira para armação do concreto que vai dar sustentação a linha férrea. Também no caso de se trabalhar com essas imagens, é necessário destacar a importância do transporte ferroviário para o desenvolvimento tanto da agricultura quanto das cidades do Norte do Paraná, já que o desenvolvimento chegou a essas terras pela estrada de ferro.

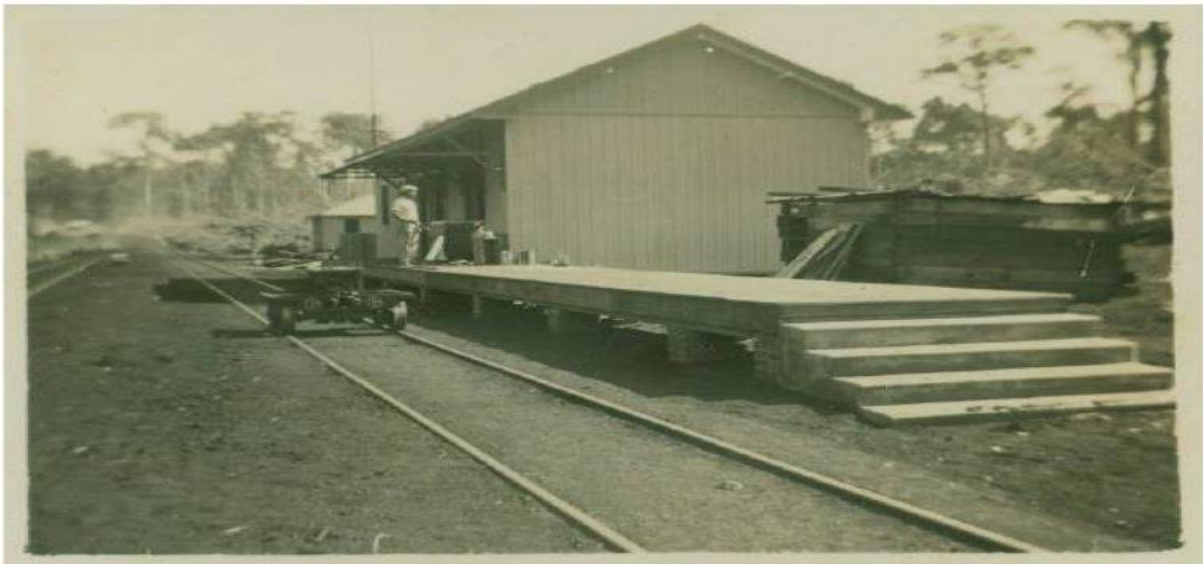
Figura 20: Primeira igreja católica de Ibiporã/PR (1939)



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/ibiporafotos/> João Lorival Jacobowski, 2018

No caso da figura 20, a mesma mostra uma aglomeração de pessoas em torno da igreja católica, que no caso dos novos povoados eram logo construídos, pela importância que tinha a religião principalmente para os povos antigos, e este espaço se firmava como um lugar de encontros, onde se reuniam os fiéis pela sua religiosidade, os amigos que queriam encontrar outras pessoas, e até mesmo quem queria um lugar pra encontrar pessoas, demonstrando que antes de tudo a igreja se tornava a representação do conceito Lugar.

Figura 21: Construção da estação ferroviária de Ibiporã/PR (1936)



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/ibiporafotos/> Foto: João Carlos Murgi, 2018.

A foto/paisagem apresentada na figura 21 demonstra a importância da linha ferroviária para o desenvolvimento dos municípios da região, uma vez que em todos os povoados de início era construído uma estação ferroviária, uma vez que tudo que chegava na região era pelo trem, único meio de transporte da época para pessoas, móveis, alimentos, ou seja, tudo.

A figura 21 mostra a clareira aberta na mata pela estrada de ferro, as madeiras usadas como dormente e casa da estação, ponto de apoio para os funcionários da companhia e dos usuários do trem.

Figura 22: Calçamento da Rua Mario de Menezes com paralelepípedos (1958)



Foto: <https://www.facebook.com/groups/ibiporafotos/> Carlos Alberto Fante, 2018.

A foto/paisagem apresentada na figura 22 mostra o progresso da cidade de Ibioporã, que ainda no fim dos anos 1950, inicia um calçamento das ruas da cidade, para dar conforto aos moradores que fazem dessa cidade uma “terra bonita” (significado de Ibioporã, nome indígena).

Figura 23: Hospital Cristo Rei (1958)



Foto: <https://www.facebook.com/groups/ibiporafotos/> Carlos Alberto Fante, 2018.

A foto/paisagem apresentada na figura 23 mostra uma realidade dos hospitais públicos da época, uma vez que a maioria era administrada pela igreja católica, chamadas casas de misericórdias, como na figura 23, as freiras a frente do hospital.

O que se busca ao trabalhar como paisagens como esta é possibilitar aos alunos que entendam como se modificam as paisagens, porque elas se modificam.

Para que possam entender que as modificações ocorrem naturalmente pelo desenvolvimento que se alcança no tempo, que muitas vezes são necessárias para que possamos ter conforto e melhor qualidade de vida, porém essas mudanças têm interferência na natureza, no visual, em tudo que se faz.

A SPP Companhia Ferroviária de São Paulo, todo ano fazia a festa do dia do trabalhador em um local diferente, esta vez foi em Ibitiporã/PR, provavelmente na década de 1940.

Figura 24: Festa do Trabalhador (década de 1940)



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/ibiporafotos/> João Lorival Jacobowski / José C. Neves Lopes, 2018.

A foto/paisagem apresentada na figura 24 mostra os funcionários da companhia em um dia de festa, o trem está enfeitado, e as famílias reunidas, as crianças com roupas típicas da época de 40, e ainda é possível notar a mata atrás da estação ferroviária, demonstrando que a cidade ainda é algo perdida no meio da mata atlântica.

Essas imagens permitem ao professor que trabalhar com essas paisagens uma viagem no tempo, pois é possível interagir entre dois tempos, buscando os alunos a pensar como era a vida no passado, como viveram seus pais e avós.

A foto/paisagem da figura 25 demonstra a evolução que teve a cidade de Ibiporã/PR desde que vieram os primeiros moradores até os dias atuais, mostrando diferenças de como a cidade era e como é hoje.

Questionar aos alunos se conhece algum morador, vizinhos ou parentes que moram em Ibiporã/PR, desde esse tempo para que possa entrevistá-lo para saber como era ser morador da cidade nessa época.

Figura 25: Ibiporã/PR ontem e de hoje

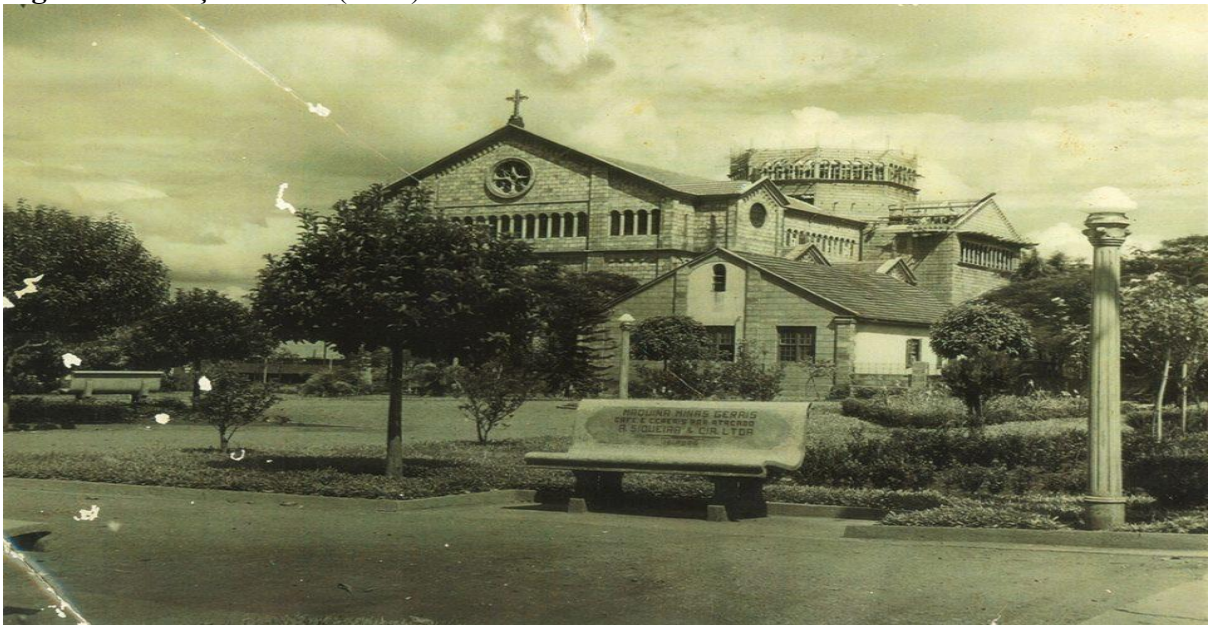


Fonte: <https://www.facebook.com/groups/ibiporafotos/> João Carlos Murgi, 2018.

A foto paisagem figura 25, apresenta a cidade de Ibiporã/PR em dois períodos diferentes, revelando como era a cidade no início dos anos 1960 e como está nos dias atuais, uma vez que com o passar dos tempos a evolução tem sido uma realidade em todos os lugares.

No caso de aplicar uma aula como esta, é possível fazer uma relação entre a cidade no passado, como foi a chegada dos primeiros moradores, as dificuldades que enfrentaram ao longo dos primeiros anos, já que não tinham nenhuma infra estrutura. A cidade era cercada por matas e até bichos como onças frequentavam a região, além do transporte que era só por meio do trem, um transporte demorado, sem conforto. Tudo isso é possível pesquisar na cidade, pois ainda existem alguns moradores antigos que estão vivos e lúcidos, então é só questioná-los a respeito e pode ter ótimas informações da cidade.

Figura 26: Praça Pio XII (1957)



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/ibiporafotos/> João Carlos Murgi, 2018.

Figura 27: Praça Pio XII (2015)



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/ibiporafotos/> Carlos Alberto Fante, 2018.

A cidade de Ibiporã, como a maioria das cidades pequenas tem uma praça central e uma igreja, onde se torna ponto de encontro das pessoas e referência para se chegar a cidade. Em relação as fotos/paisagem das figuras 26 e 27, a Praça Pio XII:

Como atividade, questionar os alunos se ainda vão à praça da cidade e o que fazem quando vão lá, se entendem que a praça é um lugar de encontros, para quem vai à missa, para quem quer tomar um sorvete, para idosos que vão jogar cartas e também para quem chegar a Ibiporã/PR, uma vez que tornou-se um ponto de referência também para os católicos que tem lá a igreja matriz.

A seguir a tabela apresenta um plano de aula de Geografia, com o tema Paisagem:

Tabela 05: Plano de aula: Paisagem

PROFESSOR: EDSON JOSÉ DO NASCIMENTO
DISCIPLINA: GEOGRAFIA/CARTOGRAFIA
TEMA: PAISAGEM
CONTEÚDO: Paisagem Natural e Paisagem Artificial
OBJETIVO: Fazer uso da Cartografia ao abordar conteúdos locais que considerem o espaço

de vivência do aluno, para que este possa interessar mais aos assuntos trabalhados em sala de aula, por se tratar da sua cidade.
METODOLOGIA: Pedir aos alunos na aula anterior para que busquem no comércio ou com quem souber que tem fotos antigas de Ibiporã/PR e conseguir trazer para aulas. Fazer uso de imagens do início da cidade de Ibiporã/PR, analisar como era a região quando os primeiros moradores chegaram, para em seguida, com as fotos que mostram a evolução da cidade, e entender como ocorreu essa evolução. Analisar as fotos que comparam a cidade ontem e hoje, e verificar o que mudou. Questionar os alunos sobre alguma mudança que tenha ocorrido em seu bairro, na sua escola, na cidade, algum prédio novo, e assim trabalhar a Paisagem.
RECURSOS DIDÁTICOS: Data show, TV pendrive e quadro negro
AVALIAÇÃO: pedir aos alunos para pesquisar na cidade algum morador antigo, que possa falar de quando chegou em Ibiporã/PR, como era a cidade, e o que mudou nesse tempo? Fazer um relatório como você acha que seria morar naquele tempo quando Ibiporã começou?
REFERÊNCIAS: fotos antigas da página do Facebook Ibiporã fotos antigas e atuais.
Tempo: Duas aulas (02)

Fonte: Edson José do Nascimento, 2019.

4.2 Possibilidade de aplicar o conceito Conurbação

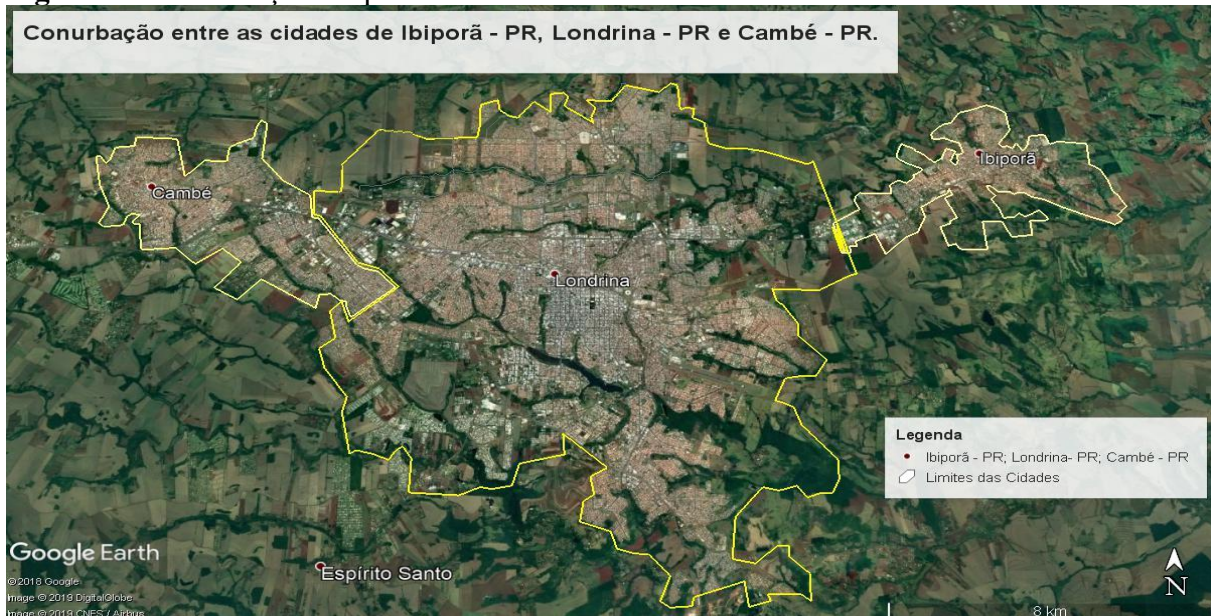
Ao trabalhar o conceito de paisagem, com o uso de imagens e o conhecimento dos moradores, automaticamente, já se falou do início das cidades, o que já permite falar de algo maior, porém, ainda considerando o lugar de conhecimento do aluno, pois, os livros didáticos em sua maioria, ao falar de cidades, buscam uma grande cidade e suas regiões metropolitanas, sempre trabalhando algo distante da realidade do aluno, sendo que muitas vezes, esse aluno acaba por não conhecer essa realidade. Porém próximo dos alunos, no caso de Ibiporã/PR, esta a conurbação Ibipora/Londrina/Cambé, onde as três cidades praticamente estão unidas. Os motivos que fizeram com que essas cidades tão próximas tenham alcançado desenvolvimento parecido, o porque dessa conurbação, o que é o processo que faz com que as cidade se unam, por motivos que são particulares de cada região. O uso das cidades, implica também no uso da Cartografia, pois “[...] se a escola

assume o tema da cidade e do urbano como conteúdo educativo, ela necessita promover em suas atividades a possibilidade do confronto entre as diferentes imagens da cidade: cotidianas e científicas. (CAVALCANTI 2010, p. 82). A partir do uso do conteúdo Conurbação, é necessário que o Professor faça uso das imagens das cidades em tempos anteriores, de quando surgiram, do seu desenvolvimento para que chegue a forma que elas estão hoje, pois estas cidades não começaram grandes ou unidas, o que fez com que conseguissem aglomerar tantas pessoas, quais objetivos trouxeram essas pessoas a virem morar no mesmo lugar.

O que nos lembra que ao usar o mapa, o professor precisa ter conhecimento, embora todo conteúdo a ser trabalhado precisa ser do conhecimento do professor, situação que não é diferente no caso da Cartografia. Apresentar o que é conurbação, e quando ela ocorre.

Embora Ibiporã seja uma cidade industrial, grande parte da população ativa da cidade trabalha em Londrina, principalmente no comércio, já que Londrina possui alguns shoppings e poucas indústrias. Em Cambé também não é diferente, embora a cidade não possua tantas empresas quanto Ibiporã, a maior parte da população ativa de Cambé também trabalha em Londrina, já que esta é a maior cidade e acaba assimilando grande parte dos trabalhadores da região, como na figura 28, onde as três cidades se ligam.

Figura 28: Conurbação: Ibiporã/Londrina/Cambé



Fonte: Edson José do Nascimento, 2019 (marcação do autor).

É preciso ter em mente que o êxodo rural, fez com que muitas cidades aumentassem suas populações, e essas três cidades são exemplos disso, uma vez que estamos

falando de municípios que tem suas economias baseadas na produção agrícola. Ainda no caso dessa conurbação, alguns falam em incluir Rolândia e Arapongas, mas por hora, a maior participação cabe a Ibiporã/Londrina/Cambé.

Figura 29: Ibiporã/PR



Fonte: <https://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1964582&page=2>

A conurbação fica evidente nesta foto/paisagem, figura 30, onde é possível ver Londrina ao fundo.

Figura 30: Cambé/PR



Fonte: <https://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1964582&page=2>

A foto/paisagem da figura 31 da cidade de Cambé também é possível ver Londrina ao fundo, evidenciando que os planos urbanos das cidades estão muito próximos, tanto que para quem não conhece é quase impossível afirmar onde acaba uma cidade e começa outra.

Figura 31: Londrina/PR



Fonte: <https://londrinaconvention.com.br/onde-sair/51-a-cidade-de-londrina.html>

Na foto paisagem da figura 31, é possível identificar o Lago Igapó e muitos prédios distribuídos pela cidade.

É possível por meio de mapas, mostrar aos alunos como é o município de Londrina, porque a cidade com a segunda maior população do estado (IBGE, 2010), é a quarta em arrecadação, perdendo para cidades menores, a partir desses dados é possível demonstrar aos alunos que embora Londrina e nossa região é importante, está desprestigiada pelos governantes, e que no futuro isto pode ser ruim para todos, pois pode fazer a região perder investimentos. Por outro lado, a região tem alcançado destaque na área educacional, possui muitas universidades, públicas e particulares, o que melhora o nível da população, e consequentemente prepara cidadãos mais conscientes de seu papel na sociedade.

No caso de Londrina, a cidade assume uma população extra, uma vez que absorve os trabalhadores das cidades vizinhas.

No caso de Ibiporã e Cambé, as duas cidades não possuem um comércio forte, uma vez que não consegue concorrer com os preços de Londrina, que tem maior fluxo de pessoas, gerando maior movimento de pessoas no comércio. Também não tem shoppings centers ou grandes eventos, já que Londrina chama a atenção entre as cidades.

No caso de Londrina, o crescimento da cidade tem sido de forma vertical (CRESCI/PR), também o trânsito se torna um sério problema, uma vez que absorve grande fluxo de veículos, principalmente na hora do “rush” das cidades próximas.

Como atividades nessas aulas, é preciso questionar os alunos para que falem sobre as três cidades, como é o comércio de cada uma, onde costuma fazer compras, onde encontra mais lazer, com que frequência vai ao shopping, se gosta de morar aqui. Ainda falar sobre conurbação, o porquê isso ocorre e se algumas das cidades têm vantagem nesse processo, porque Londrina teve o desenvolvimento que teve e como ficou conhecida em todo o Brasil.

A seguir a tabela 06 apresenta um plano de aula com o tema Conurbação, apresentando a metodologia, caso algum professor venha se interessar pelo conteúdo.

Tabela 06: Plano de aula: Conurbação

PROFESSOR: EDSON JOSÉ DO NASCIMENTO
DISCIPLINA: GEOGRAFIA/CARTOGRAFIA
TEMA: Conurbação
CONTEÚDO: a Conurbação Ibiporã/Londrina/Cambé
OBJETIVO: Entender o processo de Conurbação de Ibiporã/Londrina/Cambé, demonstrando através de mapas.
METODOLOGIA: Ao trabalhar o conceito de Paisagem, com o uso de imagens e o conhecimento dos moradores, automaticamente, já se falou do início das cidades, o que já permite falar de algo maior, porém, ainda considerando o lugar de conhecimento do aluno, pois, os livros didáticos em sua maioria, ao falar de cidades, buscam uma grande cidade e suas regiões metropolitanas, sempre trabalhando algo distante da realidade do aluno, sendo que muitas vezes, esse aluno não conhece essa realidade. Porém próximo dos alunos, no caso de Ibiporã/PR, está a conurbação Ibiporã/Londrina/Cambé, onde as três cidades praticamente estão unidas e os motivos que fizeram com que essas cidades tão próximas tenham alcançado desenvolvimento parecido. E o porquê dessa conurbação, que é o processo que faz com que as cidade se unam, por motivos que são particulares de cada região. O Êxodo rural colaborou para isso, qual a vantagem que Ibiporã tem em relação as outras cidades tão próximas, algumas das três levam vantagem em relação as outras devido a proximidade, o que é melhor, que as cidades sejam longes ou próximas umas das outras.
RECURSOS DIDÁTICOS: Data show, TV pendrive e quadro negro e mapas dessa

conurbação.
AValiação: Demonstrar aos alunos sobre as semelhanças e as diferenças entre as três cidades, e ainda qual delas é melhor para morar, onde é melhor para estudar, e o que chama a atenção em cada uma delas.
REFERÊNCIAS: IPARDES (2011), IBGE (2010).
Tempo: Duas (02) aulas

Fonte: Edson José do Nascimento, 2019.

4.3 Possibilidade de aplicar o conceito de Território e Fronteiras

No caso dos limites/fronteiras, estes normalmente delimitando um território, e precisa ser estudado de uma forma mais detalhada, sendo que neste caso, há a necessidade de por meio do uso de mapas, como são essas fronteiras, até onde elas vão e como se delimitam, uma vez que o território, antes de tudo é uma forma de poder. No caso dos limites, todos os municípios tem suas áreas delimitadas, como no caso de Iporã/PR, que faz divisa com Londrina, Sertãoópolis, Jataizinho e Assaí, sendo que no caso de Jataizinho a divisa é o rio Tibagi. Neste caso ao trabalhar os limites de cada município, estado ou país, deve se fazer uso da Cartografia, e uma pergunta nos vem: para que servem os mapas? “[...] Servem para incantar o imaginário de um mundo desconhecido em várias idades, das crianças aos adultos, por viagens pelo mundo, este vasto mundo” (PONTUSCHKA, 2009, p. 324). Ou seja, apresentar o desconhecido, o limite dos territórios, onde começam, onde terminam, qual seu tamanho, como se apresenta esse território.

Quanto ao uso do mapa, “[...] apesar da disseminação dos mapas pela mídia e pela internet, esse material, na escola, precisa ser utilizado no desenvolvimento de um raciocínio geográfico e geopolítico”. (PONTUSCHKA, 2009, p. 326). Neste entendimento, o território deve ser trabalhado dentro do espaço geográfico, mas também como geopolítica, pois, a forma de trabalhar o território passa por um entendimento de como esse território se forma, como se dá sua ocupação e quem faz uso de posse desse território. E neste caso, quanto ao uso “[...] os mapas, não podem ser vistos apenas como a forma mais prática de comunicação e representação de orientação e compreensão política e social. Podem inclusive, servir para dominar. Devem ser práticos e informativos – claros e precisos – fascinantes e surpreendentes dentro da proposta a que foram construídos” (CASTROGIOVANNI, 2003, p.

31). Essa questão é primordial, os mapas devem corresponder a proposta, pois isto faz com que o mapa atinja seu objetivo.

No caso de fronteiras entre países, há de se trabalhar também as formas de ocupação e o sistema político que os sustenta, entrando na geopolítica, pois esta é a forma de consolidação desse território e a forma que se deu sua ocupação. Também alguns costumes ou particularidades devem ser apresentados para que os alunos entendam as diferenças entre cada país.

O conceito de Território, se preocupa em estudar as relações entre espaço e poder, principalmente desenvolvido pelos Estados, principalmente os Estados Nacionais, e neste caso deve-se aproveitar os limites territoriais e apresentar como este conceito se insere dentro desse espaço, para que facilite o entendimento do aluno, de como são as fronteiras, o que elas delimitam e como se formaram esses territórios e como se deram suas ocupações.

Figura 32: América do Sul

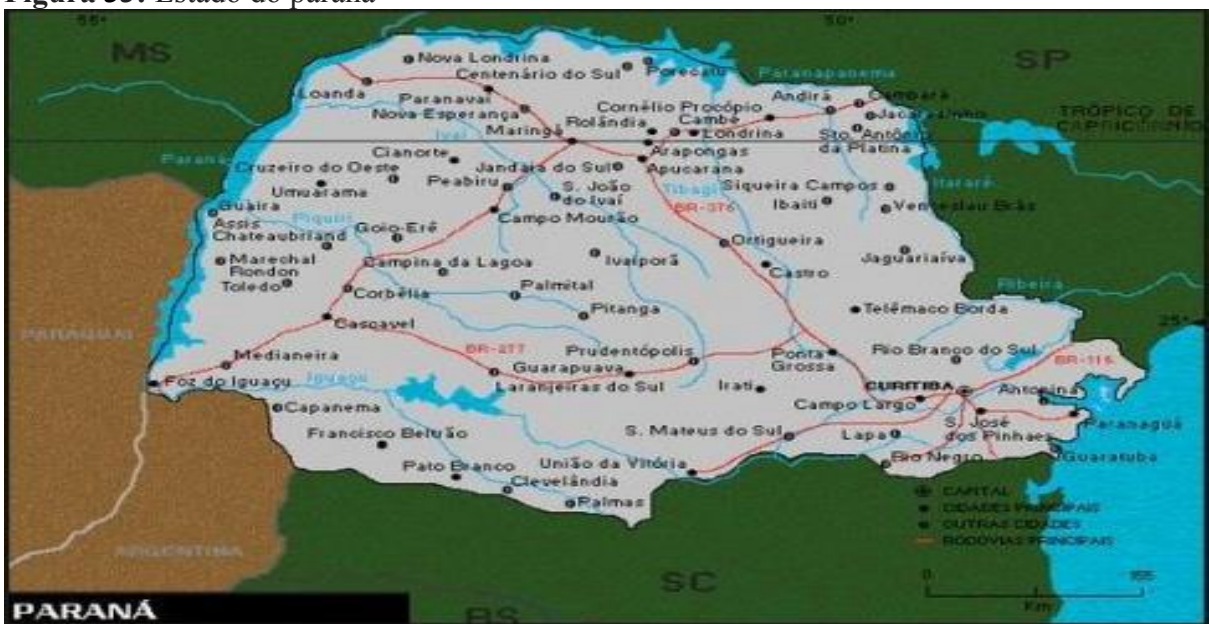


Fonte: Brainly, 2018

No caso de país, o Território tem um limite chamado de fronteira, controlando a entrada e saída de pessoas ou veículos e animais em seu espaço. O Território Nacional, apresentado no mapa (figura 32), mostra o Brasil um país que é grande, e precisa ser dividido para ser administrado, para isso foram criados os estados, ou seja, territórios

menores subordinados ao poder central, ou governo central. No caso dos Estados, esses também exercem um poder sobre um território delimitado por divisas, só que nesses casos, as divisas ou fronteiras não precisam ser guardadas, já que dentro do país a circulação é livre. No caso do Paraná como na foto paisagem figura 33, o estado faz divisa com os estados de São Paulo, Mato Grosso e Santa Catarina. O Paraná também faz divisa com o Paraguai e a Argentina de acordo com o mapa (figura 33), mas nesse caso, a divisa/fronteira é responsabilidade do Território Nacional

Figura 33: Estado do paraná



Fonte: guiageo

Figura 34: Município de Ibiporã/PR



Fonte: planejamento.mppr.

O município também é um território e de acordo com o mapa (figura 34), neste caso, os territórios estaduais e federais têm poder sobre ele.

Como atividade no caso dessa aula, trabalhar com os alunos como se formam os territórios, como é o seu controle, e ainda como se formam os territórios paralelos, o porquê de formarem e como o Estado pode passar a controlar, caso necessário, esses territórios.

A seguir a tabela 07 apresenta um plano de aula para o tema Território, descrevendo como deve proceder no caso inserir esse conteúdo em sua metodologia.

Tabela 07: Plano de aula: Território

PROFESSOR: EDSON JOSÉ DO NASCIMENTO
DISCIPLINA: GEOGRAFIA/CARTOGRAFIA
TEMA: Território
CONTEÚDO: Apresentar o Conceito de Território e suas Fronteiras
OBJETIVO: Por meio de mapas, apresentar como é o Território e a relação com Fronteiras.
METODOLOGIA: A partir do mapa da América do Sul, definir o que é Território Nacional e como se controla a Fronteira. A partir do mapa do Estado do Paraná, como se dá um Território onde existe um poder acima do poder. No caso do município de Ibiporã/PR, como os poderes são subdivididos, onde mesmo se tendo poder existe um poder maior acima, como no caso daqueles que ocupam poderes paralelos, como traficantes, prostitutas, políticos, a igreja, seja católica ou evangélica, enfim todos. Sempre há um poder maior, que comanda os territórios menores.
RECURSOS DIDÁTICOS: Data show, TV pendrive e quadro negro
REFERÊNCIAS: Livros Didáticos, Santos (2001).
AValiação: Pedir aos alunos para que observe em seu bairro como o poder público atua: existe limpeza das ruas, coletas de lixo, a polícia está presente ou os traficantes que tomam conta do bairro, explique.

Fonte: Edson José do Nascimento, 2019

4.4 Possibilidade de aplicar aula como trabalho de campo

Em uma aula como trabalho de campo, certamente o professor vai dar ao

aluno uma oportunidade única, onde este pode, através da observação, adquirir um conhecimento diferente e que envolve muitos meios, como uso de aplicativos computacionais, como o Google Maps, para que possa planejar o melhor trajeto e o ideal é que forneça o endereço aos alunos para que façam uso de aplicativos e assim buscar o melhor caminho para chegar até onde se pretende fazer o trabalho de campo. A partir, fazer uso de aplicativos para que se reconheça como é essa área, ou seja, como é sua topografia, paisagem, tipo de relevo, isso tudo ainda em sala de aula, com o uso de mapas *on line* e aplicativos.

E as aulas de campo são tão importantes para o ensino, que em uma comparação, dizemos que “[...] por acaso o leitor já passou pela experiência de passar férias no litoral sem ter dias ensolados? É possível se divertir, mas não tem o mesmo sabor. Assim são as aulas de Geografia sem as saídas a campo.” (STEFANELLO, 2009, p.119). comparações a parte, o ensino de Geografia, precisa ter aulas de campo, onde é possível apresentar os conteúdos trabalhados em sala de aula, de forma prática, uma vez que, ao fazer uso do real, o entendimento fica mais fácil. E ao tratar de temas locais, tem se hoje que a agricultura também é um produto globalizado, onde a produção é comercializada em bolsa de valores e os preços em dólares, tanto que “[...] esse processo de adaptação das regiões agrícolas modernas se dá com grande rapidez, impondo-lhes, num pequeno espaço de tempo, sistemas de vida cuja relação com o meio é reflexa, enquanto as determinações fundamentais vem de fora” (SANTOS, 2005, p. 93). Ao trabalhar com aulas práticas, principalmente no caso da pequena cidade de Ibiporã/PR, que tem na agricultura uma base forte, e sendo a maioria dos alunos filhos de agricultores que já vivem o dia a dia do campo, a necessidade de aprender como é essa região, que tipo de desenvolvimento pode se conseguir além daquilo que já é trabalhado. No caso de professores que se interessem a EMBRAPA Soja, disponibiliza na fazenda Santa Terezinha, distrito da Warta, horários e tempo disponíveis para que possam levar turmas para conhecer a fazenda, o trabalho da empresa e ainda possui o Espaço de Educação Ambiental, totalmente preparado para que haja uma integração dos alunos com um espaço adequado a aulas de campo.

Neste espaço, a EMBRAPA Soja, por meio de seus monitores, com formação em engenharia agrônoma e outro técnico agrícola, que é professor de Geografia, para que apresentem aos alunos e professores esse espaço, que era a antiga sede da fazenda, que foi preservada, inclusive com a história do café, antiga cultura plantada na fazenda, fotos históricas desse período, uma Área de Preservação Permanente (APP), onde com termômetros, é possível perceber a diferença de temperatura em uma área aberta, onde se

produz soja e a área que foi reflorestada, como no caso da APP. Também as grandes quantidades de insetos e animais de pequeno porte que vivem neste espaço, além de muitas folhas que caem no chão, formando uma camada espessa que ajuda a manter o solo mais úmido, e com muitos insetos.

Neste local, ainda são guardados alguns equipamentos de uso da EMBRAPA Soja, e que já foram descartados, servindo apenas como peça de museu, já que é preservado.

No caso da soja, produto principal da pesquisa da EMBRAPA Soja, de Londrina/PR, também é apresentado aos alunos, desde o início da cultura no Brasil, até os dias de hoje e a contribuição que a EMBRAPA Soja deu a essa cultura e ainda dá. Muitas das universidades/faculdades brasileiras visitam a unidade da EMBRAPA em Londrina/PR, já que esta é a vitrine da pesquisa da cultura no país e esta a disposição de qualquer escola/universidade que queira visitar.

A EMBRAPA Soja, pela sua excelência na pesquisa e desenvolvimento, tornou-se muito conhecida e hoje é uma referência para a região, onde em um trabalho de campo, este conceito geográfico pode ser explorado. Também o território, já que a empresa possui as áreas de plantio de soja, como um território onde domina desde as técnicas de manejo de solo, como todo o desenvolvimento da cultura. E ainda, para os empregados da empresa, a EMBRAPA Soja é um lugar, facilmente percebido pela relação desenvolvida por quem trabalha ali, na forma como se referencia ao seu lugar de trabalho, demonstrando como a empresa se tornou um local de suma importância para estes trabalhadores.

Portanto, caso o professor opte por fazer uso da fazenda Santa Terezinha, propriedade da EMBRAPA Soja, encontrará, além de um centro de pesquisa, um local adequado para desenvolver uma aula.

Planejamento de aula de campo na Fazenda Santa Terezinha, campo experimental da EMBRAPA Soja de Londrina/PR. Calcular distância e rota de Ibiporã/PR, como na foto paisagem, figura 35, até o distrito da Warta, município de Londrina/PR, local onde fica a fazenda Santa Terezinha, para isso fazer uso de celulares e salvar o destino/rota do local do trabalho.

Figura 35: Rota: Ibiporã/EMBRAPA Soja



Fonte: Edson José do Nascimento, 2019

Após a chegada, todos se deslocam para o auditório, onde um funcionário da EMBRAPA Soja apresenta a empresa para todos os visitantes e ainda fala da pesquisa que a empresa desenvolve. Em seguida, os alunos visitam as estufas, local onde é feito os cruzamentos para dar resistência às plantas, o que se chama de transgênicos.

Figura 36: Fazenda Santa Terezinha/EMBRAPA Soja



Fonte: Embrapa Soja

Depois de conhecido a instalações da EMBRAPA, apresentada na foto/paisagem figura 36, é hora de ir a campo, para conhecer as áreas de plantação de soja da EMBRAPA, onde são desenvolvidas novas variedades.

Figura 37: Áreas construídas e áreas de plantio

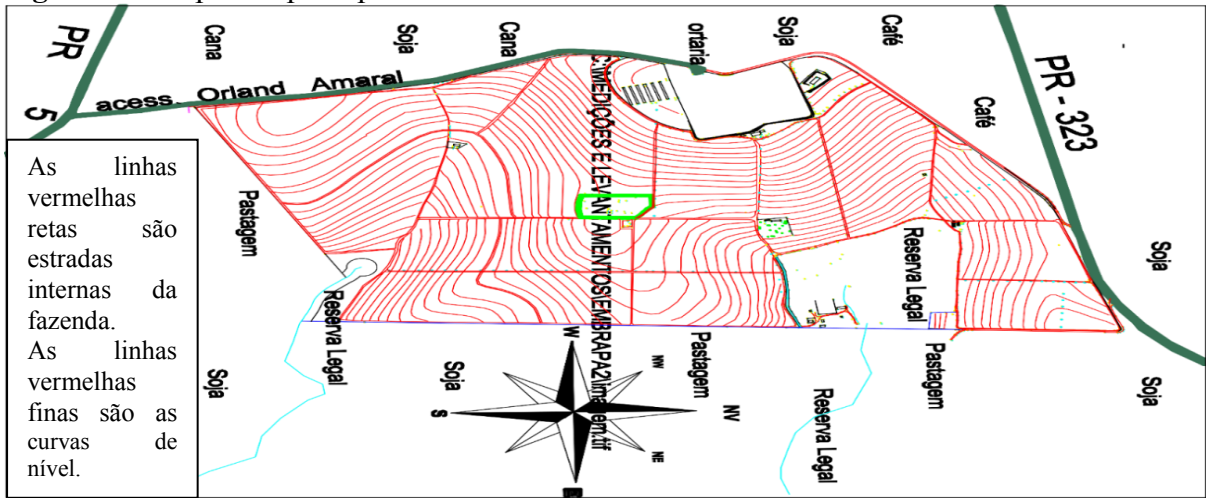


Fonte: canalrural/embrapasoja

Nestas áreas é feito um trabalho de conservação de solo apresentado na foto paisagem figura 37, onde as curvas de nível e o plantio direto, preservando a massa das plantas depois de colhidas não permitem que a água escorra pela fazenda. Também as variedades de soja que são plantados chamam a atenção, principalmente porque a maioria dos alunos são filhos de produtores agrícolas, e tem muito interesse por plantio de soja, embora a soja da Embrapa não é plantada da forma tradicional, já que é voltada para a pesquisa.

Os trabalhadores da fazenda Santa Terezinha/EMBRAPA Soja, são expostos a um trabalho onde a fazenda é subdividida em áreas menores, seguindo os carregadores (estradas secundárias) dentro da fazenda, assim as áreas são divididas em A, B, C, D, E, F, G, H, I e J, e cada curva de nível tem um número que obedece a uma sequência que se inicia com 01 e vai até que termine a curva, por exemplo: hoje vamos plantar a curva B18, e muitas vezes têm-se que recorrer ao mapa, como mostra a figura 38:

Figura 38: Mapa campo experimental



Fonte: Embrapa soja/campo experimental

O mapa mostra as linhas vermelhas mais forte que são os carregadores (estradas secundárias) dentro da fazenda, e as linhas com vermelho mais fraco são as curvas de nível. A estrada marca a divisão das áreas por letras e as curvas por números, em uma sequência crescente.

As áreas plantadas seguem um planejamento, onde existe uma tabela de subdivisão de área, apresentado na figura 39, que estabelece a sequência de plantio e de colheita, para que não haja contaminação (mistura), nas variedades de soja que se espera colher, e que poderão ser as novas variedades de soja no futuro.

Figura 39: tabela de subdivisão de área de plantio da EMBRAPA

BULKES F2 CONVENCIONAL SAFRA 17/18 5m (POÇO)																			
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	
LINHAS	1	1420	1443	1444	1467	1468	1490	1491	1513	1514	1537	1538	1561	1562	1585	1586	1609	1610	1629
	2	1421	1442	1445	1466	1469	1489	1492	1512	1515	1536	1539	1560	1563	1584	1587	1608	1611	1628
	3	1422	1441	1446	1465	1470	1488	1493	1511	1516	1535	1540	1559	1564	1583	1588	1607	1612	1627
	4	1423	1440	1447	1464	1471	1487	1494	1510	1517	1534	1541	1558	1565	1582	1589	1606	1613	1626
	5	1424	1439	1448	1463	1472	1486	1495	1509	1518	1533	1542	1557	1566	1581	1590	1605	1614	1625
	6	1425	1438	1449	1462	1473	POSTE	1508	1519	1532	1543	1556	1567	1580	1591	1604	1615	1624	
	7	1426	1437	1450	1461	1474	1485	1496	1507	1520	1531	1544	1555	1568	1579	1592	1603	1616	1623
	8	1427	1436	1451	1460	1475	1484	1497	1506	1521	1530	1545	1554	1569	1578	1593	1602	1617	1622
ESTRADA	1	BRS 511	1428	1435	1452	1459	1476	1483	1498	1505	1522	1529	1546	1553	1570	1577	1594	1601	1618
	2	PR14-572	1429	1434	1453	1458	1477	1482	1499	1504	1523	1528	1547	1552	1571	1576	1595	1600	1619
	3	PR14-346	1430	1433	1454	1457	1478	1481	1500	1503	1524	1527	1548	1551	1572	1575	1596	1599	1620
	4	BRS 284	1431	1432	1455	1456	1479	1480	1501	1502	1525	1526	1549	1550	1573	1574	1597	1598	1621

Fonte: Mapa de plantio da Embrapa Soja safra 2017/18

Após a soja nascer, os campos vai se modificando, embora seja preciso

entender o mapa de plantio para efetuar a colheita da safra que busca uma nova geração de variedades de soja, como na foto paisagem figura 40.

Figura 40: Área de parcelas/campo experimental



Fonte: Adair Vicente Carneiro/arquivo EMBRAPA Soja. 2010

Ainda na fazenda da EMBRAPA, existe um local chamado de Espaço de Educação Ambiental, preparado para receber alunos de escolas públicas e privadas. Neste espaço, existe a sede antiga da fazenda, que foi preservada, como a casa do antigo proprietário, as tulhas de café, o terreirão de secar café, o pomar uma represa para uso na irrigação e a área de pastagem antiga foi reflorestada e hoje (figura 41) é a Área de Preservação Permanente.

Figura 41: Espaço de Educação Ambiental



Fonte: Embrapa Soja

Neste espaço apresentado na figura 41, é feito uma comparação da temperatura de áreas de florestas e de áreas de cultura aberta (soja), com o uso de termômetros onde se mede a temperatura nas áreas abertas e onde está reflorestado, para comprovar a diferença que existe entre essas áreas, comprovando assim a vantagem de se fazer reflorestamento. Também é feito uma comparação de animais e insetos que existem em áreas de florestas além de humus (decomposição de folhas e galhos que caem no chão), e que ajudam a manter o solo úmido, ajudando a manter um local menos quente. Também na antiga sede, onde existe a tulha onde se guardava o café para secar e depois de seco (existe uma divisão na tulha), foi montando um museu com a história do café na região, com fotos e depoimentos de produtores e trabalhadores, inclusive alguns que eram empregados da fazenda de café e hoje são funcionários da EMBRAPA Soja, contando como foi a “saga do café”, na região.

Como atividade, após uma aula como essa, deve-se fazer relatório descrevendo as atividades desenvolvidas pela EMBRAPA, e ainda buscar informações por meio de pesquisa para entender as vantagens que as áreas de florestas propiciam a natureza e ao ser humano.

A seguir a tabela 08 apresenta um plano de aula, com o passo a passo para que se possa fazer uma aula de prática de campo, fazendo uso de espaço da fazenda Santa Terezinha/EMBRAPA Soja.

Tabela 08: Plano de aula: Prática de Campo

PROFESSOR: EDSON JOSÉ DO NASCIMENTO
DISCIPLINA: GEOGRAFIA/CARTOGRAFIA
TEMA: Trabalho de Campo
CONTEÚDO: Apresentar conteúdos que são trabalhados de forma teórica para que os alunos possam perceber a diferença entre teoria e prática.
OBJETIVO: Aproximar Professor X Alunos e conhecer a realidade apresentada no mapa, como no caso do trajeto de Ibiporã/PR até a EMBRAPA e os mapas de plantio que os empregados fazem uso no plantio e colheita
METODOLOGIA: A Embrapa Soja, com seu monitor, um engenheiro agrônomo, que apresenta no auditório a empresa a seus visitantes/alunos, fala da história e do trabalho desenvolvidos pela empresa, e os leva a conhecer os laboratórios e onde é desenvolvida as sementes transgênicas, e as estufas onde ocorrem os cruzamentos de variedades de soja para

que surjam novas variedades.

A Seguir os visitantes/alunos têm a possibilidade de conhecer os campos experimentais da EMBRAPA soja onde são plantadas as novas variedades de soja, como é feito o mapeamento da área onde a soja é plantada, todos os anos, além da conservação de solo, que é praxe na fazenda. Após os visitantes/alunos são convidados a conhecer o Espaço de Educação Ambiental, que nada mais é do que a sede da antiga fazenda Santa Terezinha, comprada pela EMBRAPA em 1975, onde hoje é a EMBRAPA Soja e que preservou a sede antiga da fazenda, e a casa do antigo proprietário, as tulhas e o terreirão se transformaram em um museu que conta a história do café, cultura que existia na fazenda antes da EMBRAPA comprar a propriedade, onde foi desenvolvido um mapa/roteiro para quem frequenta esse espaço. No espaço onde é a APP da EMBRAPA, é feita uma experiência sobre clima, onde se mede por meio de um termômetro a variação climática em áreas de florestas e áreas descobertas, com plantações sazonais, como no caso da soja.

AValiação: Montar um trabalho em grupo sobre as áreas florestadas, e o que ocorre com as chuvas, as temperaturas, a fauna, a flora, e como manter a floresta e áreas preservadas.

RECURSOS DIDÁTICOS: Mapas físicos, internet.

REFERÊNCIAS: EMBRAPA

TEMPO: Quatro aulas (04) na fazenda da Embrapa e uma (01) em sala de aula.

Fonte: Edson José do Nascimento, 2019

4.5 Possibilidade de aplicar aula sobre os imigrantes e migrantes que vieram colonizar o Estado do Paraná

O professor de Geografia, por meio de seu planejamento, pode trabalhar com algo que seja de interesse do aluno. Porque temos em nossas regiões povos tão diferentes, onde um tem os olhos verdes, azuis, pela branca, pele escura, de onde vieram essas pessoas, e porque escolherem o Norte do Paraná?

Questões como estas precisam ser trabalhadas para que o aluno entenda a formação do povo paranaense e brasileiro e passe a perceber porque fazemos uso de certos costumes, porque nos alimentamos com alguns tipos de alimentos e isto se faz por meio de pesquisas.

Hoje a mídia está presente em tudo, e o professor precisa fazer uso dessa tecnologia, também em sala de aula, e se o aluno tem em sua mão o celular, porque não

utilizar este aparelho também como ferramenta pedagógica, sendo que “[...] com as tecnologias modernas, os meios de comunicação passam a orientar, a conduzir o comportamento social. Eles ultrapassam as fronteiras políticas e culturais” (CASTROGIOVANNI, 2003, p. 83). E esta tecnologia precisa estar presente, por exemplo, para que o professor trabalhe com os próprios alunos, onde sua identidade, seu nome de família seja o início para uma busca, que faça uso da internet, para descobrir, por exemplo, de que região/país é o sobrenome de determinados alunos, pesquisar com os pais, avós porque deixaram seus países de origem e vieram para o Brasil, porque escolheram o Paraná, especificamente o Norte do Estado. São questões que põe a aluno a instigar sobre si mesmo, onde busca-se intensificar um interesse sobre uma pesquisa que o tem como parte do ensino.

E neste caso, tem-se que buscar as informações onde elas estão, ou seja, “[...] os homens, através da história, usaram o espaço para sua sobrevivência quando a tecnologia ainda era ainda era algo distante”. (FRANCISCHETT, 2004, p. 42). Essa integração que é preciso buscar, entender como os pais, os avós, deixaram seu lugar de origem em busca de novos lugares, de novas situações, o que deixaram para trás, como eram seus hábitos de vida, e o que conseguiram trazer para recomeçar a vida em outro lugar. Essas indagações, pode-se buscar por meio dos alunos, investigando como foi a formação da população de determinada região, aqui no caso a formação da população de Ibiporã/PR, onde se vê muitas famílias com nomes “estranhos”, de origem européia, asiática, africana e que pode ser objeto de investigação nos conteúdos escolares, demonstrando ao aluno, como sua vivência, seu local de origem também pode fazer parte dos conteúdos escolares.

Como principal atividade, no caso de buscar pelos sobrenomes dos alunos e de suas famílias, está o interesse em saber como se deu a colonização do Estado do Paraná, de quais regiões vieram para cá os estrangeiros que hoje moram aqui e ainda quais contribuições deram a nosso estado, uma vez que são muitas famílias de estrangeiros e de outros Estados que aqui moram.

O professor, deve sempre buscar situações que leve o aluno a pensar, procurar, por seus próprios meios, entender como ocorrem os processos, com no caso dos estrangeiros que vieram para o Norte do Paraná, porque vieram para este lugar, o que buscavam encontrar aqui, e ainda o que os levou a deixar sua terra natal.

A Geografia precisa dar ao aluno a oportunidade de entender como se formam/formaram algumas situações onde deve-se procurar entender a formação da população dos lugares, porque existem pessoas que vieram ou foram para algum lugar, porque

existe essa “mudança”, e o que ocorre a partir delas. Hoje vivemos em uma sociedade com pessoas que vieram de vários lugares, e porque vieram o que trouxeram de importante para nova região, são situações que precisam ser estudadas para que se possa entender como se deu a formação de nossa região e de outras regiões.

Ao tentar entender como se deu a formação populacional das regiões, pode-se por meio de mapas, pesquisar de onde vieram os povos que aqui estão, sejam migrantes ou imigrantes, pesquisar como são as regiões de onde vieram, como é a cultura em seu local de origem e o que trouxeram para desenvolver nossa região.

Neste caso, o mapa, apresenta ao aluno, detalhes que passam despercebidos quando apenas são tratados os conteúdos de forma teórica, daí a importância do mapa usado de forma adequada, e principalmente, porque a formação da população de nossa região, como de outras regiões, são formada por povos de muitos lugares. Ao buscar identificar a formação populacional de nossa região tem se que “[...] um dos objetivos de trabalhar com as representações cartográficas é estabelecer articulações entre conteúdo e forma, utilizando a linguagem cartográfica para que se construam conhecimentos, conceitos e valores”. (FRANCISCHETT, 2004, p. 46). Certamente apresentar conceitos e valores, seja o maior objetivo de professor, para que faça o aluno ser cidadão, ciente de seu papel na sociedade.

Este assunto precisa ser trabalhado em duas aulas, onde a primeira exige uma preparação do assunto, que deve obedecer a seguinte ordem:

A partir do livro de chamadas, observar os nomes e sobrenomes dos alunos, para em seguida questioná-los se eles sabem de onde vieram seus pais ou avós, se a família tem algum hábito diferente, por exemplo, gostam de comer alguma coisa que não é comum a todos os brasileiros, e se os pais ou avós já voltaram a terra natal, se eles tem curiosidades de conhecer de onde vieram seus parentes mais antigos.

A partir dos alunos, os que sabem sua origem dizer, buscar por meio da internet onde ficam esses países, se na África, América do Sul ou Norte, Europa, Ásia ou Oceania.

Identificado o país de origem, buscar informações sobre o mesmo, e tentar identificar em nossos costumes o que veio desse país, como exemplo, os ingleses trouxeram o futebol, os italianos o macarrão e a pizza, os espanhóis a *paejja*, os japoneses o *sashimi*, os portugueses gostam de padaria, no município de Apucarana as indústrias de móveis foram iniciativas dos espanhóis, os africanos trouxeram o samba, a feijoada, enfim somos uma cultura que está se formando, e é importante que busquemos informações sobre de onde

vimos e como contribuimos ou estamos contribuindo para nosso país.

Como segunda parte da aula, pedir aos alunos que pergunte aos pais e avós as informações que tem sobre a família, de onde vieram, o que trouxeram de lá, ainda tem alguma coisa diferente, se for possível levar na escola, levem para todos verem o que é, desde que você consiga explicar a origem. Tem um amigo meu que veio em 1908 e trouxe soja do Japão, que era um alimento que eles consumiam muito lá, então trouxeram para plantar aqui e acertaram porque aqui ainda não existia soja.

Como atividades para a aula, a partir das possíveis informações dos alunos, montar painéis com mapas e fotos, demonstrando de quais países e/ou regiões vieram os colonizadores, que tipo de contribuição trouxeram para nossa cultura, culinária, agricultura e indústria.

A seguir a tabela 09 apresenta um plano de aula com a sequência para montar uma aula com o tema: os migrantes e imigrantes que vieram colonizar o Estado do Paraná.

Tabela 09: Plano de aula: Os imigrantes e migrantes que colonizaram o Estado do Paraná

PROFESSOR: EDSON JOSÉ DO NASCIMENTO
DISCIPLINA: GEOGRAFIA/CARTOGRAFIA
TEMA: Os estrangeiros que colonizaram o Estado do Paraná
CONTEÚDO: Apresentar os estrangeiros que vieram colonizar o Paraná, de onde vieram e de que forma construíram nossa cultura.
OBJETIVO: Apresentar aos alunos como a cultura influencia os povos, de onde vem o hábito de comer alface, feijoada, macarrão, como surgiram danças como: samba, forró, etc....
METODOLOGIA: A partir do sobrenome dos alunos, uma vez que muitos alunos têm sobrenome de origem européia, perguntar aos alunos sobre suas origens, no caso dos brasileiros também, como no caso dos nordestinos, dos mineiros, enfim, todos têm suas histórias. O Paraná é um dos estados mais novos e os imigrantes e os migrantes fazem a cultura e a história do Paraná. Neste sentido é preciso apresentar aos alunos por meio de mapas, de onde vieram esses colonizadores, seja do Brasil, seja de outros países, e que colaborações trouxeram para nossa cultura, nossa alimentação, nossas indústrias, enfim, em que colaboraram com o Paraná. Perguntar aos alunos se seus pais e avós falam sobre a região de onde vieram e como era esse país/local?

RECURSOS DIDÁTICOS: Data show, TV pendrive, quadro negro, mapa-múndi e celular.

AValiação: Perguntar os alunos se alguns pensam um dia em ir conhecer ou morar em um desses países, ou se acha o Brasil um lugar bom para se viver?

Avaliar a participação dos alunos nos conteúdos, porém com um aviso prévio que esta será a modalidade de avaliação.

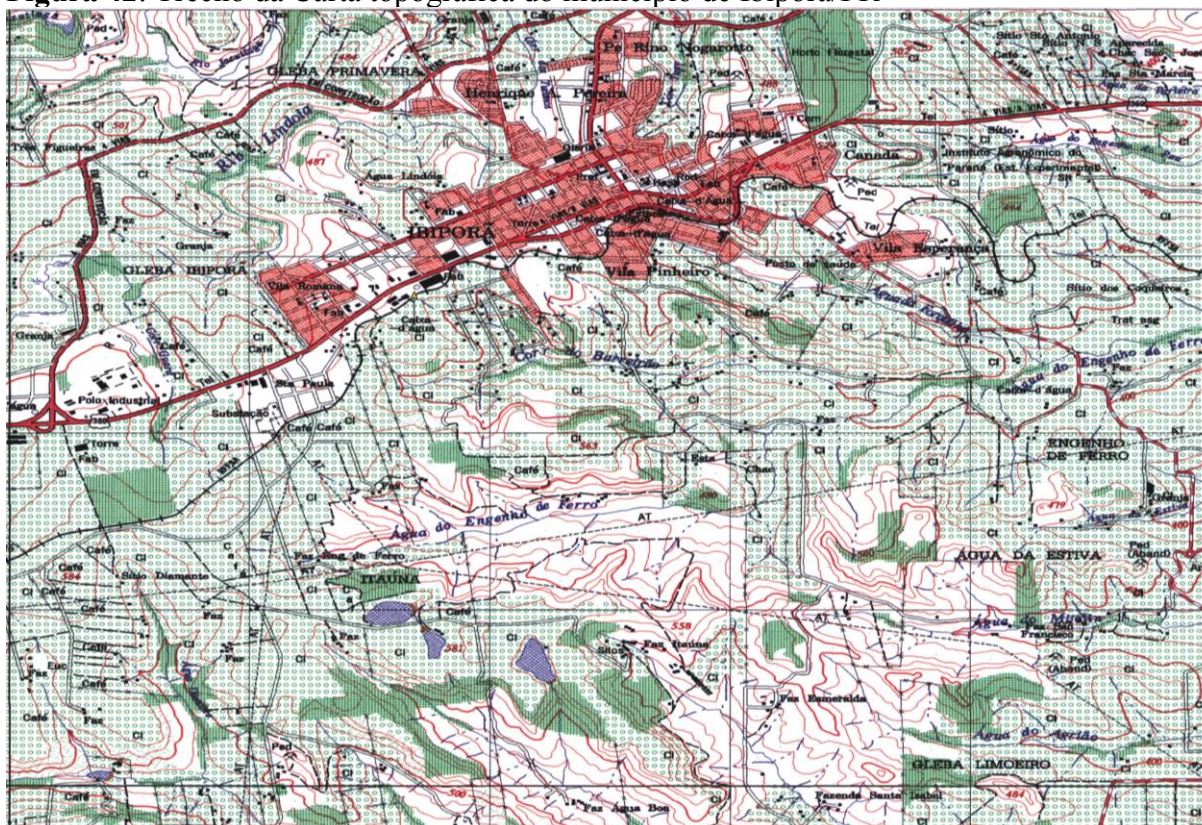
TEMPO: Duas aulas (02) uma para questionamento teórico sobre os nomes e o que sabem do país de origem dos pais/avós (professor deve instigar os alunos), e outra prática, para apresentar os mapas de onde vieram colonizadores e a influência sobre a cultura, e a produção agrícola e industrial do nosso Estado do Paraná.

Fonte: Edson José do Nascimento, 2019

4.6 Possibilidade de aplicar aula sobre a Pequena Cidade de Ibiporã/PR inserida no Ensino

Para esta atividade sugere-se a construção de uma maquete da área urbana de Ibiporã/PR, partir de uma carta topográfica do ITCG na escala 1:50.000. Inicamos o trabalho que consiste em ampliar essa carta vinte vezes e cortá-la para que apresente apenas a área urbana da cidade, uma vez que em tamanho normal é difícil identificar os rios, diferenças de relevos, etc.

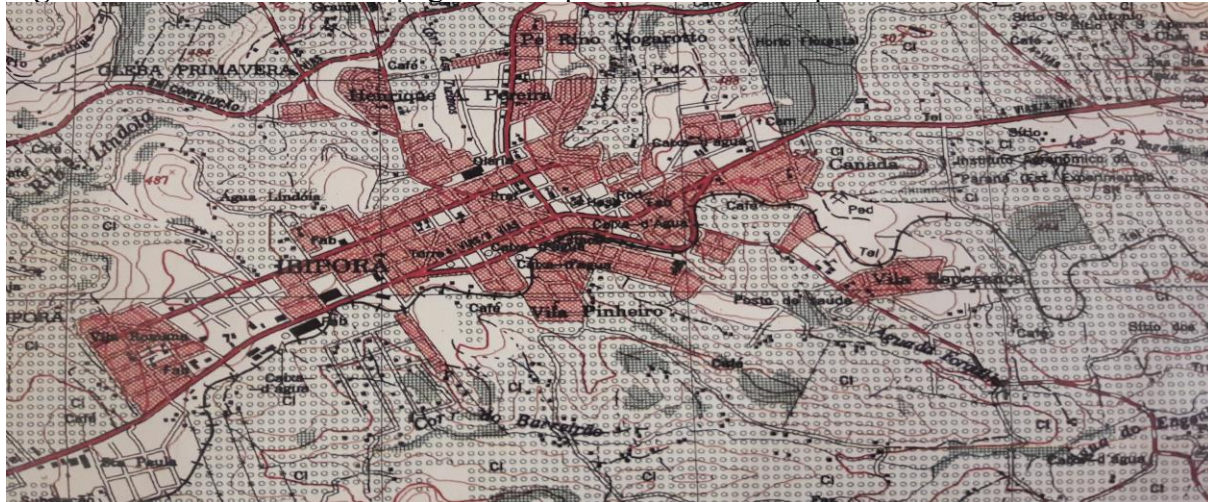
Figura 42: Trecho da Carta topográfica do município de Ibiporã/PR



Fonte: ITCG

A carta topográfica, figura 42, é a representação de uma região com seus acidentes geográficos e a hipsometria é a técnica de representar a altitudes por meio das cores, onde a cor verde representa as planícies, e o amarelo as altitudes médias e o marrom ou alaranjado as áreas mais elevadas. A marcação em azul são os rios e lagos.

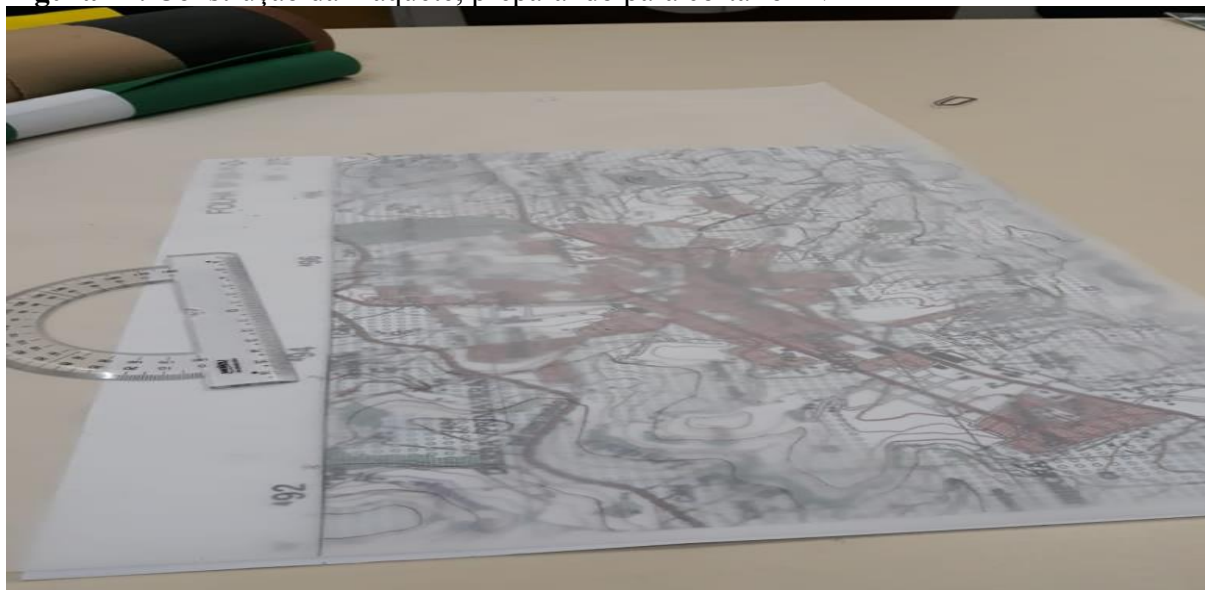
Figura 43: Recorte da carta topográfica do plano urbano de Ibiporã/PR



Fonte: ITCG

A partir do recorte da carta topográfica do município de Ibiporã/PR figura 43, foi montada a base para a maquete. E na sequência.

Figura 44: Construção da maquete, preparando para cortar o EVA



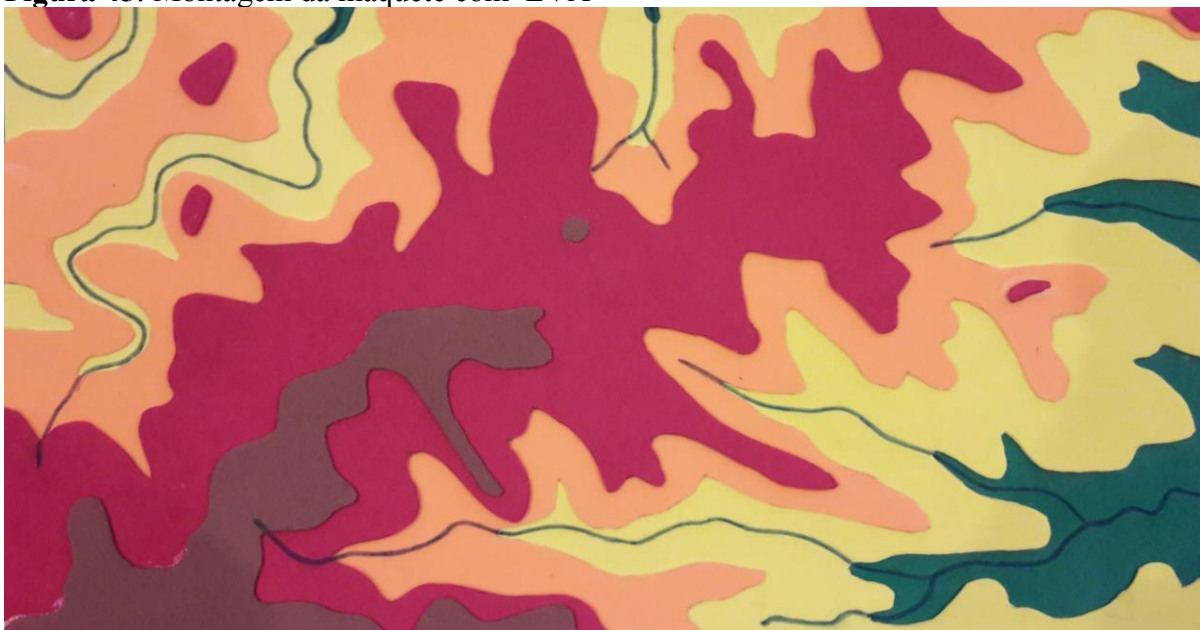
Fonte: Edson José do Nascimento, 2019

A partir do recorte da carta topográfica, figura 44, traça-se as bacias hidrográficas da área pesquisada, o relevo, os rios e é necessário identificar as altitudes, a partir da construção da carta hipsométrica, e sem seguida recortar os materiais para iniciar a construção da maquete.

Na figura 01 observa-se o EVA cortado a partir das cores traçadas pela carta

hipsométrica, que representa o relevo (curvas de nível) da área de estudo.

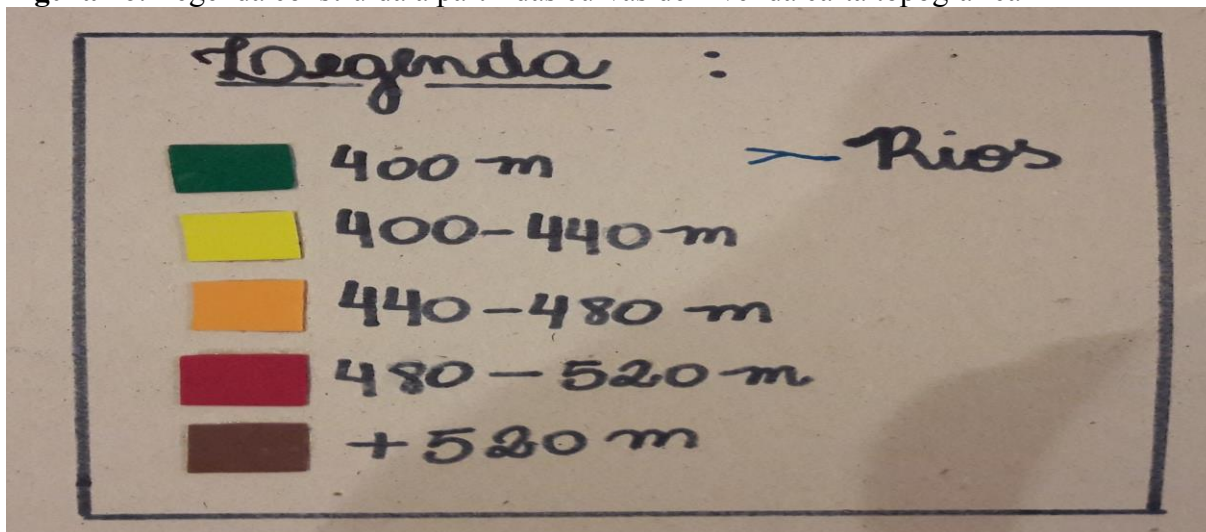
Figura 45: Montagem da maquete com EVA



Fonte: Edson José do Nascimento, 2019

A partir da identificação dos relevos, figura 45, é necessário que se faça uma legenda, onde fique claro tudo aquilo que foi observado na maquete, marcando de forma que possa ser entendido mesmo que a pessoa seja leiga no assunto.

Figura 46: Legenda construída a partir das curvas de nível da carta topográfica



Fonte: Edson José do Nascimento, 2019

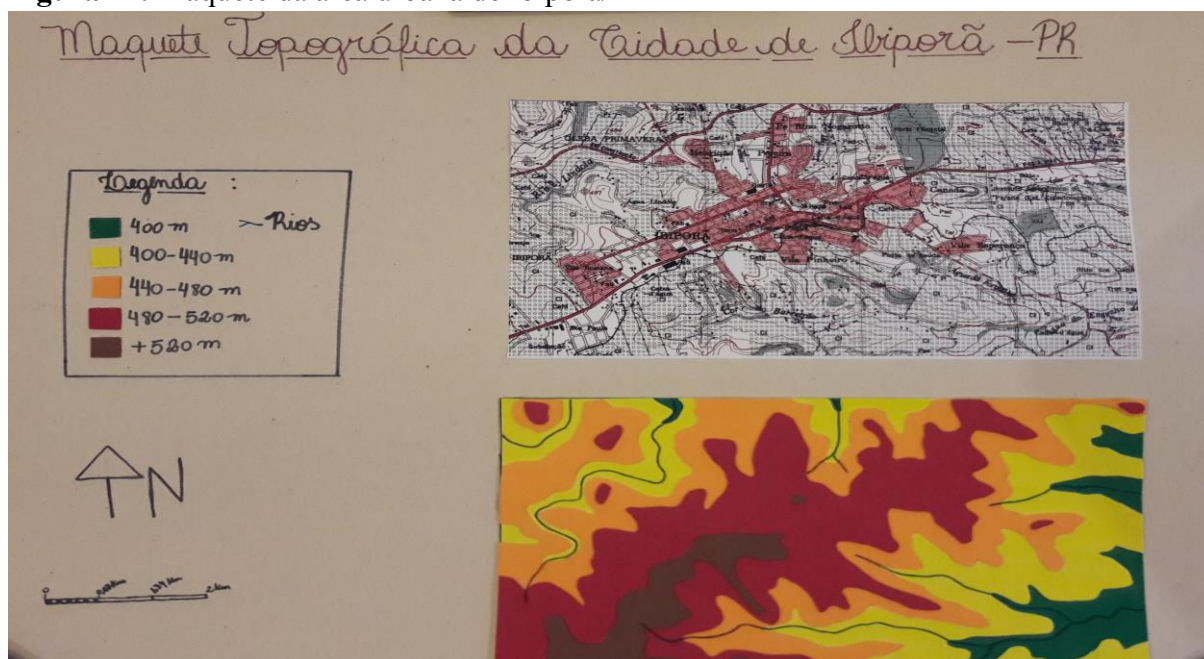
No caso da figura 46, a legenda apresenta cores variadas, onde cada cor representa curvas de níveis da mesma altitude, onde por meio da coloração da maquete,

percebe-se o relevo é mais alto ou mais baixo, para isto verificar na maquete a representação numérica e a cor referente. Sempre considerar que próximo dos rios e das nascentes, normalmente o relevo é mais baixo.

Na montagem da maquete, tem-se que estar atento ao posicionamento geográfico da maquete, isto porque no caso, como trabalha-se com a área urbana do município de Ibiporã/PR, precisa-se que seja identificado o Norte Geográfico, para que esta possa ser posicionada de forma correta no espaço geográfico.

Depois de seguir esses passos, tem-se uma maquete pronta, isto considerando que foi escolhido o recorte da área urbana de Ibiporã/PR, como forma de apresentar o relevo e a altitude desse espaço que compõe a area urbana da cidade, bem como os rios que nascem e cortam o plano urbano da cidade.

Figura 47: Maquete da área urbana de Ibiporã/PR



Fonte: Edson José do Nascimento, 2019

A partir da maquete é possível identificar como é o relevo da área da cidade de Ibiporã/PR, bem como identificar onde estão às áreas planas da cidade e também a diferença de relevo entre uma região e outra da cidade. A partir desse estudo pode se perceber em que tipo de relevo são construídos os bairros da periferia, o centro e as áreas nobres da cidade, também deve se fazer uso desse estudo para cuidar das regiões de nascentes, preservar os fundos de vale e proteger as bacias hidrográficas.

Como atividades em sala de aula, é possível identificar a partir da maquete,

considerando a cidade de Ibiporã/PR, onde são os pontos de maior e de menor altitude na cidade, (bairros, centro, área comercial ou industrial), as bacias hidrográficas e a área industrial da cidade.

A tabela 10 apresenta um plano de aula com o tema maquete, caso professores, tenham interesse em trabalhar com essa atividade.

Tabela 10: Plano de aula: Pequena Cidade

PROFESSOR: EDSON JOSÉ DO NASCIMENTO
DISCIPLINA: GEOGRAFIA/CARTOGRAFIA
TEMA: A pequena cidade – Ibiporã/PR
CONTEÚDO: Ao estudar a cidade deve-se começar pelo mapa, que vai delimitar o espaço do município, onde começou a formar a cidade e como ela começou.
OBJETIVO: Montar uma maquete do município de Ibiporã/PR, para entender como é o relevo da cidade.
METODOLOGIA: A partir de carta topográfica do município de Ibiporã/PR, fazer uma ampliação que facilite a identificação das curvas de nível e do relevo, e montar a maquete. É necessário que se faça com a participação de todos os alunos, desde a escolha do tema até o desenvolvimento/montagem da maquete. É importante a participação de todos. A maquete permite que os alunos tenham uma visão tridimensional do que é trabalhado, ou seja, permite que os alunos vejam o objeto representado de todos os ângulos, podendo observar, de forma reduzida, a natureza. É possível observar o caminho dos rios, as partes mais altas e as mais baixas da cidade, as áreas planas da cidade como se distribui a população e os bairros.
AValiação: Considerar a participação dos alunos e o resultado final da maquete.
RECURSOS DIDÁTICOS: Data Show, TV pendrive, quadro negro, tesoura, EVA, papel Paraná, Carta Topográfica, régua, lápis de cor e cola para confecção da maquete.
REFERÊNCIAS: FRANCISCHETT (2004), NACKE e MARTINS (2007)
TEMPO: Quatro aulas (04), uma para escolha do tema/assunto e as outras para confeccionar a maquete, desde que o tempo seja bem aproveitado.

Fonte: Edson José do Nascimento, 2019

05 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvimento da pesquisa, buscou-se uma forma de inserir o espaço de vivência do aluno, as pequenas cidades, nos conteúdos teóricos e práticos em sala de aula, uma vez que o livro didático por ser nacional, não contempla tais assuntos. A metodologia utilizada nos livros didáticos, quando trabalham as cidades em sua maioria, faz uso de um único local para todas as regiões, o que também acontece com as regiões metropolitanas, desconsiderando que no caso do Norte do Paraná tivemos uma colonização planejada e que muito influenciou no desenvolvimento agrícola da região, e precisa ser trabalhado à parte, apresentando aos alunos, como é esse local e como pode ser trabalhado em sala de aula. Autores como Francischett (2002, 2010), Schäffer (2003), Callai (2003), Souza (2003), Cavalcanti (2005, 2010), Endlich (2006, 2011), Damiani (2006), Pontuschka (2009), Stefanello (2009) entre outros fundamentam a questão do uso do livro didático com observações importantes, como se deve fazer uso da Cartografia no Ensino de Geografia e ainda a necessidade de inserir o local de vivência do aluno nos conteúdos escolares. Também analisou-se os conteúdos dos colégios privados de Ibiporã/PR e ainda o Caderno de Expectativas de Aprendizagem, material esse exclusivo da Secretaria de Educação do Paraná, que também orienta quanto ao uso da Cartografia e da possibilidade do professor de trabalhar com assuntos locais e regionais, respeitando o currículo.

A partir da leitura de alguns autores, percebe-se que mesmo algo que parecia simples que é como definir o que é uma pequena cidade, na verdade é complexo, uma vez que vários fatores influenciam nessas definições.

A partir da análise dos livros didáticos, do Caderno de Expectativas do Paraná e os materiais didáticos de algumas escolas privadas, percebeu-se uma lacuna, já que os conteúdos regionais não são trabalhados nessas publicações, buscou-se uma metodologia que contemplasse a pequena cidade, local de vivência do aluno, como conteúdos teóricos e práticos para o ensino. Onde por meio da Cartografia nas aulas de Geografia, seja possível estudar as paisagens que se tem no local, o relevo da pequena cidade, suas relações sociais, para em um momento seguinte, uma vez que o aluno já tenha conhecimento desses conceitos, compará-los com outras regiões, de acordo com o livro didático e os cadernos.

Busca-se dessa forma, dar uma nova dinâmica ao Ensino de Geografia, já que espera-se que os alunos adquiram maior interesse nas aulas, uma vez que as mesmas apresentarão seu lugar de origem, aproveitando parte de experiência/conhecimento que este

aluno tem desse local.

A partir dessa pesquisa, surgiu a idéia de fazer um caderno de atividades, considerando o local de vivência do aluno, trabalhar os conteúdos de Geografia e Cartografia, a partir das pequenas cidades. Nas etapas seguintes, foi-se buscando materiais que pudessem compor essas aulas, como imagens antigas da cidade de Ibiporã/PR, mapas que demonstravam o município, a área urbana e até mesmo os municípios vizinhos, para juntar-se ao material disposto nesse caderno de atividades

Para a montagem das aulas e completando o caderno de atividades, escolheu-se trabalhar conteúdos, como: Paisagem, Conurbação, Território e suas Fronteiras, o planejamento de uma aula de campo, considerando o espaço da Fazenda Santa Terezinha campo experimental da EMBRAPA Soja, os migrantes e imigrantes que vieram colonizar o Estado do Paraná e Ibiporã uma pequena cidade, montando uma maquete que apresente o espaço urbano da cidade e suas relações.

Esses assuntos foram escolhidos como complemento aos conteúdos do livro didático, que por ser nacional, não abrange os regionalismos, e entende-se que o ensino de Geografia e de Cartografia, deve considerar o local de vivência do aluno.

E nesse caso, espera-se criar uma possibilidade de trabalhar conteúdos que possam enriquecer o conhecimento dos alunos, propiciando assuntos teóricos que normalmente não são trabalhados, a não ser em casos específicos, mas que precisam tornar frequente nas aulas de Geografia, uma vez que são assuntos importantes.

Como no caso da Paisagem, onde é possível resgatar a formação da cidade, como era este espaço onde se tornou a cidade de Ibiporã, como foi para os primeiros que aqui chegaram, como chegaram, como eram as primeiras casas, e hoje, a cidade comparando com as fotos/paisagem do passado. São situações que possíveis de trabalhar a partir de paisagens, que demonstrem uma evolução, um desenvolvimento que agora ocorre também nas pequenas cidades e é necessário que o Ensino de Geografia esteja atento.

Quando se fala de Conurbação, normalmente busca-se apresentar regiões distantes, que pouco interessa aos alunos, desconsiderando que temos em Ibiporã/Londrina/Cambé, esse mesmo sistema, inclusive que pode ser observado pelo aluno mesmo quando está andando de ônibus, já que tem linhas que passam pelas três cidades, onde só é possível para quem conhece saber onde termina uma cidade e começa a outra, as diferenças entre elas, como se desenvolveu o comércio, os bairros, onde estão os shoppings centers, enfim para que isto faça o aluno refletir porque ocorre esse processo, observando uma

área *in loco*.

Quando se trabalha o Território, quase sempre o considera como poder, ocupação e neste caso temos o território nacional, os estados e os municípios, como poder oficial, e dentro desses, os territórios paralelos, como o território ocupado por traficante de drogas e outros, que podem ser melhor trabalhados quando o conteúdo é apresentado em sua origem, vivenciando isto, considerando a pequena cidade como ponto de partida, e buscando delimitá-la com da Cartografia.

O trabalho de campo, além do conhecimento que é facilitado pelo contato com o objeto/local, onde se pratica essa aula, aproxima Professor e aluno, de uma forma que se torna uma experiência inesquecível para ambos, devido ao tempo e o contato que passa a existir, já que ambos, fazem um trabalho que precisa ser desenvolvido parte por parte, com detalhes que ambos vão observando, colaborando até que se tenha um resultado final, e que todos vão ficar satisfeitos. Desde quando era aluno, achava interessante em uma sala de aula, tantos sobrenomes diferentes, uns “estranhos”, hoje buscou-se desenvolver um conteúdo específico para que os alunos entendam e compreendam essas diferenças e de onde vem cada um desses sobrenomes, para que possam entender a formação do povo e a cultura do nosso estado.

E também a partir do uso da Cartografia, desenvolver uma maquete do perímetro urbano da cidade, para entender como se dá a ocupação da cidade, porque o centro está localizado onde está, porque os mais pobre estão nas periferias e os serviços públicos atingem menos quem mora nesses lugares, quando são eles os que mais precisam, e ainda propor questões e atividades sobre o assunto. Espera-se que estudantes e professores de Geografia possam fazer uso desses conteúdos, e aproveitá-los em suas aulas, como alternativa ao livro didático e apresentar aos alunos, seu local de origem, sua cidade como conteúdos teóricos e práticos em sala de aula, para que o aluno busque conhecer mais seu lugar e a partir do uso da Geografia e da Cartografia na pequena cidade, perceba a importância que tem o seu lugar e o conhecimento que precisa adquirir, também do lugar que vive.

Espera-se que ao propor as atividades descritas no Caderno de Atividades, essas possam ser aproveitadas e/ou melhoradas por outros Professores e estudantes de Geografia, como contribuição teórica e prática, já que novas pesquisas, novas idéias sempre trazem um novo ânimo, e espera-se que esta proposta possa de alguma forma contribuir com aqueles que querem buscar outros caminhos. Alguns autores, pesquisados nesta Dissertação, também entendem que o fato de estudar o local de vivência do aluno, aplicar ali os conceitos

geográficos, seja através de fotos, mapas, maquetes, fazendo uso de GPS ou web quest, e até mesmo do celular, pode por meio de pesquisa, buscar assuntos, imagens, fotos e mapas que interessam ao ensino, para enriquecê-lo. E o que se busca na pesquisa é uma forma de tornar o Ensino de Geografia mais atraente, de forma que os alunos possam participar mais das aulas, a partir do uso de seu local de vivência: a pequena cidade.

06 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAS, Melhem; ADAS, Sergio: **Expedições Geográficas 7º ano**. São Paulo. Moderna 2015

ALMEIDA, Regina Araújo de: **A Cartografia tátil no ensino de Geografia: teoria e prática**. In: Cartografia Escolar. Org: ALMEIDA, Rosangela Doin de. São Paulo: Contexto, 2014.

ANDRADE, Manuel Correia: **Caminhos e descaminhos da geografia**. Campinas, Editora Papyrus, 1999.

ARCHELA, Roseli Sampaio; CALVENTE, Maria Del Carmem M.H. **Ensino de Geografia: tecnologias digitais e outras técnicas passo a passo**. Londrina: EDUEL, 2008.

ANTONIO FILHO, Fadel David: **Na planície Amazônica, de Raimundo Moraes: Uma avaliação do pensamento geográfico na literatura regionalista**. In: VITTE, Antonio Carlos: Org. Contribuições à história e à epistemologia da Geografia. Rio de Janeiro: 2007. Editora Bertrand Brasil.2007.

BOLIGIAN, levon (et al): **Geografia Espaço e Vivência, 7º**. São Paulo: Saraiva. 2015.
MARTINEZ, Rogério; GARCIA; Wanessa; ALVES, Andressa.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2018: apresentação – guia de livros didáticos – ensino médio/ Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica**. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CALLAI, Helena Copetti: Estudar o lugar para compreender o mundo. Org: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER Nestor André: **Ensino de Geografia: praticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre, Editora Mediação, 2003.

CALLAI, Helena Copetti: O ensino de Geografia: Recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos: Org: **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros- seção Porto alegre, 2003.

CALLAI, Helena Copetti: O estudo do município ou a Geografia das séries iniciais. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos: Org: **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros- seção Porto alegre, 2003.

CALLAI, Helena Copetti; CALLAI, Jaeme Luiz: grupo, espaço e tempo nas series iniciais: In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos: Org: **Geografia em sala de aula: praticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros- seção Porto alegre, 2003.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos: o misterioso mundo que os mapas escondem: In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos: Org: **Geografia em sala de aula: praticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros- seção Porto alegre, 2003.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GOULART, Lígia Beatriz: A questão do livro didático em Geografia: elementos para uma análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos: Org: **Geografia em sala de aula: praticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros- seção Porto alegre, 2003.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos: e agora, como fica o ensino de Geografia: In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos: Org: **Geografia em sala de aula: praticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros- seção Porto alegre, 2003.

CAVALCANTI, Lana de Souza: **Aprender sobre a cidade: A geografia urbana brasileira e a formação de jovens escolares**. Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 pp. 1-18. Disponível em > <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2900> < Acesso em 10 de abril de 2016.

CAVALCANTI, Lana de Souza: **A Geografia Escolar e a Cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas SP. Editora Papyrus, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza: **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas SP. Editora Papyrus, 2005.

CHIES, Claudia; YOKOO, Sandra Carbonera: COLONIZAÇÃO DO NORTE PARANAENSE: AVANÇO DA CAFEICULTURA E PROBLEMAS DECORRENTES DESTE PROCESSO. Revista GEOMAE - Geografia, Meio Ambiente e Ensino. Vol. 03, Nº 01, 1º SEM/2012. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/geomae/article/view/2014>. Acesso em 10/09/2017.

CORRÊA, Roberto Lobato: **Globalização e reestruturação da rede urbana uma nota sobre as pequenas cidades.** Revista TERRITÓRIO, ano IV, nº 6, jan./jun. 1999 > Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/06_5_correa.pdf < Acesso em: 30 de junho 2017.

DAMIANI, Amélia Luisa. **Cidades médias e pequenas no processo de globalização. Apontamentos bibliográficos.** *En publicación: América Latina: cidade, campo e turismo. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006. ISBN 978-987-1183-64-7* Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/08damiani.pdf>. 2006.

ENDLICH, Ângela Maria: **TERRITÓRIO E MORFOLOGIA URBANA EM PEQUENAS CIDADES: O QUE REVELAM?** Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011.

ENDLICH, Ângela Maria: **Pensando os Papéis e Significados das Pequenas Cidades do Noroeste do Paraná.** Presidente Prudente. 2006 (Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia). 2006.

Ibiporã memórias e fotos atuais: **Ibiporã Memórias e Fotos Atuais.** Ibiporã/PR, 12/06, 2018. João Carlos Murgi; Carlos Alberto Fante; João Lorival Jacobowski; José Carlos Neves Lopes. Disponível em >

https://www.facebook.com/search/top/?q=ibipor%C3%A3%20mem%C3%B3ria%20e%20fotos%20atuais&epa=SEARCH_BOX < Acesso em 12/06/2018

FERRETI, Eliane: **Geografia em ação, práticas em climatologia.** Curitiba: Aymar. 2012.

FILIZOLA, Roberto: **Didática da Geografia:** proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação. Curitiba. Base Editorial, 2009.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi: **A cartografia no ensino de geografia:** abordagens metodológicas para o entendimento da representação. Cascavel: EDUNIOESTE, 2010.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi: **A Cartografia no ensino de Geografia:** a aprendizagem mediada. Cascavel: Edunioeste, 2004

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi: **A cartografia no ensino de geografia:** construindo o caminho do cotidiano. Rio de Janeiro, Litteris Ed. Kroart. 2002.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi: **A Cartografia no Ensino de Geografia:** a aprendizagem mediada, na Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP - Campus de Presidente Prudente / Mafalda Nesi Francischett. - Presidente Prudente: 2001.

FRESCA, Tânia Maria: **Centros locais e pequenas cidades:** diferenças necessárias. Mercator - número especial, 2010: dez. p. 75 a 81

FRESCA, Tânia Maria: Redefinição dos papéis das pequenas cidades na rede urbana do norte do Paraná. Org: ENDLICH Ângela Maria; ROCHA Marcio Mendes: **Pequenas cidades e Desenvolvimento local**. Maringá. PGE, 2009.

GEORGE, Pierre: **Geografia Urbana**. Tradução pelo grupo de estudos franceses de interpretação e tradução, São Paulo: Editora DIFEL. 2003.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro. Disponível em > <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/saude/9662-censo-demografico-2010.html>. < Acesso em: 19/09/2018.

IBIPORÃ; **Dados Geográficos:** Disponível em: ><http://www.ibipora.pr.gov.br/conteudo/mostrar/id/1136/titulo/Dados+Geogr%C3%A1ficos>. **2011**. <Acesso em 15/01/2018.

KAERCHER, Nestor André: Estudos sociais: reflexões, conflitos e desafios. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos: Org: **Geografia em sala de aula: praticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros- seção Porto alegre, 2003.

KAERCHER, Nestor André; A Geografia é o nosso dia-a-dia. In: **Geografia em sala de aula: praticas e reflexões**. Org: CASTROGIOVANNI Antonio Carlos; CALLAI Helena Copetti; SCHÄFFER Neiva Otero; KAERCHER Nestor André. 4 ed. Porto Alegre. Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Porto Alegre, 2003.

KAERCHER, Nestor André; SCHÄFFER Neiva Otero; REICHWALD JR Guilherme: A Geografia no Ensino Médio. In: **Geografia em sala de aula: praticas e reflexões**. Org: CASTROGIOVANNI Antonio Carlos; CALLAI Helena Copetti; SCHÄFFER Neiva Otero; KAERCHER Nestor André. 4 ed. Porto Alegre. Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Porto Alegre, 2003.

NACKE, Sonia Mary Manfroi; MARTINS, Gilberto: **A MAQUETE CARTOGRÁFICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO MÉDIO. O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE: Versão Online** ISBN 978-85-8015-037-7 Cadernos PDE. 2007.

PEREIRA, Adriana Castreghini de Freitas: **A Cartografia na formação de professores de Geografia:** relato de atividades práticas na Universidade Estadual de Londrina/PR. 2014. Universidade de Sorocaba – Uniso- Programa de Pós-Graduação em Educação. Seminário Internacional de Educação Superior 2014. Formação e Conhecimento. Anais Eletrônicos. Disponível em: > https://uniso.br/publicacoes/anais_eletronicos/2014/1_es_formacao_de_professores/01.pdf. Acesso em 20/08/2018

PEREIRA, Robson da Silva: **Geografia**. São Paulo, Editora Blucher, 2012. (Coleção: a reflexão e a pratica no ensino). 2012.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei; **Para ensinar e aprender Geografia**. 3º Ed. São Paulo. Editora Cortez, 2009.

RUA, João: população e cidadania: in: Geografia em sala de aula: praticas e reflexões. Org: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; et al: **Org: Geografia em sala de aula: praticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Associação dos Geografos Brasileiros- seção porto alegre, 2003.

SANTOS, Milton: Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico- Científico-informacional. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton: **Manual de Geografia urbana**. São Paulo. Editora da Universidade de são Paulo, 2012.

SANTOS, Milton: **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciencia universal**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SCHAFFER, Neiva Otero: O livro didático e o desempenho pedagógico: anotações de apoio à escolha do livro texto. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos: Org: **Geografia em sala de aula: praticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros- seção Porto alegre, 2003.

SCHÄFFER, Neiva Otero: A cidade nas aulas de Geografia. In: **Geografia em sala de aulas: práticas e reflexões**. Org.: CASTROGIOVANNI et al. Porto Alegre, Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2003.

SEED/PR, Departamento de Educação Básica: **Caderno de Expectativas de Aprendizagem**. 2012. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/caderno_expectativas.pdf < acesso em 11 de out. de 2016.

SISTEMA MAXI DE ENSINO: **Conteúdo Programático Ensino Fundamental Anos Finais – Somos Educação – Sistema Maxi de Ensino**. Colégio Santa Marta.

SOUZA, Marcelo Lopes de: **ABC do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro. Editora Bertrand. 2003.

SCHAFFER, Neiva Otero: **A cidade nas aulas de Geografia**; in: Geografia em sala de aula. Org: CASTROGIOVANNI; Antonio Carlos; CALLAI Helena Copeti; SCHAFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André. 4º edição Porto Alegre, Editora da UFRGS/ Associação dos Geografos Brasileiros – seção Porto Alegre. 2003.

STEFANELLO, Ana Clarissa; **Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino de Geografia**. São Paulo, editora Saraiva. 2009.

UFRGS: **PET** **Biologia** UFRGS: Disponível em:
><https://www.ufrgs.br/petbiologia/2016/07/15/unidade-de-conservacao-app-e-reserva-legal-nao-e-tudo-a-mesma-coisa/> < Acesso em 15/01/2018.